



Universidade Federal
de Campina Grande

CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

DEYSE DAYANE ALVES MARQUES DE LUNA FREIRE

**“A FEIRA É CHÃO!”: PRÁTICAS INVENTIVAS E SOCIABILIDADES
NA FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE - PB**

CAMPINA GRANDE-PB

2019

DEYSE DAYANE ALVES MARQUES DE LUNA FREIRE

**“A FEIRA É CHÃO!”: PRÁTICAS INVENTIVAS E SOCIABILIDADES
NA FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE - PB**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva

CAMPINA GRANDE-PB

2019

F866f Freire, Deyse Dayane Alves Marques de Luna.
“A feira é chão!”: práticas inventivas e sociabilidades na Feira
Central de Campina Grande-PB / Deyse Dayane Alves Marques de Luna
Freire. – Campina Grande, 2019.
104 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal
de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação: Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva".

Referências.

1. Antropologia Urbana. 2. Feira – Práticas Inventivas. 3. Feira –
Sociabilidades. I. Silva, Vanderlan Francisco da. II. Título.

CDU 572.28(043)

Ata da 391ª Sessão Pública de defesa de Dissertação de Mestrado da aluna Deyse Dayane Alves Marques de Luna Freire do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

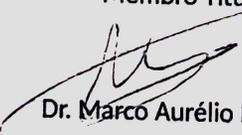
Aos cinco dias do mês de setembro do ano de dois mil e dezenove, às 14:00 horas, no Auditório Fábio Freitas - CH/UFCG, campus de Campina Grande, reuniu-se, na forma e termos dos artigos 63, 64 e 65 do Regulamento Geral dos Cursos e Programas de Pós-Graduação "Stricto Sensu" da UFCG, Resolução nº 02/2006 da Câmara Superior de Pós-Graduação da UFCG, a Banca Examinadora, composta pelos professores: Dr. Vanderlan Francisco da Silva - PPGCS/UFCG, na qualidade de Presidente da Banca e Orientador, Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior - PPGCS/UFCG, como examinador interno e Dr. Marco Aurélio Paz Tella - PPGA/UFPB, como examinador externo, todos na qualidade de Membros Titulares, para julgamento da Dissertação de Mestrado da aluna Deyse Dayane Alves Marques de Luna Freire, intitulada "A FEIRA É CHÃO! Práticas inventivas e sociabilidades na Feira Central de Campina Grande-PB". A sessão pública foi aberta pelo professor Dr. Vanderlan Francisco da Silva. Após a apresentação dos integrantes da Banca Examinadora, a candidata iniciou a exposição do seu trabalho, sendo este seguido das arguições dos examinadores. O professor Dr. Vanderlan Francisco da Silva convidou o professor Dr. Marco Aurélio Paz Tella para iniciar a arguição e o professor Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior prosseguiu com a arguição. Em seguida, a banca examinadora solicitou a retirada da assembleia para, em sessão secreta, avaliar a candidata. Após análise da Banca Examinadora foi atribuído o conceito APROVADO, conforme o artigo 65 da Resolução 02/2006 da Câmara Superior de Pós-Graduação da UFCG. Nada mais havendo a tratar, eu, Rinaldo Rodrigues da Silva, Secretário acadêmico, lavrei a presente Ata que, lida e aprovada, assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

Campina Grande, 05 de setembro de 2019


Rinaldo Rodrigues da Silva
Secretário Acadêmico


Dr. Vanderlan Francisco da Silva
Orientador/Presidente da Banca


Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior
Membro Titular


Dr. Marco Aurélio Paz Tella
Membro Titular


Deyse Dayane Alves Marques de Luna Freire
Aluna

*É como olhar no espelho precioso
Onde forma e reflexo se encontram.*

Você não é ele,

Mas ele é tudo de você.

(Tôzan Ryokai DaioshO, China, século X)

Dedico esse estudo à minha sobrinha Júlia, que chegou nesse mundo há seis meses, e trouxe para a minha vida a renovação, o amor e a esperança.

A Antônio Paulo, meu afilhado amado, sempre preenchendo minha vida de sorrisos e novos ensinamentos com seu olhar sensível de criança.

E à minha mãe moçambicana de coração Maria Cândido por todas as palavras de incentivo e lições de perseverança. (In memoriam).

AGRADECIMENTOS

Aos feirantes da Feira Central, meus interlocutores, portadores de tantos saberes que tive a oportunidade de conhecer, sou grata por terem me acolhido e contribuído para a realização deste trabalho.

Ao meu esposo Leonel Freire, que mais do que ninguém sabe que essa jornada iniciou muito antes do meu ingresso como mestrandia, me apoiou incondicionalmente na minha busca por esse objetivo, em dias difíceis e noites insones, quem acreditou em mim desde o início. A você, meu amor e gratidão.

À Nikita, minha filha de quatro patas, que enche meus dias de alegria, e não me deixou sozinha em nenhum momento, fosse de alegria ou dificuldade, me velando tal como um anjo da guarda.

Aos meus avós/pais Dapaz e Uilba, os pilares da minha vida. Por seus ensinamentos, amor e apoio em todos os momentos da minha vida.

À minha mãe Paula Alves, por ter me transmitido muitos valores e muitas de suas características, uma delas, a garra para realizar os objetivos.

A todos os meus irmãos e irmãs, Paulo, Wellington, Uildo, Roger, Rayanny e Paulo Victor. E em especial, a minha irmã Jussara, sou grata por termos compartilhado tantos desafios e conquistas juntas, você é inspiração para mim.

Às minhas amigas e amigos Amélia, Laila, Mayara, Nayara, Tâmara, Walmênia, Josemar, Humberto, Jonatan, Giordano e Petrônio. Vocês que me apoiaram sempre, me ouviram e partilharam tanta energia boa para meu fortalecimento.

Às amigadas que a distância não separa e são parte do meu alicerce, Caroline, Cláudia, Edisária, Cynara, Kayara, Patrícia e Fernando.

A todos do grupo SOCIATOS, desde os primeiros membros que passaram como Alessandra, Samara, Mércia, Rommel, Rodolfo, Lulinha; aos que permaneceram como Magnólia, Mariana (pela partilha de forças), Tiago, Demétrio, Banjaqui, Claudius, Jefferson, Denise, Talita, Monalisa, até os novos membros como Jakeline (gratidão, minha companheira de todas as horas), Fabíola, Carol, Milena, Kalyene, Letícia, Susana (gratidão pelas palavras de apoio e incentivo), Savana, Suênia, Isabelly, Silvana e todos os outros que passaram, permaneceram e chegaram. Gratidão por todos os cafés e experiências compartilhadas.

Ao meu orientador, o professor Vanderlan Silva, pelo acolhimento e pelas valiosas contribuições para o meu crescimento acadêmico. Gratidão e respeito por toda a compreensão, apoio e lições que levarei para vida.

A todos os colegas e professores do PPGCS, com quem pude compartilhar tantos momentos de aprendizado e que contribuíram de forma direta para meu crescimento acadêmico e pessoal. Em especial, aos colegas Jakeline, Fabíola, Caroline, Jéssica, Messias, Raffael, Thiago e Tito.

RESUMO

Essa dissertação tem por objetivo analisar as práticas inventivas dos feirantes na Feira Central da cidade de Campina Grande-PB, a partir da observação dos estilos de uso e as formas de sociabilidades construídas pelos feirantes. Apresento nesse trabalho o tecido da Feira, costurando suas ruas, personagens e as sociabilidades locais, e para esse objetivo, utilizei uma metodologia qualitativa/etnográfica, desenvolvida em observações direta e participativa em campo realizadas em dias da semana e horários alternados, e com uso de entrevistas semiestruturadas aplicadas a um grupo de feirantes de diferentes setores da Feira, onde busquei identificar suas rotinas e as práticas inventivas. Os resultados alcançados nesse estudo demonstraram que a figura do feirante presente no cotidiano da Feira, a compreende como um “lugar de sentido”. Em seus personagens (seja o sujeito do comércio, o que habita, passeia ou faz outros usos), desperta uma identificação e localização social no mundo. Por meios materiais e simbólicos, os feirantes que ali se concentram de segunda a sábado, estão mobilizando cotidianamente a vivacidade do lugar entre trocas de sociabilidades, práticas e saberes.

Palavras-chave: Feira. Práticas inventivas. Sociabilidades.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the inventive practices of the marketers in the “Feira Central” in Campina Grande – PB city, through the observation of the styles of use and forms of sociability built by the marketers. In this work, I present the tissue of the “Feira Central” sewing its streets, characters and the local sociability, thus to achieve this goal, I utilized an ethnographic and qualitative methodology, developed in a direct and participative observation in field, performed in alternated days of week and different times, as well as the semi-structured interviews applied to a group of marketers from different spots, where I aimed to identify their routines and their inventive practices. The results achieved in this study showed that the figure of the marketer in the daily life of the fair it is comprehended as a “place of meaning”. The characters who transit there (the marketer, the subject that inhabits, strolls or made other uses), awakes a social identification and localization in the world. Through material and symbolic ways, the marketers which are concentrated there from Monday to Saturday, are mobilizing routinely the vivacity of the place among exchanges of sociability, practices and knowledges.

Keywords: fair; inventive practices; sociability

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Mapa da Paraíba.....	19
Figura 02 – Mapa de localização do núcleo central de Campina Grande.....	20
Figura 03 – Dia de Feira na Rua Maciel Pinheiro, 1930.....	21
Figura 04 – Feira Central anos 1960.....	22
Figura 05 – Péla-porco.....	23
Figura 06 – Feirantes ambulantes comercializando na Feira.....	24
Figura 07 – Mapa de Campina Grande.....	26
Figura 08 – Região da Feira de Campina Grande.....	30
Figura 09 – Mapa da Feira Central de Campina Grande.....	47
Figura 10 – Edifício Pau do Meio, 1980.....	49
Figura 11 – Edifício Pau do Meio, 2013	49
Figura 12 – Balaio de verduras.....	61
Figura 13 – Carlos em sua prática cotidiana.....	61
Figura 14 – Cliente realizando compras em sua moto.....	69
Figura 15 – Mesa do cliente.....	71
Figura 16 – Banco de Renata.....	73
Figura 17 – Feira de Flores.....	75
Figura 18 – Box da Ziza.....	87
Figura 19 – Visão de dentro do Box de Ziza.....	88
Figura 20 – O maior é R\$18, o menor é R\$17.....	94

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. O UNIVERSO DA FEIRA CENTRAL.....	15
1.1 APRESENTANDO AS CATEGORIAS – PRÁTICAS INVENTIVAS E SOCIABILIDADES.....	15
1.2 HISTÓRIA DA FEIRA LIVRE CAMPINENSE.....	18
1.3 A CIDADE.....	25
1.3.1 Produção cultural, o agave do lugar.....	33
1.3.2 A economia local.....	35
2. CAMINHOS DA PESQUISA.....	39
2.1 APROXIMAÇÃO COM O CAMPO DE PESQUISA.....	39
2.2 QUANDO O CAMPO É A FEIRA.....	40
2.3 CARTOGRAFIA DA FEIRA.....	46
2.4 DIA DE FEIRA.....	53
3. A FEIRA CENTRAL.....	59
3.1 O CHÃO DOS FEIRANTES, ESPAÇO TOMADO.....	59
3.2 NEM TUDO É “FEIRA DE FLORES”.....	76
3.3 O “CONCRETO VIVIDO”.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS.....	100

INTRODUÇÃO

Esta dissertação se desenvolve a partir do estudo sobre as práticas inventivas dos feirantes na Feira Central da cidade de Campina Grande-PB, realizado a partir da observação de dois aspectos: os estilos de uso (CERTEAU, 2014) que compreende os gestos, falas, posturas e estratégias acionadas pelos feirantes que reportam às suas significações sociais do espaço, e as formas de sociabilidades (SIMMEL, 1983), que consistem nas mais variadas maneiras de interagir, cordialidades, práticas de negociação e laços de confiabilidade.

A Feira Central de Campina Grande está inscrita no cotidiano da cidade como um marco de representação social, econômica e cultural para seus habitantes. Estende-se por toda a região nordeste sua fama de uma das maiores feiras a céu aberto do Brasil (ALBUQUERQUE DA COSTA, 2003), um orgulho que permeia o imaginário da população local por sua tradição e relevância.

Quando pensamos no espaço da Feira, nos surge uma imagem que alude, muitas vezes, à nossa infância. Acionamos na memória um lugar em que nossos pais nos levavam em um determinado dia do mês para comprar os mantimentos, e era nesse dia, que tínhamos permissão para escolher uma guloseima. “É dia de fazer a feira”, escutávamos dos nossos pais, e essa fala, imediatamente nos remete a um dia de andanças, paradas, conversas, sabor de pastel, cheiros de frutas, um cenário colorido, vários animais (alguns vivos em gaiolas, outros sendo preparados em alimento), e ao fim do dia, voltávamos para casa com muitas sacolas e muitas memórias.

Essa paisagem que temos fixa na memória reflete diuturnamente as riquezas que circulam naquele espaço, nos transmite uma ideia de comércio que dificilmente encontramos em outro lugar, mas que está muito além do entendimento de quem não vivencia a Feira no cotidiano, como os personagens que a praticam no dia a dia comercializando, visitando e habitando.

A relação que a cidade tem com o espaço da Feira remete ao desenvolvimento da economia local e região, percebemos a Feira de Campina Grande como um impulsionador e gerador de empregos, por seu modelo empregador flexível ao proporcionar oportunidades de ocupações informais. Assim, a Feira se apresenta como um espaço de reinvenção, criatividade e sustento de muitas famílias.

Se constata, ainda, a grande relevância que a Feira ocupa no tecido cultural da cidade, marcada pelas constantes trocas sociais com órgãos do governo, como as universidades locais e o Museu de Arte Popular da PB (PIZZIGNACCO, 2016), onde estão tuteladas as produções

populares gestadas no espaço da Feira. Os repentes, cordéis, pinturas, esculturas, artes de toda sorte, frutos de poetas, cantadores e cordelistas que ocuparam ao longo da história, e ainda hoje ocupam a Feira como um grande palco.

É inegável a importância da abordagem da Feira em diversas matérias que tratam como tema a cidade de Campina Grande. Pode-se conferir esse debate nas áreas de história, geografia, comunicação e arquitetura, como denotam os estudos referenciados nesse trabalho. A produção de pesquisas de cunho socioantropológico, porém, ainda é incipiente, tornando, assim, necessária sua ampliação na área.

Na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, tive a oportunidade de participar do, então, segundo ano da realização do Grupo de Trabalhos sobre Feiras proposto pelo evento, que trouxe discussões sobre a Feira como espaço de múltiplas representações. A recente criação do GT demarca a notoriedade do tema como uma discussão que, apesar de embrionária, é essencial para pensar como a cidade se relaciona com esse espaço. Percebo, assim, a necessidade de imergir e pensar a Feira “como ‘mangue social’, na medida em que também ela, tal como a cidade da qual é um substrato, produz e dá assento a multiplicidade de sujeitos sociais que circulam e se localizam nesse lócus de acordo com os lugares que ocupam no seio das relações” (SILVA, 2017).

Neste sentido, para compreender as práticas inventivas dos feirantes, a partir da concepção de Certeau (2014), se faz necessário perceber os múltiplos componentes, tais como as posturas corporais desses agentes, a linguagem acionada em suas expressões convidativas e jocosas, e suas práticas de negociação, assim, entender como esses elementos convergem para tecer os estilos de uso do espaço da Feira pelos feirantes.

Essas práticas aprendidas e inventadas no cotidiano da Feira refletem as sociabilidades (SIMMEL, 1983) que dinamizam esse lugar, nas múltiplas formas de interações entre os personagens que ocupam o cenário da Feira (os feirantes, fregueses, passantes e habitantes do lugar).

Assim, na primeira parte desta dissertação abordo as pesquisas a respeito da literatura sobre Feiras (VEDANA, 2004), (SATO, 2012), (SANTOS e SILVA, 2018), apresentando a história da formação da Feira Central, sua relação com a cidade de Campina Grande, os parâmetros econômicos e culturais da região, os arranjos sociais (MAGNANI, 2008), os sentidos (GEERTZ, 2017) subjetivos produzidos da vida em grupo. A fim de compreender as sociabilidades (SIMMEL, 1983) construídas no ambiente da Feira, e as práticas inventivas (CERTEAU, 2014) que promovem os sentimentos comuns na convivência partilhada em grupo.

Na segunda parte apresento a metodologia utilizada, exponho os caminhos da pesquisa, os primeiros contatos com o espaço da Feira que resultaram no meu interesse pelo tema. Exponho a cartografia do lugar, costurando suas ruas aos setores e personagens, e as descrições obtidas da primeira incursão na Feira Central.

Na terceira e última parte, busquei apresentar os dados obtidos a partir da observação direta e participante no campo e dos questionários semiestruturados que foram aplicados a um grupo de 6 feirantes que desenvolvem práticas singulares no cotidiano da Feira, confrontando o objeto de estudo às perspectivas teóricas que me nortearam, tais como a abordagem de Certeau (2014) a respeito dos estilos que cada um aciona; e suas relações com os demais personagens da Feira, tratados nesse estudo a partir da ótica sobre sociabilidade de Simmel, (1983).

Nessa perspectiva, busco aqui o entendimento da fala que um feirante, ao perceber minhas andanças nos corredores da Feira me advertiu: “se hidrate, que a Feira é Chão!”. Chão, esse, de múltiplos sentidos. Geertz (2017, p. 150) assinala que “é por intermédio dos padrões culturais, amontoados ordenados de símbolos significativos, que o homem encontra sentido nos acontecimentos através dos quais ele vive”.

A Feira é “chão” em sua extensão que se transforma em um imenso colorido ao nascer do dia com a montagem de barracas; é “chão” de muitos caminhos, encontros e possibilidades. Chão que dá sentido às negociações, às práticas inventivas, às sociabilidades de lazer e de produção de sentimento de pertença. Nessa fala, ele me convidou a entender os sentidos que todo esse chão pode tomar, ocupado por uma barraca, uma edificação, e por cada personagem em seu ir e vir, na invenção de seu cotidiano.

1. O UNIVERSO DA FEIRA CENTRAL

1.1 APRESENTANDO AS CATEGORIAS – PRÁTICAS INVENTIVAS E SOCIABILIDADES

Nas seções seguintes apresentarei a abordagem da pesquisa que perpassa desde a origem da Feira, ao formato como ela se constitui nos dias de hoje, apresentando seu cenário, seus personagens e suas regras (MAGNANI, 2012). Entretanto, previamente cabe apresentar a motivação que me direcionou ao espaço da Feira, e algumas categorias que me ajudaram a alicerçar essa pesquisa.

Até os dezoito anos morei na cidade de São Miguel, localizada no interior do estado do Rio Grande Norte, e como em quase toda cidade pequena, lá “todos se conhecem”. É “o filho de fulano, o padeiro”, “esposa de fulano, o moto-taxista”, “a filha de fulano, o feirante”, e assim, a cidade estabelece sua rede de referenciais. Minha vizinha era a filha de “Maria de Zé e Zé, feirantes de roupas”. Era também sobrinha e prima de feirantes. Uma grande família que morava em minha rua.

A relação de amizade com a filha dos feirantes me permitia frequentar sua casa, o quarto repleto de sacos e caixas de roupas que eles comercializavam na Feira. Permitia até que a minha mãe comprasse roupas “informalmente” no quarto que fazia as vezes de depósito. Tê-la na vizinhança me dava acesso a todo o “script” que a família de feirantes executaria na Feira.

Apesar desse contato direto com os “bastidores” do universo do feirante durante boa parte da minha trajetória de vida, eu não havia percebido antes as especificidades desse mote social pulsando no tecido urbano. E para que eu pudesse voltar o meu olhar para esse recorte, foi imprescindível as lentes das Ciências Sociais, à medida que “a realidade (familiar ou exótica) sempre é filtrada por determinado ponto de vista do observador.” (VELHO, 1987). No meu caso, a área não só me emprestou as lentes, como me direcionou de volta a um caminho familiar.

Na ocasião da minha entrada no mestrado em Ciências Sociais na UFCG, minha proposta de pesquisa estava voltada para um estudo no presídio feminino de Campina Grande. Essa temática me acompanhava desde a época da minha graduação no curso de Serviço Social, da UnP – RN. Durante o meu curso superior realizei estudos na área sociojurídica, violência doméstica e segurança.

Ao me mudar para Campina Grande, passei a integrar o grupo de estudos SOCIATOS (UFCG) e, então, tive meu primeiro contato com as Ciências Sociais. Nas reuniões quinzenais do grupo quando alguém me perguntava o que eu iria pesquisar, ao ouvir minha resposta, a

pergunta seguinte era sempre “por quê?”. Essa pergunta era sempre acompanhada de “acho o universo prisional um lugar tão duro, não combina com você” e observações similares que sempre retratavam a real dureza daquele lugar.

O SOCIATOS me proporcionou as primeiras incursões na Feira Central de Campina Grande, na ocasião havia dois projetos de pesquisa gestados e realizados em grupo, e um deles era voltado a perceber as especificidades do espaço da Feira. Ao percorrer os corredores, ouvir as conversas e as brincadeiras, sentir os cheiros e experimentar os sabores da Feira em forma de doce que uma feirante gentilmente nos ofertava, eu recebia simbolicamente um convite para conhecer mais daquele lugar e sobre aquelas pessoas que me pareciam tão familiar.

Ao mudar a minha proposta de pesquisa para estudar a Feira, eu teria o primeiro desafio de mudar completamente minha abordagem teórica. Afinal, eu estava “saindo” de um cenário prisional (sem nunca nele ter entrado), aos moldes de uma instituição fechada, para uma Feira “livre”. Um lugar que agora ao me perguntarem, respondo que de “duro”, a feirante me oferece “quebra-queixo”¹. Havia então, que buscar nos teóricos, as categorias que me permitissem essa “transição”.

A motivação para uma pesquisa surge quando uma determinada problemática encanta ou incomoda o pesquisador. Na minha primeira proposta sobre o presídio, aquela realidade me incomodava. A segunda, no entanto, não só me encanta, como me intriga e me move a descortinar quais os elementos consistem e convergem para o entendimento do que é “ser feirante” e quais estabelecem suas relações.

A Feira é um lugar onde se manifestam diversas formas de comércio e de trocas sociais, que irão definir as “práticas inventivas” dos feirantes. Essas formas que Certeau (2014) identifica como “estilos de uso” caracterizam as práticas dos feirantes como singulares e grupais ao mesmo tempo, pois ao entender que existem as subjetividades e maneiras de ser e fazer de cada personagem da Feira, existem as regras existentes e ordenamentos que o grupo estabelece. Nesse sentido, Certeau (2014, pg. 166) dispõe que:

[...] O estilo especifica “uma estrutura linguística que manifesta no plano simbólico [...] a maneira de ser no mundo fundamental do homem”. Conota um singular. O uso define o fenômeno social pelo qual um sistema de comunicação se manifesta de fato: remete a uma norma. O estilo e o uso visam, ambos, uma “maneira de fazer” (falar, caminhar, etc.), mas um como tratamento singular do simbólico, o outro como elemento de um código. Eles se cruzam para formar um estilo do uso, maneira de ser e maneira de fazer.

¹ Um doce típico da culinária brasileira feito de coco e açúcar basicamente. Durante a mastigação deste doce, o quebra-queixo apresenta-se bem duro, e por isso tem-se a sensação que o queixo vai quebrar-se, daí o nome.

O autor define que Estilos são gestos, ações que permitem o homem comum (nesse estudo ele define como “homem ordinário”, o sujeito que historicamente não se encontra na pauta dos debates, mas como “figurante”) manipular, alterar e tirar partido de uma ordem pré-estabelecida em um lugar. Os usos são as formas de praticar o espaço orientadas por um determinado modelo de organização, com regras de um grupo “dominador” a um grupo de “dominados”.

Parte, então, desse “cruzamento” a criatividade dos sujeitos, qual seja as “maneiras de fazer”, as “táticas” do fraco resistir ao forte, e reivindicar a ordem do lugar, a partir de “artes de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades nas manobras, operações polimórficas, achados alegres, poéticos e bélicos”. (CERTEAU, 2014, pg. 98). Os ressignificados produzidos por esse homem comum pelos “tipos de operações” que ele faz desse espaço.

As sociabilidades se manifestam nas mais variadas formas dos personagens estabelecerem interações entre si na Feira. Formas que vão além da dimensão comercial, mas envolve toda e qualquer interação entre os personagens que estão cotidianamente movimentando o lugar: vendendo, comprando, trocando, conversando, passeando, morando, ou fiscalizando. Nesse estudo, utilizo a concepção de “sociabilidade” desenvolvida por Simmel:

A sociabilidade surge como uma estrutura sociológica muito peculiar. O fato é que, sejam quais forem os atributos objetivos que os participantes de uma reunião possam ter – atributos esses centralizados fora da reunião particular em questão -, eles estão proibidos de participar dela. Riqueza, posição social, cultura, fama, méritos e capacidades excepcionais não podem representar qualquer papel na sociabilidade. Quando muito podem desempenhar o papel de meras nuances daquele caráter imaterial, como o qual apenas à realidade é permitido, em geral, penetrar no trabalho social de arte chamado sociabilidade (SIMMEL, 1983, p. 170).

O autor nos esclarece que essas relações são institucionalizadas sob a “unicidade psíquica” e tendem a tornar duradouras certas formas resistentes aos constantes sentimentos desagregadores dos indivíduos, uma vez que em tais processos de cristalizações de espaços são deixados para possíveis atos de liberdade por parte dos sujeitos.

As instituições devem ser observadas como processos de interações, como cristalizações de algumas das possibilidades que as formas de interação social podem apresentar. Não devem ser, portanto, tomadas como estruturas rígidas, pois são os indivíduos em seus mais variados e complexos conteúdos que, ao entrarem em interação, criam múltiplas formas de sociabilidades, onde algumas se cristalizam, não de maneira consolidada, mas enquanto processo que dá margem às transformações possíveis aos sujeitos.

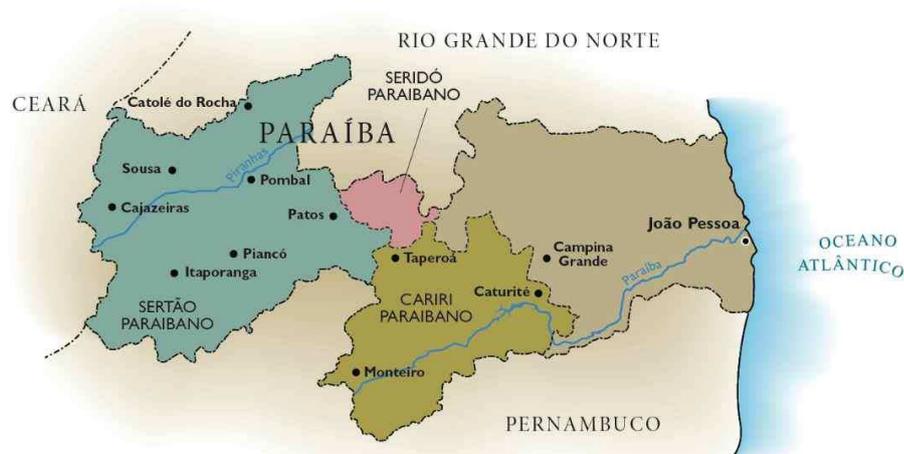
Destarte, é partindo dessas abordagens teóricas que percorro minhas reflexões e minhas observações no campo para o desenvolvimento dessa pesquisa. É munida de uma base teórica pertinente ao tema que objetivo compreender os sentidos que estão imbuídos o ser feirante na Feira Central de Campina Grande.

1.2 HISTÓRIA DA FEIRA LIVRE CAMPINENSE

*É imaterial transformar flandre em arte
Juntando parte por parte
pra profissão não morrer,
Perpetuar o fazer,
Fazer funil, candeeiro
Marmita bule, leiteiro
Como Seu Boquinha faz
Nesses dias não tem mais
É uma história sem herdeiro
(Trecho do Curta Feira Central de Campina
Grande - Patrimônio Imaterial e Cultural do
Brasil).*

A história de Campina Grande, assim como a de muitas cidades-feiras surgiu em um tempo e um lugar favoráveis a relações comerciais, visada por muitos empreendedores por sua rota estratégica de grande circulação de viajantes e tropeiros, transportando suas mercadorias em lombos de animais e carroças marcaram o lugar no mapa paraibano. A cidade se consolidou no início do século XX como um local que fervilhava a vida econômica e social. Campina Grande, uma cidade interiorana e com ares cosmopolita, hospedava a quem passava, era o lugar onde primeiro as notícias chegavam para informar a região.

O povoado iniciado no final do século XVII em uma campina servida por cursos de água (o riacho das piabas), local de parada para os tropeiros que viajavam entre o litoral e o sertão nordestino, logo formou sua primeira rua em terreno ladeiroso, dando origem a um caminho de interligação entre essa planície, alagadiça, e uma região plana que ficava mais ao alto (rua das Barrocas, depois rua do Oriente, atual Vila Nova da Rainha). Na primeira metade do século XVII, a construção de uma capela aí no alto (depois Igreja Matriz, atual Catedral de Nossa Senhora da Conceição) atraiu para as proximidades as atividades comerciais que eram realizadas na rua das Barrocas. (QUEIROZ, 2008, pg.3)

Figura 01: Mapa da Paraíba

Fonte: J.O.A Amarante²

As mudanças em 1907, segundo Sousa (2001) foram decisivas para impulsão do progresso da cidade, com a instalação da Great Western of Brazil Railway Company (hoje Rede Ferroviária do Nordeste), o trem que transportava algodão, outras mercadorias e ligava Campina Grande a algumas cidades de onde chegavam muitos migrantes do Brejo Paraibano, outros vindos da capital e outros estados como Pernambuco e Rio Grande do Norte, contribuiu para o declínio da atividade dos tropeiros.

Entre os anos de 1930 e 1940, as cidades brasileiras sofreram intensas transformações higienistas (SOUSA, 2001) impulsionadas pelo advento da modernidade de moldes europeus que aqui aportavam, esses modelos eram constantemente incorporados à vida local pelos letrados e políticos que administravam as cidades brasileiras.

Em Campina Grande essas transformações não foram diferentes. A Feira, o comércio de algodão e a ferrovia eram os principais propulsores da economia local, colocando a cidade no seu auge econômico e de efervescência cultural. Atraindo muitos investidores, artistas e políticos, a cidade se consolidava como um centro em intenso desenvolvimento socioeconômico.

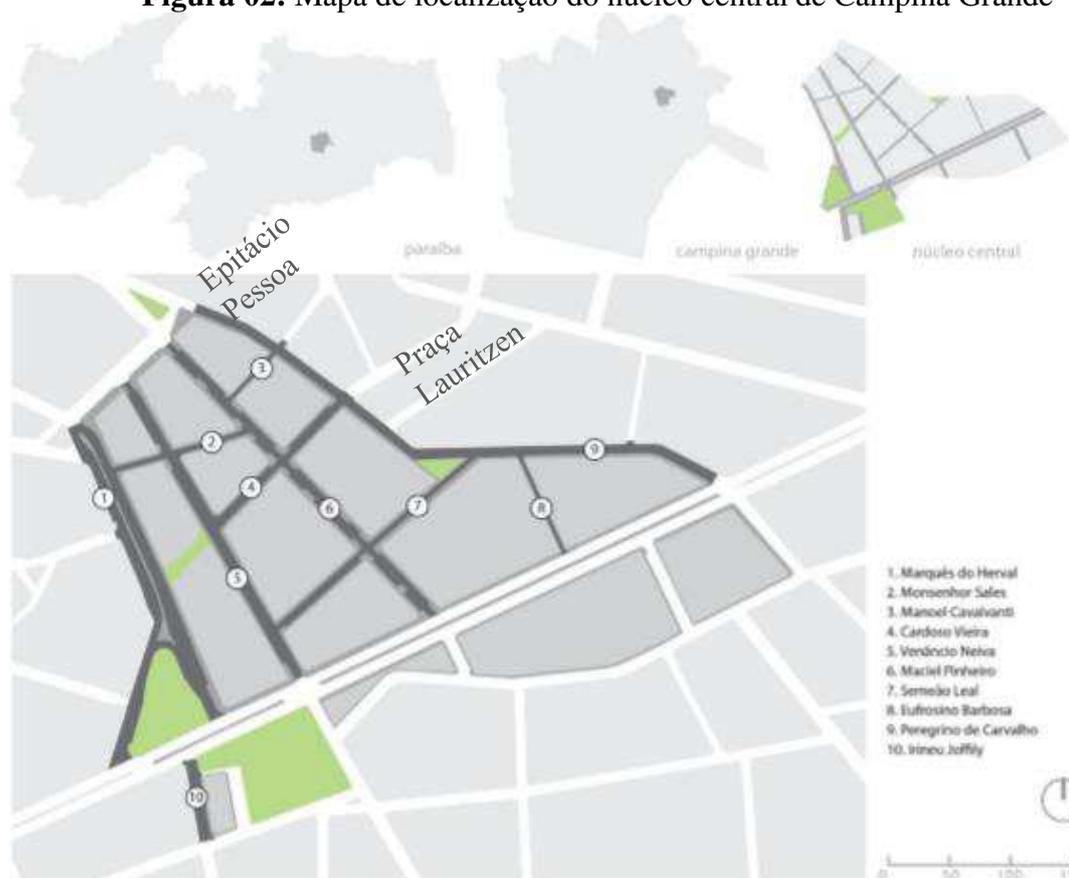
Na idade média, o que se denominava como feiras eram as grandes reuniões de comerciantes de várias regiões europeias que comercializavam os mais diversos produtos. Elas se assemelhavam-se às nossas atuais feiras regionais, como as de Campina Grande (PB), de Caruaru (PE), e a de Feira de Santana (BA) (SATO, 2012, p. 35)

² Disponível em: <https://www.amarante-vinhos.com.br/outras-paixões/queijo-manteiga/região-produtora/paraiba/>

Desde o seu surgimento a Feira Central desempenha uma força motriz na história da cidade de Campina Grande, por ser agregadora de múltiplos personagens e vivências, se mantém em uma confluência entre o tradicional modo de viver do homem do campo e as vidas aceleradas dos centros urbanos, ela está inscrita na história da cidade por sua relevância social, cultural e econômica.

A Feira Central funcionou seus primeiros anos e viveu uma crescente expansão até os anos de 1930-1940 na rua Maciel Pinheiro e aos poucos se espalhou pelas ruas Monsenhor Sales, Venâncio Neiva, e pelas praças Epitácio Pessoa e Lauritzen, onde se localizava o mercado municipal, aglomerando gente vinda das zonas rurais e suas barracas e toldos amontoadas de ofertas coloridas de frutas, que posteriormente ampliou-se para comércios dos mais diversos, de fumo de rolo a cereais.

Figura 02: Mapa de localização do núcleo central de Campina Grande³



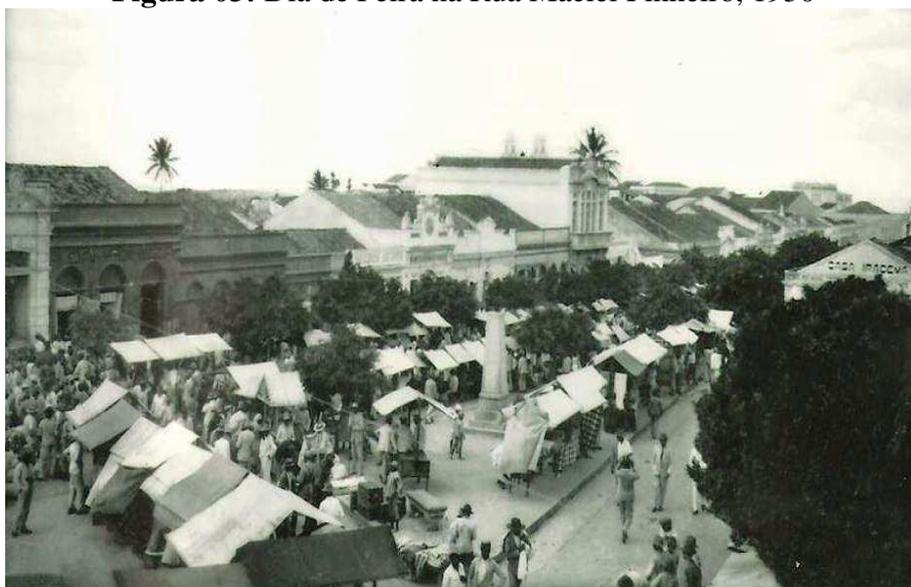
Fonte: Acervo LabRua⁴

³ Dez ruas principais do núcleo central de Campina Grande: 1. Marques do Herval; 2. Monsenhor Sales; 3. Manoel Cavalcanti; 4. Cardoso Vieira; 5. Venâncio Neiva; 6. Maciel Pinheiro; 7. Semeão Leal; 8. Eufrosino Barbosa; 9. Peregrino de Carvalho; 10. Irineu Joffly.

⁴ AQUINO, Paula Pontes de ; MENDES, B. B. ; MACEDO, F. G. ; TAVARES, M. S. C. ; FERNANDES, H. T. R. ; COSTA, P. H. S. . Oa Espaços Públicos do Núcleo Central da Cidade de Campina Grande na Percepção dos seus Usuários. TEMA: Revista Eletrônica de Ciências, 2018.

No início do século XX (SOUSA, 2001), as elites interessadas nas propostas de políticas higienistas advindas da Europa viram nas medidas sanitárias aplicadas aos comércios da época a oportunidade de transferir a Feira para outro local, já que naquele momento os feirantes protagonizavam disputas de clientes com os donos de grandes armazéns fixados naquela região e com o espaço ocupado por “famílias nobres” que moravam no seu entorno (COSTA, 2003), e se queixavam constantemente da sujeira que a Feira ocasionava.

Figura 03: Dia de Feira na Rua Maciel Pinheiro, 1930



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande⁵

Diante de disputas e interesses políticos em beneficiar grupos mais abastados e as denúncias constantes nas rádios da cidade (SOUSA, 2001) sobre o tratamento pouco higiênico dos feirantes na prática de comércio, as queixas sobre os ares de insalubridade no Centro da cidade, as elites pressionaram pela retirada da Feira de sua vizinhança.

Em 1941 a Feira foi transferida para o Mercado Novo, no bairro Manchúria (SOUSA, 2001), local onde funcionava a Feira de gado da cidade e região. Aquele espaço era percebido na cidade como uma área de degradação por funcionar os bares e bordéis, era também onde funcionava o Cassino Eldorado, que recebia as principais atrações que animavam as noites da Rua Boa⁶.

Mandchúria ou bairro chinês (também já recebeu o nome de bairro das piabas, e posteriormente a alcunha de currais) levava essa denominação após a transferência do

⁵ Disponível em: <http://cgetalhos.blogspot.com/2014/11/rua-maciel-pinheiro-decada-de-1930.html>

⁶ Como era conhecida a rua Manoel Pereira de Araújo, onde se concentravam os cabarés do entorno da Feira, e onde hoje remanesce as ruínas do antigo Cassino Eldorado.

meretrício da cidade para essa região (SOUSA, 2001). O termo é uma alusão a invasão japonesa, entre 1931 e o fim da segunda guerra a uma região chinesa que recebeu o nome de Manchukuo.

A transferência dos cabarés para os currais foi simbolicamente associada àquela invasão, talvez porque assim compreendessem os moradores que naquelas proximidades viviam, quando da chegada, ou “invasão”, da área pelas prostitutas e seus séqüitos. Chegaram àquele lugar, que até então concentrava boiadas e negociantes, raparigas mal-vestidas, marafonas, gigolôs, boêmios, cafetinas e cáftens, como invasores a ocupar e dividir o lugar com matagais, boiadas, cavalos, burros, merda e muito mau cheiro (SOUSA, 2001, p. 209)

Após a transferência para o bairro chinês, a Feira permanece até os dias de hoje ocupando a mesma área. Aqui vemos um registro da Feira nos anos 1960 (figura 04) e podemos perceber que nesse período a dimensão do seu espaço configurava um extenso largo ocupado por barracas, contendo uma única edificação no meio (hoje o espaço é ocupado por diversas edificações e boxes), fato que levou a apelidar o prédio de “pau do meio”, e ao centro podemos ver o mercado público (existente até hoje).

Figura 04: Feira Central, Anos 1960



Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande⁷

A Feira Central passou por muitas mudanças em seu tamanho ao longo tempo, acompanhando o desenvolvimento da cidade de Campina Grande que passava por várias intervenções urbanísticas, com a chegada de eletricidade, do trem e outros transportes, como

⁷ Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2010/05/feira-central-o-coracao-de-campina.html>. Acesso em: 10/10/2018.

ônibus e os primeiros carros, e por essas disputas pelo espaço no centro, ela sofreu uma mudança geográfica notável nos anos 1940, mas o “lugar social”, que concentra as interações estabelecidas pelos seus praticantes, o acompanhou nesse processo. Além de não se resumir apenas a um espaço de comércio, a Feira é imbuída de múltiplos sentidos, considerada ponto de encontro de feirantes e sua fiel clientela, palco para artesãos e poetas populares.

No espaço da Feira, além da oferta de produtos, funciona outros serviços, como a curiosa e famosa barbearia ao ar livre (figura 05), apelidada de “péla-porco”⁸. Hoje ainda funciona o serviço de barbearia, mas ao contrário do registro abaixo da época, os pontos de barbearia atualmente atendem em sua maioria o público feminino, e ofertam além de cortes de cabelo, serviço de design de sobrancelha.

Figura 05: Péla-porco



Fonte: Retalhos de Campina Grande⁹

Na Feira germinaram importantes acontecimentos para a história da cidade, frutos de disputas políticas e ideológicas, foi nela, por exemplo, que irrompeu a revolta do quebra-quilos. Essa revolta (SECRETO, 2004) consistiu em um importante movimento popular contra a lei de sistema decimal instituída pela França e aplicada no Brasil no ano 1874. Os feirantes se

⁸ Assim foi como ficou conhecido o local na Feira onde os barbeiros atendiam, nome propositalmente cunhado pelos donos de salão nos centros da cidade porque disputavam (e perdiam para o péla-porco) a clientela. Hoje ainda existem serviços de corte e barbearia na Feira de Campina Grande.

⁹ Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2014/10/os-pela-porc0s-da-feira-central.html>. Acessado em: 10/09/2018.

opunham às mudanças de novos padrões de pesos e medidas que iam na contramão dos seus saberes construídos. Suas medidas, até então, eram versadas por “alqueire”¹⁰, “arrobas”¹¹ e “sacas”.

Sem uma liderança legitimada à frente, a revolta logo se espalhou por povoados da Paraíba (SOUTO MAIOR, 1978), estendendo-se, posteriormente para Pernambuco, Rio Grande do Norte e Alagoas. No entanto, João Carga D’água, um feirante que vendia rapaduras, foi apontado como um dos líderes do motim por ter arremessado a rapadura contra um policial, dando início ao confronto dos feirantes com a polícia, que desembocou nos pesos quebrados e jogados no açude velho.

Uma das motivações que provocou a revolta dos quebra-quilos foi o chamado “Imposto do Chão”, no qual o feirante era cobrado por qualquer espaço do chão da Feira que ocupasse para vender sua mercadoria. Historiadores dão conta de relatar o curioso “jogo de estratégias” entre ambulantes e cobradores de impostos. Uma das medidas utilizadas pelo vendedor, era o de usar balaio na cabeça para não ocupar chão. O cobrador, por sua vez, se aproximava e engatava uma descontraída conversa, oferecendo um cigarro ao mangaiero¹², que para fumar suspendia seu balaio no chão, sendo assim, alvo imediatamente do astuto cobrador a pagar o imposto (SECRETO, 2004).

Ambulantes (figura 06) é como se denominam os feirantes que percorrem a tessitura da Feira, carregando toda sorte de produtos no corpo. Na imagem vemos o momento em que os feirantes se concentram sentados em uma escadaria. No alto da escada, vemos uma criança segurando uma caixa de engraxate, prática comum à época realizada por meninos oriundos de segmentos mais pobres

Figura 06: Feirantes ambulantes comercializando na Feira



Fonte: OLIVEIRA, 2012

¹⁰ 14,64 kg, tendo sido também arredondado para 15 kg, tendo várias medidas consoante a região. Deriva do peso da carga que se carregava nas bestas de cada lado do dorso, era utilizado para medir sementes

¹¹ Símbolo (@), sendo 14,688 kg, foi arredondada para 15 kg.

¹² Vendedores ambulantes.

O espaço da Feira foi sendo apropriado como local de trabalho por ambulantes entre os anos de 1970 e 1980. A prática de comércio informal desses feirantes era considerada ilegal para a prefeitura, e incomodava os outros comerciantes que possuíam bancas e pagavam impostos, gerando, assim, conflitos e reclamações para a retirada daqueles que não contribuía. A Feira passou, então, a ser constantemente palco de disputas, e os ambulantes ficavam expostos à rejeição dos demais feirantes e à perseguição do “rapa”, assim chamados os fiscais da prefeitura (OLIVEIRA, 2012).

Os feirantes ambulantes eram percebidos como ilegais na feira. Nessa relação de perseguição entre “o rapa” e o ambulante, percebemos que o fiscal, enquanto trabalhador, subjugava o outro (o ambulante), pois não percebia que este era um trabalhador também, que estava em busca do seu sustento. Esse era percebido como ilegal, indesejado no espaço da feira, não era reconhecido como trabalhador. Sendo assim, percebemos uma dicotomia entre um trabalhador que subjugava o outro (OLIVEIRA, 2012, p. 162)

Pouco a pouco a Feira foi disputando o protagonismo na cidade com os supermercados que começaram a surgir em meados dos anos 1970 e que introduziram uma dinâmica mais impessoal e prática do comércio. É, portanto, em meio ao movimento urbanístico, cada vez mais acelerado, que os feirantes vão incorporando e somando novas táticas de resistência para manter a atratividade e vivacidade da Feira.

Assim, a Feira vai resistindo frente aos desafios da supermodernidade, com o surgimento de novas tecnologias, com os novos formatos de fazer comércio, novos espaços de lazer, como shoppings e grandes supermercados. Os feirantes são lançados a se reinventarem constantemente, se atualizarem em suas práticas de atratividade, bem como a buscar estratégias para lidar com os conflitos internos, como será visto nos relatos do ponto 3.

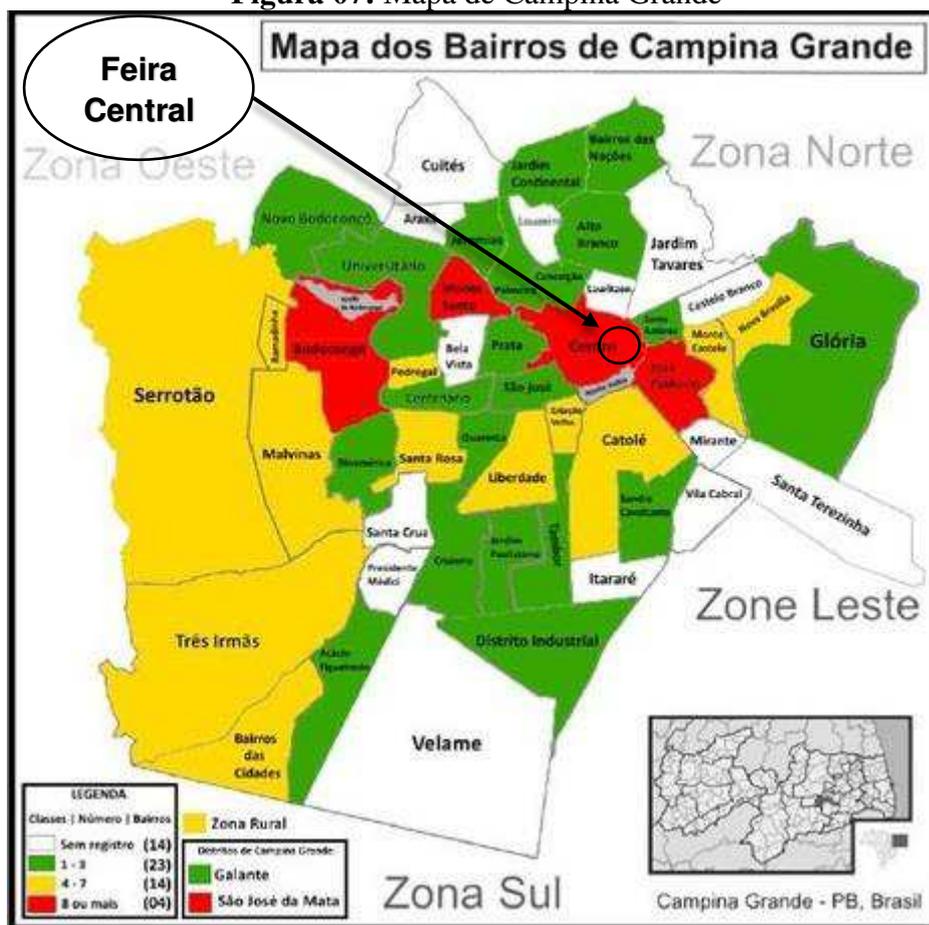
1.3 A CIDADE

VILA NOVA DA RAINHA

*Chamou-se em tempos d'antanho
Mas por seu comércio forte
Sua indústria e seu rebanho
Veio a ser CAMPINA GRANDE
Por causa do seu tamanho
(MONTEIRO, 20--).*

Campina Grande é uma cidade do Estado da Paraíba, está localizada a 120 km da capital João Pessoa. É considerada um dos principais polos industriais¹³ e tecnológicos¹⁴ da Região Nordeste. Os dados do IBGE¹⁵ mostram que a população estimada atualmente é de 407,472 pessoas para a cidade, que ocupa a segunda colocação em relação ao maior número de habitantes e na contribuição para o PIB do estado.

Figura 07: Mapa de Campina Grande



Como porção urbana, o decreto [Nº21, 1938] determinava praticamente a área que, em 1918 Câmara chamou de parte central da cidade. O resto era subúrbio, zona rural e distritos. Os subúrbios possuíam ocupação menos densa, dispersa (semi-rural), ligavam-se diretamente a essa outra gleba que era entendida como central (correspondendo trechos do atuais bairros Bodocongó, Monte Santo, Prata, Palmeira, Conceição e José Pinheiro (QUEIROZ, 2008, pg. 45).

¹³ Disponível em: <http://www.sindicatodaindustria.com.br/noticias/2018/07/72,126727/paraiba-e-o-segundo-maior-polo-calcadista-do-mercado-nacional.html>

¹⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/rainha-da-borborema/2013/noticia/2013/10/71-das-empresas-do-parque-tecnologico-da-pb-sao-de-campina.html>

¹⁵ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/campina-grande/panorama>. Acesso em 30/09/2018.

¹⁶ Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/05/estudo-faz-mapeamento-dos-homicidios-em-campina-grande.html>

O que se passa em Campina Grande é resultado de transformações ocorridas em outros lugares e que tem influência na cidade paraibana, “esses processos de começo de uma cidade – e começo de uma vida social, econômica, cultural, política” (AGIER, 2015, pg.489) partem de novas práticas, relações e usos dos seus habitantes. Uma dinâmica de expansão que retroalimenta dos seus usos e contra-usos (LEITE, 2002), à medida que o movimento contínuo dos sujeitos significa os novos espaços, se faz a cidade.

O sociólogo alemão Georg Simmel (2005) nos ajuda a pensar as mudanças decorridas no estilo de vida das pessoas que passaram a viver, sobretudo, nas cidades modernas, caracterizadas por uma intensificação da “vida nervosa”, que acentua as individualidades e impessoalidades. Segundo o autor, o sentimento de pertencimento ao território reflete a unidade psíquica dos indivíduos, que encontraram em laços recíprocos modos de externalizar necessidades e ímpetos em formas de interação.

Os habitantes da cidade deslocam-se e situam-se no espaço urbano. Nesse espaço comum, que é cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, numa palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações (ARANTES *Apud* LEITE, 2002, pg. 130).

Para Michel Maffesoli (1996), a modernidade trouxe o caráter de estreitamento pessoal, entendido como uma forma de “familiarismo”. O autor aponta a existência dessa configuração quando os sujeitos percebem seus interesses de vida partilhados em grupo, quando há, portanto, um valor central em torno do qual os indivíduos se ordenam e se agregam, senão vejamos:

[...] percebe-se que a sociedade não é apenas um sistema mecânico de relações econômico-políticas ou sociais, mas um conjunto de relações interativas, feito de afetos, emoções, sensações que constituem, *stricto sensu*, o corpo social. Um conjunto encarnado de certo modo, repousando sobre um movimento irreprimível de atrações e de repulsões (MAFFESOLI, 1996, p. 73).

A Feira é composta por diversos personagens que vitalizam o seu espaço, seja quem está produzindo seu saber, envolvido nas negociações, quem está ali para consumir além dos produtos, mas também da energia do espaço, vivo e trasmutador. Pois “o direito à cidade não pode ser concebido como um simples direito de visita ou de retorno às cidades tradicionais. Só pode ser formulado como direito à vida urbana, transformada, renovada”. (LEFEBVRE, 1991, pg. 117)

Ao se falar em Feira, leva-se prioritariamente em conta os mecanismos de produção, consumo e utilização dos bens e prestação de serviços que aquele espaço dispõe às interações, onde um fornecedor oferece sua mercadoria em troca do valor em dinheiro que ela é

considerada. Uma forma de se pensar os significados que são empregados pelos feirantes à malha da Feira, é refletir para além do viés econômico.

Como artes de fazer [...], as práticas cotidianas que configuram a feira-livre narram muito mais do que simples relações econômicas ou de comércio formal no interior da cidade. Todo o aparato necessário à montagem da feira-livre - com suas bancas, lonas, alimentos, balanças, caminhões etc. - bem como as formas de interação entre fregueses e feirantes: as inúmeras conversas ao pé da banca entre estes personagens, o vai e vem incessante de carrinhos e sacolas pelos corredores lotados, as negociações, as amizades, as receitas trocadas entre fregueses, suas lembranças da feira e das artes de nutrir [...], as jocosidades e performances orais, todos estes aspectos evocam a densidade das relações e das trocas que constituem este fenômeno (VEDANA, 2008, p. 18).

Na Feira predomina o formato mais informal e pessoal da relação vendedor x cliente, exemplos disso são os casos de afinidade e fidelidade estabelecidos. Ampliando a possibilidade de negociação, executando suas maneiras de fazer (CERTEAU, 2014), o feirante determina especificações e o alcance do sentido da própria noção de venda

Ao passo que alguns feirantes estão modificando suas bancas, se integrando ao modelo moderno de negociação, aplicando o CNPJ, adquirindo a máquina de cartão de crédito, balanças eletrônicas, e demais ferramentas para que possam “competir” com às novas demandas que o mercado sugere, outros se apegam aos costumes adquiridos outrora, nos tempos áureos em que a Feira era o chamariz da cidade e as relações eram estabelecidas pelo convívio diário, suas bancas mantêm o caráter mais “tradicional” e a caderneta de fiado ainda permanece.

Sem dúvidas, existem várias formas de perceber e (re) significar o espaço da Feira. São os desafios da modernidade que geram novos sentidos individuais e coletivos, e que orquestram o caminho das práticas inventivas dos feirantes. E é nessa perspectiva que percebemos a importância dos sentidos construídos e vividos naquele espaço, bem como dos valores que são mantidos, preservados, em contraposição àqueles que são (re) significados pelas novas gerações de feirantes.

O processo de aprendizado dos “segredos” da profissão (SATO, 2012), se apresenta como um desafio às novas gerações, eles se encontram em constante movimento de integração, sejam eles novatos (estrangeiros), ou aqueles que tenham nascido, ou crescido na Feira, pois as regras construídas socialmente no espaço da Feira, a eles são aplicadas sem qualquer aviso prévio, ou “manual”. Apenas a vivência e a leitura do tecido social norteiam e ensinam aos novos integrantes. “O feirante vive numa tênue tensão entre dois polos opostos: competição e cooperação.” (SATO, 2012, p. 144).

Os sentidos subjetivos que constituem a dinâmica própria da Feira como símbolo da cultura que proporciona a mediação de interações dos feirantes com as totalidades sociais, estão

em direta tensão à uma percepção histórica estabelecida como oficial por órgãos estatais sobre aquele espaço. Entende-se que a subjetividade humana é fruto de um processo social e histórico da realidade a qual o sujeito está inserido, em que o homem segue definindo seu sentido de cultura.

O formato da Feira¹⁷ “é livre” por destacar sua principal característica, muito mais que uma ocupação independente de limites físicos no espaço urbano, é um espaço que produz a si mesmo, ao passo que os sujeitos o estão utilizando, criando sociabilidades, recriando o uso do espaço em acordo com o período (dia, noite, semana e fim de semana).

As interações e as formas de organização são gestadas em torno dos sentidos para o grupo, misturam-se sons, cores, cheiros no local em que espírito coletivo prevalece. Um mundo propício a diversas formas de percepção e usos do espaço da Feira, ecoando, assim, os sentidos sobre aqueles que o classificam na vida cotidiana.

A feira livre emana muitos cheiros, cores e sons. Os diversos temperos, os pescados, as frutas, as flores estimulam nossos sentidos quando para ela estamos a caminho. Os sons, a depender do horário, já anunciam as boas oportunidades de compra. Visualmente, somos fisgados pela diversidade de cores, formas e texturas e somos chamados a interagir continuamente com feirantes (SATO, 2012, p. 25).

A Feira se mantém como uma herança transmitida pelos pais para as novas gerações, resistindo às novas demandas da supermodernidade, se integrado a essas mudanças, em uma ressignificação no processo de transferência, ela se reinventa diante dos novos desafios. Está presente na construção de suas identidades individuais e coletivas, na invenção do cotidiano, ao passo que dá continuidade às tradições.

São inúmeras as classificações em torno do espaço da Feira atribuídas pelos sujeitos, onde permeia as interações dos feirantes, onde se reveste de variados usos que vai além da mediação de produto e dinheiro, podendo servir como o ponto do bate papo, como confessionário onde se permite construir fidelidades, laços de amizade e confiança, de disputas e concorrência, simbolizando também o direito de propriedade, o seu lugar no mundo.

A feira é constituída pela presença dos feirantes e a presença dos feirantes depende da existência da feira. Assim, se cada uma das bancas (ou cada um dos feirantes ambulantes) é uma unidade autônoma, ela depende fortemente da presença dos outros. Feira é substantivo coletivo. Essa dependência mútua dá-se num crescendo, e cada

¹⁷ “Feira, substantivo feminino, designa ‘reunião de vendedores e compradores em determinado local e hora com a finalidade de comércio’ (Houaiss, Villar & Franco, 2001). ‘Feira franca’ designa ‘a que não paga impostos’ e ‘Feira livre’ designa ‘feira cujos produtos, em sua maioria, estão isentos de impostos e local de comercialização de produtos hortensens, frutas, cereais e pescado, geralmente em dias certos da semana’ (*idem*). A palavra ‘mecado’ designa o ‘lugar público (coberto ou ao ar livre) onde negociantes expõem e vendem gêneros alimentícios e artigos de uso rotineiro’ (*idem*).” (SATO, 2012, p. 91-92)

feirante, cada banca, em cada uma das feiras tem sua existência soldada aos outros (SATO, 2012, p. 144).

A movimentação da Feira Central é percebida já nas primeiras horas da madrugada, quando as ruas da cidade começam a ganhar vida com a chegada dos inúmeros caminhões carregados de produtos e passam a ocupar boa parte becos. Os feirantes iniciam os ritos de montagem de seus pontos de comércio. Entram em cena também os fregueses oriundos da cidade de Campina Grande, ou de cidades circunvizinhas. Começa, assim, mais um dia de Feira.

O espaço da Feira Central configura hoje (Figura 03) uma malha geográfica de cerca de 75 mil metros quadrados costurados por nove ruas, localizada no centro da cidade, acomodando 4.400 pontos de comércio (FONSECA, 2014), que se distribuem entre barracas de madeira e lona, boxes, lojas alvenaria, bares, restaurantes e bordéis.

Figura 08 - Região da Feira de Campina Grande



Fonte: Fabiano Melo¹⁸, 2013

Na área coberta, ou sob sol, a Feira não se restringe aos limites físicos das paredes e da extensão da rua, ela está sendo ocupada em dinâmicas variáveis por gente e por seus usos, onde podemos constatar em um determinado dia e horário na semana os corredores encherem de movimentação, e em outro momento, as ruas passam a ficar “silenciadas”, gerando a sensação de que aquela imensa Feira “encolheu”.

A Feira de Campina Grande foi ao longo dos anos pauta de uma intensa disputa pelo interesse público no processo de reconhecimento e registro desse espaço como patrimônio

¹⁸ Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/14.165/5125>. Acesso em: 10/10/2018.

cultural imaterial do Brasil, que resultou no mês de setembro de 2017 em seu reconhecimento pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do IPHAN.

A noção de Feira como “patrimônio” está além do estrito reconhecimento estatal, ou de alguma política. Ela encontra continuidade enquanto elemento central nos sentidos atribuídos pelos feirantes, a partir de suas relações de sociabilidade, seu reconhecimento como lugar social e as práticas inventivas dos seus agentes.

O ato de patrimonializar a Feira de Campina Grande consolida um diálogo entre órgãos oficiais e os feirantes que buscavam ao longo dos anos essa formalização do registro da Feira como patrimônio imaterial. Porém, as táticas os sentidos de pertencimento ao lugar são construídos pelos próprios feirantes, ao perceber seu espaço como símbolo da história e do presente, como um fio que liga a grande Campina de ontem à Campina de hoje.

Embora sejam relativas às possibilidades oferecidas pelas circunstâncias, essas *táticas* desviacionistas não obedecem à lei do lugar. Não se definem por este. Sob esse ponto de vista, são tão localizáveis como as estratégias tecnocráticas (e escriturísticas) que visam criar lugares segundo modelos abstratos. O que distingue estas daquelas são *os tipos de operações* nesses espaços que as estratégias são capazes de produzir, mapear e impor, ao passo que as táticas só podem utilizá-los, manipular e alterar (CERTEAU, 2014, pg. 87).

Existe, no entanto, um “código de posturas” (CAMPINA GRANDE, 2003), elaborado a fim de tecer as regras disciplinares que dispõe sobre os serviços como o poder policial, a higiene pública, os costumes locais, e também sobre o funcionamento dos estabelecimentos de natureza industrial, comercial e prestadores de serviços. Incorporando, assim, as diretrizes que estão direcionadas a Feiras Livres e Congêneres (Subseção XV/Art. 117) que estabelece os critérios que os produtos e as bancas devem atender, que envolvem a higiene e impermeabilização dos bancos, a proteção dos produtos contra o sol e chuva, refrigeração, conservação, armazenamento e temperaturas adequadas para itens de consumo.

[...] uma reordenação da lógica interativa da vida pública, a partir das diferentes apropriações dos *lugares* pelas práticas e pelas políticas cotidianas dos usos do espaço urbano. [...] As disputas que incidem sobre essas demarcações socioespaciais urbanas podem resultar tanto em um enfrentamento político mais elaborado quanto na mera contraposição de estilos de vida, marcadas pelas formas cotidianas de ritualizar códigos de condutas. Em ambos os casos, podem ser estabelecidas as bases políticas dos usos públicos dos espaços da cidade, na medida em que práticas de sociabilidades urbanas que demarcam espaços mediante conduta identitárias geralmente evidenciam formas rituais e cotidianas da política como ação simbólica. [...] (LEITE, 2002, pg. 130).

O “código de posturas”¹⁹ prevê as regras que os órgãos oficiais (a Prefeitura, o setor administrativo da Feira Central) estabelecem para um ordenamento racionalizado e centralizador de como a Feira deve funcionar, configurando o local que não se adegue ao regimento como um espaço desordenado de comércio. No entanto, são as pessoas, seus sentidos, suas subjetividades, suas narrativas, os usos específicos do seu espaço, ou “contrausos” que sua criatividade permite (CERTEAU, 2014), que estão consolidando historicamente a Feira não só como espaço de tradição e comércio, mas como uma “rede antidisciplina”.

Ser feirante é adquirir qualificações de natureza técnica, digamos assim, que dizem respeito à capacidade de conduzir economicamente o “negócio”; mas é também, ou acima de tudo, compreender o texto social que o tempo todo está impresso nos pequenos afazeres, mas que não se oferece com um guia de leitura. [...] Para os que estão imersos na rede de significados, “ser” é ser assim, algo que não se presta facilmente ao distanciamento, ao estranhamento e ao questionamento (SATO, 2012, p. 158).

Para além de códigos e regras institucionalizadas, a Feira cria seu próprio ordenamento, o “homem ordinário” (CERTEAU, 2014) reapropria-se do espaço atribuindo seus próprios usos, suas práticas inventivas. Ademais, representa um universo de riquezas culturais, de práticas humanas, interações constituídas cotidianamente e consolidadas na tradição popular.

Muitas práticas cotidianas (falar, ler, circular, fazer compras ou preparar refeições etc.) são do tipo tática. E também, de modo mais geral, uma grande parte de “maneiras de fazer”: vitórias do “fraco” sobre o mais “forte” (os poderosos, a doença, a violência das coisas ou de uma ordem etc.), pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de “caçadores, mobilidades de mão de obra, simulações polimorfas, achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos. Essas performances operacionais dependem de saberes muito antigos. [...] Essas táticas manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição (CERTEAU, 2014, p. 46).

As relações estabelecidas no espaço da Feira transpõem relações econômicas. A Feira se constitui como um lugar político e social, palco que testemunhou desde mobilizações populares, como a Revolta do Quebra-quilos, ao surgimento de expressões culturais inscritas até os dias de hoje na história da cidade de Campina Grande, nas vozes e escritos de cantadores, emboladores de coco, repentistas, cordelistas, poetas que contaram e cantaram as vivências do seu povo.

¹⁹ Código de posturas. Lei 4.129/03. Disponível em: <http://sesuma.org.br/leis/C%C3%B3digo%20de%20Posturas.pdf>

Concebe-se o cenário da Feira como um espaço de práticas comerciais, onde é ofertada uma diversidade de itens e serviços, mas também como um território de práticas culturais, sociabilidades, lugar de partilha de sentimentos e produção de sentidos. Extrapolando, assim, a esfera econômica, Certeau (2014, p. 40) define que os estilos de uso “constituem as mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural”.

O cotidiano da Feira configura o “lugar no mundo” onde o indivíduo está socialmente localizado (AUGÉ, 2011), um espaço onde circulam não apenas objetos, mas uma diversidade de pessoas que interagem por meio de cordialidades, astúcias, táticas de resistência e comércio, que se apropriam daquele espaço e criam uma multiplicidade de formas de sociabilidades.

Nessa perspectiva permeia uma força cultural que ressoa sobre seu público, a Feira está para ser pensada como um elemento central que compõe as configurações do modo de vida, do ser e fazer-se feirante, e imbuída de diversos sentidos, representando memórias, histórias, perspectivas e sonhos de seus personagens. Lugar onde se busca não só alimento pro corpo físico, mas para a alma. “Lá na feira de raiz é onde o povo se cura, para todo mal tem remédio, só depende da mistura [...]” (MONTEIRO, 2009).

1.3.1 Produção Cultural, o agave do lugar

Feira de Mangaio

Sivuca

*Fumo de rolo, arreio de cangalha
 Eu tenho pra vender, quem quer comprar
 Bolo de milho, broa e cocada
 Eu tenho pra vender, quem quer comprar
 Pé de moleque, alecrim, canela
 Moleque sai daqui me deixa trabalhar
 E Zé saiu correndo pra feira dos pássaros
 E foi pássaro voando pra todo lugar
 Tinha uma vendinha no canto da rua, onde o
 mangaieiro ia se animar
 Tomar uma bicada com lambú assado, e olhar pra
 Maria do Joá
 Tinha uma vendinha no canto da rua, onde o
 mangaieiro ia se animar
 Tomar uma bicada com lambú assado, e olhar pra
 Maria do Joá
 Cabresto de cavalo e rabichola
 Eu tenho pra vender, quem quer comprar
 Farinha, rapadura e graviola*

*Eu tenho pra vender, quem quer comprar
 Pavio de candeeiro, panela de barro
 Menino vou me embora, tenho que voltar
 Xaxar o meu roçado que nem boi de carro
 Alpargata de arrasto não quer me levar
 Porque tem um Sanfoneiro no canto da rua,
 fazendo floreio pra gente dançar
 Tem Zefa de Purcina fazendo renda, e o ronco do
 fole sem parar
 Porque tem um Sanfoneiro no canto da rua,
 fazendo floreio pra gente dançar
 Tem Zefa de Purcina fazendo renda, e o ronco do
 fole sem parar*

Na narração de Sivuca e Glorinha, percebemos o espaço tomando forma, vamos conhecendo os personagens feirantes, ou seja, aqueles que compõe a Feira, o mangaieiro, aquele que sustenta seu mangaio no corpo para comercializar, vai se animar com uma bicada, uma dose de bebida alcoólica tomada de uma vez, o moleque que está ali traquinando e atrapalhando o vendedor, o sanfoneiro fazendo o floreio que anima os passantes e atrai a clientela para um lugar cheio de vivacidade, onde se encontra das mais diversos itens de consumo, até essa energia que o espaço oferece.

As Feiras Livres dinamizam o cotidiano das cidades e refletem em seu arranjo peculiar as diversas produções de raizeiros, artesãos, cantadores, e toda a vasta sabedoria popular. Tema de muitas obras artísticas, a Feira é um universo que abriga e produz esse saber que se distribui no imaginário social. Uma representação muito absorvida na música popular brasileira, é a música "Feira de Mangaio" é um baião/forró composto pelo paraibano sanfoneiro Sivuca (1930-2006) e pela esposa Glorinha Gadêlha (1947), regravada posteriormente pela cantora Clara Nunes no LP "Esperança", de 1979.

A letra de Feira de Mangaio conta a história de uma Feira que acontece na cidade de Itabaiana, município do interior da Paraíba, que fica a 79,8km de distância da cidade de Campina Grande e da capital, João Pessoa. Tal como acontece na Feira Central de Campina Grande, a Feira de Mangaio também teve seu desenvolvimento atrelado progresso da cidade onde ela ocorre²⁰.

O mangaio, segundo os personagens do lugar, consiste nos produtos feitos à mão, onde nenhum artefato é muito industrializado. Assim como na terra de Sivuca, encontramos na Feira Central de Campina Grande, os produtos quais os cheiros de itens artesanais já anunciam o

²⁰ Disponível em: <http://culturanordestinaemfoco.blogspot.com/2011/10/feira-de-mangaio-itabaiana.html>

lugar, alpercatas de couro ou borracha de pneu de caminhão, cestos de palha, colher de madeira e candeeiros de alumínio.

Os produtos tidos como artesanais ou “mangaios”, são procurados anualmente nas Feiras durante o período de festas juninas. Em uma forma de celebração da “tradição” da cultura nordestina. Anualmente a cidade de Campina Grande promove o evento considerado o maior São João da Região (LIMA, 2008) e tem a fama de ser o maior do mundo. Conta com a diversidade atratividades durante todo o mês de junho. A festa é um marco na cultura do Nordeste brasileiro, que tipicamente comemora o dia de São João através de espetáculos, danças e quadrilhas.

A Feira conta e canta suas narrativas através das vozes de seus personagens. Os avós, os pais e os filhos da Feira, que assim como a construção do lugar, dedicam suas vidas aos seus ofícios. Pessoas que nascem já no contexto de Feira, ou passam a frequentá-la ainda criança, aprendem com seus pais e avós o valor que aquele lugar ocupa em sua história e seu presente. É o seu lugar no mundo, aquele “chão” lhe confere um vínculo ao universo, (MAUSS, 2015, p. 198) “[...] o vínculo de direito, vínculo pelas coisas é um vínculo de almas, pois a própria coisa tem uma alma, é alma. Donde resulta que apresentar alguma coisa a alguém é apresentar algo de si.”.

1.3.2 A economia local

*Nessa feira de Campina
Se preserva profissão
Um costume muito antigo
Não se deixa morrer não
O famoso balaieiro
Carrega o dia inteiro
O fardo da tradição
(Trecho do Curta Feira Central de Campina
Grande - Patrimônio Imaterial e Cultural do
Brasil).*

Para entendermos o desenvolvimento das atividades econômicas no âmbito nacional, regional e local, é necessário compreender a dinâmica das questões sociais que acompanham o movimento da economia, refletindo em implicações no seio da sociedade. Os marcadores sociais e econômicos, tais como desigualdade de classe, raça e gênero, estão imbricados em sua gênese e consequências. Farei uma breve exposição das atividades econômicas que mobilizam

o país, e apresentarei os últimos parâmetros nacionais divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/ IBGE²¹.

Sabemos que os setores da nossa economia se dividem em primário (agricultura, pecuária, etc), secundário (indústrias) e terciário (atividades de comércio e serviços). O setor terciário movimenta a distribuição e o gerenciamento no mercado nacional, e o setor que concentra o maior índice da População Economicamente Ativa/PEA.

O setor de Comércio e Serviços é o principal campo econômico dos centros urbanos, embora ocorra em áreas rurais, sua maior concentração é mobilizando a economia nas cidades. É sabido que o no setor de comércio há dois tipos de atividades, o varejo e o atacado. No comércio varejista vendem-se mercadorias em pequenas quantidades. E no atacado, de maiores quantidades e para comerciantes que revendem para consumidores.

O Brasil alcançou um nível de urbanização muito avançado, concentrando o maior índice da população em centros urbanos. O trânsito da economia acompanhou a transferência da população de zonas rurais para ocupação das cidades, e por isso a economia brasileira é considerada uma economia terciária, e é ela que irei analisar nesse estudo.

Economicamente, o campo e a cidade se relacionam o tempo todo, e essa dinâmica se dá no movimento de sair matérias primas do campo (frutas, verduras, animais) para as fábricas, e retornar em forma de produtos para a população rural. Os serviços ofertados também contribuem para esse processo dialético, quando as pessoas saem do campo para usufruir dos serviços na cidade, ou para prestar esses serviços.

Segundo informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua/ PNAD-C/IBGE, o Terceiro Setor²² (que abrange as atividades de comércio e prestação de serviços) atua em uma crescente e expressiva relevância no quadro econômico brasileiro, diante da crise que o país vive iniciada em 2014.

Campina Grande figura como segundo maior centro econômico da Paraíba, contribuindo com o PIB de R\$8,3 bilhões, ficando abaixo apenas da capital do Estado, João Pessoa (18,7 bilhões). E integrando junto às cidades de Cabedelo (PIB de R\$ 2,4 bilhões) e Santa Rita (PIB de R\$ 2,1 bilhões) as quatro cidades que contribuem com 50% do Produto Interno Bruto (PIB)²³ de todo o Estado paraibano.

²¹ Disponível em: http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-servicos/a-secretaria-de-comercio-e-servicos-scs/402-a-importancia-do-setor-terciario#_ftn1

²² Disponível em: http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-servicos/a-secretaria-de-comercio-e-servicos-scs/402-a-importancia-do-setor-terciario#_ftn1

²³ Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2018/12/14/quatro-cidades-concentram-mais-de-50-do-pib-da-paraiba-aponta-ibge.ghtml>

A localização da cidade contribui desde a sua origem para que ela atue como um polo distribuidor para diversas cidades do Nordeste. Os dados divulgados pela PNAD-C/IBGE, revelam que as atividades econômicas mais importantes no município são o comércio e serviços. A atividade de Eventos está movimentando o setor de serviço do país. Campina Grande integra esses dados promovendo anualmente o maior São João do mundo, com 30 dias de shows e eventos na cidade. Segundo dados estimados, mais de dois milhões de visitantes passam pela cidade e movimentam cerca de R\$ 220 milhões²⁴.

O setor de comércio é o setor que mais emprega pela possibilidade da informalidade. A Paraíba, segundo a pesquisa, se encontra no quarto lugar²⁵ entre todos os estados e o Distrito Federal, com maior índice de pessoas ocupadas na informalidade. População subutilizada (pessoas que estão desocupadas, ou trabalhando em empregos que não oferecem condições de trabalho em tempo integral e aqueles que estão disponíveis mas não conseguiram procurar emprego) é a maior desde 2012.

Segundo dados do IBGE a população estimada para os dias de hoje em Campina Grande, é de 407.472 pessoas²⁶. Boa parte dessa população está, atualmente, dinamizando econômica e socialmente o espaço da Feira. Campina Grande possui atualmente oito feiras livres (FONSECA, 2014), distribuídas pelos bairros da cidade, contam-se a Feira da Prata, Bodocongó, Liberdade, entre outras. Enquanto no centro, encontram-se a “arca titão”, “arca catedral” e a Feira Central, a principal Feira, que foi o cenário escolhido para a realização dessa pesquisa.

Por ser um universo flexível para atuação informal dentro do setor de comércio e serviços, mais de 10 000 feirantes (estão os negociantes registrados e não cadastrados) (SANTOS e SILVA, 2018) estão envolvidos no processo de produção e significação daquele espaço, como os vendedores ambulantes, que não possuem um ponto fixo, mas percorrem os corredores da Feira ofertando os mais variados produtos em mochilas e sacolas.

Os balaieiros (ou mangaieiros) são exemplos de trabalhadores informais existentes na Feira. “Balaieiro” é um termo que historicamente designava o personagem que carregava as

24 Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/06/22/campina-grande-na-paraiba-tem-fama-de-promover-o-maior-sao-joao-do-mundo.ghtml>

25 Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2019/05/16/paraiba-tem-menor-taxa-de-desemprego-do-nordeste-no-1o-trimestre-de-2019.ghtml>

26 Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/campina-grande/panorama>. Acesso em 30/09/2018.

compras dos fregueses em balaios²⁷, mas que atualmente realizam esse serviço em carros de mão, e são chamados de carroceiros.

Os carregadores de carro de mão, carroceiros disponibilizam o serviço de carregar e descarregar os caminhões dos fornecedores, de carregar as compras dos fregueses, geralmente quando os clientes precisam levar suas sacolas até o ponto de ônibus, ou quando o cliente é um comerciante vindo de outra cidade e realiza suas compras nos depósitos de atacado na Feira, precisam deslocar as várias caixas para o estacionamento onde deixam seus pequenos caminhões.

Mais uma categoria informal que dinamiza a Feira, é o grupo de feirantes que permanece fixo na “entrada” da Feira Central, não possuindo banco, ou box, esse vendedores utilizam o corpo para comercializar, com os balaios pendurados no pescoço carregados de sacos de verduras selecionadas e de valores abaixo do que o freguês encontra nas barracas. Nesse estudo, tratei esses personagens por “balaieiros”.

Há também outras figuras que se inserem nessa dinâmica do cotidiano da Feira, como os fregueses locais (ou vindos das cidades circunvizinhas), os turistas que visitam o local para fotografar-se junto aos produtos regionais e itens de artesanato, numa tentativa de reviver histórias da tradição cultural nordestina, ou os passantes que frequentam a Feira para alimentar-se nos restaurantes e bares, utilizar os serviços de barbearia e para “jogar conversa fora” com os amigos enquanto passam o tempo de algum compromisso (médico, ou para aguardar o horário do transporte de volta para sua cidade).

²⁷ Mangaio é um tipo de instrumento para carregar, por exemplo, frutas. Compõe-se de uma vara com cordas nas extremidades e nelas são amarrados balaios feitos de cipó onde são colocadas as frutas para serem transportadas e vendidas, apoiados sobre as costas por trás do pescoço.

2. CAMINHOS DA PESQUISA

2.1 APROXIMAÇÃO COM O CAMPO DE PESQUISA

Ao me mudar para Campina Grande no ano de 2013, fui conhecer a famosa Feira Central, que tanto se falava na cidade, a convite do professor Vanderlan. Ela, como um cartão postal da cidade, é citada sempre ao recepcionar turistas e novos moradores. Naquele dia, não me recordo muito bem, mas tenho certeza que não percorri todo seu território. Lembro de pensar comigo que talvez levasse muitos anos para conhecê-la totalmente. Mal sabia que se tratava de um lugar inesgotável, por sua capacidade de reinvenção contínua.

Conheci o grupo de estudos Sociabilidades e Conflitos Contemporâneos – SOCIATOS nesse mesmo período e tive a certeza de que havia iniciado uma nova caminhada. A insegurança me afligia por ter vindo de outro curso (apesar do grupo abranger gente oriunda das mais variadas áreas), por vir de outra universidade, e de outra cidade, mas enxergava aquela caminhada com grande expectativa pela receptividade que o grupo me acolheu.

No período junino muitos do grupo me falavam da Feira como uma extensão do Parque do Povo. O que só vim entender com o tempo, que após assistir aos shows do Maior São João do Mundo, o público se dirige ao amanhecer para a Feira a fim de desfrutar dos pratos regionais, tais como caldos, mocotó e buchada, servidos nos bares e restaurante de lá.

No ano de 2015 foi realizado um exercício proposto pelo professor José Magnani (USP), que estava visitando a Cidade de Campina Grande a convite do grupo de estudos SOCIATOS (UFCEG). Realizamos uma caminhada etnográfica pela cidade com vistas a observar os cenários, os atores e as regras estabelecidas nas interações dos sujeitos no cotidiano da cidade. Esse esquema guiaria nossas percepções e despertaria nosso olhar para perceber o espaço urbano pelas lentes da etnografia. Entre locais que surgiam no caminho percorrido, a Feira foi especialmente notada por sua multiplicidade de estímulos, suas cores, cheiros e sons.

Nos anos que sucederam a minha entrada no programa de pós graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, o grupo de estudos SOCIATOS formulou projetos de pesquisas voltados para investigação de dois espaços de sociabilidades, lugares de importância no cotidiano e na história da cidade de Campina Grande, que até aquele momento não denotava nenhuma pesquisa de abordagem socioantropológica, seriam eles a “Rodoviária Velha” e a “Feira Central”.

Na oportunidade, optei pelo estudo que priorizaria o espaço da Feira Central. Em junho de 2017 em incursão na Feira realizada pelo grupo de estudos, tive a oportunidade de estabelecer as primeiras conversas com os feirantes, que falavam orgulhosos do lugar que

ocupavam, dos tempos áureos de vendas, o de possuidores dos próprios pontos, os que improvisam com tablados de madeira nos espaços para comercializar.

Falavam longo período que já se encontravam naquele espaço, da família que constituíram, nos filhos criados do sustento que retiravam de lá, e hoje estão gerindo o próprio negócio. Histórias como essas são constantemente relatadas pelos feirantes, assim como nos contou uma vendedora de doces, que recepcionava quem passava de forma articulada e animada, e oferecia doces para os passantes experimentar.

Após aquela incursão, durante as reuniões do grupo do projeto da Feira Central, todos se empolgaram com a extensa gama de possibilidades de investigação que o universo da Feira nos propiciava. Os temas perpassavam a sonoridade do espaço, o destino do lixo, o trabalho infantil, entre outros. Havia, realmente, um lugar ainda inexplorado pelo arcabouço da antropologia, e estava ali pulsando na tessitura urbana.

Até aquele momento, minha temática de pesquisa de mestrado era outra completamente distante da vivacidade da Feira. Entre conversas no grupo de estudos a respeito do hau (matéria espiritual) de Marcel Mauss, havia uma necessidade de retorno à Feira vivida internamente por mim, que palpitava desde aquela última incursão, o que me fazia pensar que junto com o doce, a feirante me oferecera a oportunidade de experimentar aquele lugar.

O tema despertou cada vez mais o meu interesse, e após algumas reuniões do grupo discutindo o projeto da Feira, estava decidida que aquele seria o meu campo e temática. Ao conversar com os feirantes sobre a dinâmica que se construiu naquele espaço há tantos anos e a respeito de como eles estabeleceram os laços entre si e com a cidade, me despertou o interesse em conhecer mais a fundo quais os sentidos perpassam o ser feirante na Feira Central de Campina Grande.

2.2 QUANDO O CAMPO É A FEIRA

Assim como o próprio objeto de análise – o conceito de cultura, que está em constante debate e transformação –, o pesquisador vê-se em um trânsito inelutável da vida e de sua prática diante os desafios do seu ofício. Com o intuito de compreender melhor o caminho escolhido para realizar essa pesquisa, percorro brevemente algumas contribuições de autores da área para a consolidação do fazer etnográfico, e por conseguinte apresento os passos metodológicos que nortearam o meu trabalho.

A antropologia surgiu como disciplina científica (SILVA, 2009) “em meados do século XIX [...], ao longo desse processo de formação, a Antropologia Social foi refinando seus

métodos e teorias, sempre tendo como horizonte uma melhor compreensão do outro e do seu mundo.”. O aprimoramento do fazer do pesquisador é intrínseco às transformações históricas e sociais que o envolve.

O posicionamento do antropólogo diante seu objeto de estudo se encontra em pauta desde os debates acerca do trabalho dos pesquisadores da chamada vertente evolucionista, onde se predominava a “pesquisa de gabinete”, que consiste na metodologia etnocêntrica dos pesquisadores desenvolverem seus estudos a partir dos relatos e questionários que viajantes missionários aplicavam nos povoados distantes.

Foi o antropólogo polaco Malinowski (1978) quem inaugurou o método da presença em campo. Definida como “observação participante”, esse procedimento incide na inserção do pesquisador junto ao grupo o qual que se pretende “estudar”, e hoje é exigência para o desenvolvimento de uma pesquisa etnográfica. Assim como a cultura é processual, pois nenhuma sociedade é estática, há a constante necessidade do pesquisador se propor a aprender as novas abordagens que deem conta do seu campo de estudo.

Geertz (2017) apresenta a proposta da interpretação densa, que compreende a leitura mais próxima que os “nativos” fazem de sua própria realidade. Se o pesquisador, por sua vez, não considerar o olhar nativo, e não buscar entender os significados aportados, se corre o risco de fazer uma leitura do seu objeto de estudo de maneira equivocada. O autor nos apresenta o clássico exemplo de um simples gesto que é a “piscadela”, “código” corporal que pode obter os mais variados significados ao considerar o contexto em que o gesto está sendo executado.

O papel do pesquisador é buscar compreender esses significados, pois em campo o antropólogo se depara também com os gestos, com as posturas, semblantes e pausas que podem dizer muito além do que está contido nos discursos proferidos pelos seus interlocutores. Nesse sentido, a etnografia se apresenta não só como um método, mas como um conjunto de ações, empreendimento físico e intelectual no objetivo de compreender a sociedade.

Pequenos recortes empíricos foram sendo traçados no campo que a antropologia urbana começava a surgir. Os “pedaços” (MAGNANI, 2008) iam sendo mapeados, aquele espaço entre a casa e a rua, e as sociabilidades produzidas. Com a expansão da modernidade e o desenvolvimento dos centros urbanos, as demandas foram se complexificando, os grupos passaram a reinventar os espaços, passaram a buscar identificação e representação.

Todas essas categorias, que descrevem diferentes formas de uso e apropriação do espaço, constituem chaves para leitura, entendimento e orientação na cidade: ao circunscrever pontos socialmente reconhecidos como relevantes na dinâmica urbana, servem de referência para atividades que compõem o cotidiano – seja de trabalho, lazer, da devoção, da militância, da prática cultural. Fazem parte do patrimônio da

cidade, configuram aquele repertório de significantes que possibilitam guardar histórias e personagens que estariam esquecidas não fosse pela permanência, na paisagem urbana, de tais suportes (MAGNANI, 2008, p. 45).

A noção homogeneizada e cristalizada de periferia é confrontada por Valladares (2005, pg.152) que defende que as favelas possuem “diferenças de natureza sociológica”. E que a relação das periferias com a cidade amplifica-se diante a inclusão desses espaços no mundo globalizado, multifacetado que apresenta uma diversidade de novos temas para pesquisas, tais como religião, família, culinária, entre outros. Os detalhes do cotidiano começaram a aparecer, e a visibilidade de grupos marginais desponta, elencando questões de quem seriam essas pessoas, e de que forma elas viviam.

[...] é necessário voltar-se para a “proliferação disseminada” de criações anônimas e “perceíveis” que irrompem com vivacidade e não se capitalizam. Um domínio de pesquisa é circunscrito, se os meios teóricos de trabalhar nele se acham ainda mal definidos. Esse domínio dirá respeito às “operações culturais (que) são movimentos” e cujas “trajetórias não são indeterminadas, mas insuspeitáveis”, constituindo aquilo cuja formalidade e modalidades se deve estudar para dar-lhe o estatuto de inteligibilidade. A cultura no plural, não podendo dizer mis, ele retornará aos trabalhos ulteriores de esclarecer os caminhos sinuosos que se percebem nas astúcias e táticas das práticas ordinárias (CERTEAU, 2014, pg. 13).

Nesse contexto de expansão de novos grupos urbanos e voltando a atenção das pesquisas de antropologia urbana para os contextos das “pessoas comuns” (CERTEAU, 2014), percebemos as “Feiras” ocupando e ressignificando espaços urbanos, constituindo lugares de múltiplos sentidos no coração dos grandes centros e identificadas como elementos importantes na estrutura social do meio urbano.

A instalação de uma feira livre no ambiente de uma rua ou largo representa uma quebra de continuidade na atmosfera cotidiana [...], criando um novo evento, estabelecendo novos percursos e novas possibilidades de sociabilidade. A instauração desse tempo do mercado mobiliza os habitantes da cidade e dos bairros aderirem a um espaço particular e circularem por ele. Ao mesmo tempo, esse evento de mercado que pontua o cotidiano e passa a fazer parte dele (VEDANA, 2008, p. 160).

Atrelada ao surgimento das cidades, as Feiras persistem nos cenários urbanos como espaço de transformação e resistência, ao passo que o grupo que a constitui, atribui os mais variados sentidos ao lugar. E como um fenômeno que ganha força através do tempo, e cada vez mais representação na vida dos sujeitos, é um terreno pulsante que requer a abordagem antropológica.

A feira envelhece. A feira é tão viva, que envelhece. Ainda assim levanta cedo, estende sua rotina nas barracas, defuma com café, alimenta os habitantes com buchada, costurada há 70 anos pelas mãos de Dona Dete. Buchada fechada com zelo

e consumida em restaurantes da cidade por pessoas que, hoje, temem o espaço da feira. A feira recusada como marca, quase uma chaga, que macula as pretensões de modernidade que Campina Grande aspira, na sua busca por realocar se na economia regional (PIZZIGNACCO, 2016).

As grandes cidades (SIMMEL, 2005) apresentam uma gama de possibilidades de interações, mas também desperta nos indivíduos a incessante necessidade de individualismo como estratégia proteção a uma vida nervosa de múltiplos estímulos. E as pessoas continuam frequentando a Feira nos centros urbanos, mesmo diante da presença maciça de supermercados e hipermercados, essa relação com a Feira, propõe que os sujeitos reconhecem aquele espaço como “lugar de sentidos” e partilha.

As pessoas possuem a necessidade de partilhar e disputar realidades, a “construção social dos lugares politiza o espaço urbano [...], na medida em que cada *lugar*, para se legitimar perante o *outro* – e a partir do qual se diferencia –, precisa igualmente ser reconhecido publicamente em sua própria singularidade. (LEITE, 2002, pg. 130)”.

[...] as trocas simbólicas são formas através das quais as sociedades reproduzem a si mesmas. Essas reproduções se fazem sobretudo por meio do ‘status social’ dos indivíduos. Doar, portanto, não é um ato espontâneo, motivado unicamente por um desejo individual de agradar outrem, mas sim uma obrigação social impressa no indivíduo pela força do social. [...] (SILVA, 2009, p. 97).

Os sentidos que a Feira desperta em suas cores, cheiros, sons e sabores vão se intensificando conforme se percorre um dos seus muitos corredores, percebem-se mais barracas, lojas, dos mais variados comércios. Flores, plantas, itens de madeira, de couro, peixes, carnes, roupas, brinquedos, etc. Diálogos de pais e filhos demandando tarefas em suas bancas, e relações entre feirantes e seus clientes constituem as sonoridades do espaço.

[...] os fregueses desenvolvem saberes sobre as compras: quais alimentos estão bons, como escolher, combinações de cheiros e cores que falam sobre o que está sendo escolhido, como ordenar estas compras no período da semana, com quem comprar, como preparar as receitas que dão origem às refeições, quais as propriedades de cada produto, entre muitos outros saberes; os feirantes desenvolvem saberes sobre a cidade e suas formas (VEDANA, 2008, p. 193).

Ao acionar práticas inventivas, principalmente, linguagens e formas de conversar, os comerciantes imprimem entonação entusiasmada na voz, fazem brincadeiras uns com os outros, e até com os clientes que dão abertura, transformam esse espaço atrativo, cheio de vivências, narrativas, singularidades, mas também de sentidos construídos coletivamente.

Na prática cotidiana de “fazer a feira” nos espaços públicos da cidade para adquirir o que será consumido no espaço doméstico durante a semana, inúmeros são os

elementos simbólicos acionados para explicar a frequência ao território da rua, que podem situar-se desde a relação de confiança com o feirante e as formas de sociabilidades aí presentes, até uma ideia de “pureza” do alimento que está sendo adquirido, em função da possibilidade de tocá-lo, escolhê-lo, experimentá-lo com todos os “sentidos”, projetando-se já, de certa forma, a “alquimia” que irá se processar no contexto da cozinha (VEDANA, 2004, p. 11).

A percepção sobre o cenário da Feira muitas vezes reveste o sentido de que é um espaço de predominância das relações econômicas, de caráter “racional” e “matemático”. Que o lucro do comerciante seria o fio condutor nas relações sociais, mas a “arte de fazer” reflete uma nova configuração de sociabilidades permeadas por artes e sentidos, de quem faz do espaço da Feira o seu lugar no mundo (AUGÉ, 2011) a partir de relações de fidelidades e da evocação do sentido que aquele espaço possui para aquele que o frequenta/pratica, para sua história, a história de sua família.

A feira central de Campina Grande se apresenta como lugar heterogêneo, refletindo o movimento, os conflitos e as sociabilidades presentes nas cidades. Esse reflexo da feira ora pode ser sentido, ora pode ser visto, pois, ela abriga sociabilidades complexas inusitadas. E são nos espaços da feira que sentimos a força dessas relações, ora reguladas pelas negociações mercantis, ora reguladas por laços de pertencimento. Desta forma, para além de um lugar comercial, a feira se apresenta como lugar vivido, praticado, sentido, que oscila entre a oferta, a procura e a sociabilidade, ‘tudo junto e misturado’. (SANTOS e SILVA, 2018)

Assim, os autores aqui tratados, me inspiram a perceber o espaço da Feira Central de Campina Grande como lócus de pesquisa. Todo pesquisador aciona um planejamento para suas ações, mas deve centrar-se a utilizar-se das propostas desses autores não como manuais, mas como instrumento para entrada em campo, porém a circulação vai depender unicamente da capacidade de adaptação e de lidar com as peculiaridades que o campo apresenta.

O que o etnógrafo enfrenta, de fato [...] é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muito delas sobrepostas, ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares, e implícitas e que ele tem de alguma forma, primeiro aprender depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro [...]. Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios do comportamento modelado (GEERTZ, 2017, p. 7).

Para a realização dessa pesquisa utilizei uma abordagem qualitativa/etnográfica, que me permitiu fazer observação direta e participativa. Optei por dias e horários alternados que me propiciasse perceber o “acontecimento” da Feira e a transformação do espaço pelos praticantes do lugar. Me utilizei de caminhadas sistemáticas que me permitiram capturar visualmente as práticas dos agentes e os discursos nas conversas informais.

Nesse sentido, estive atenta não somente ao que o interlocutor tentou me dizer em sua fala, mas aos significados por trás dela e de sua postura, que muitas vezes estão contidos nos gestos, nos silêncios, pausas e semblantes. Busquei identificar além dos discursos, portanto, quais os laços estabelecidos de amizade, os fragilizados, as táticas de vendas e fidelização de clientes frente a concorrência não só com seus colegas de banco, mas com as mercearias de bairro, sua relação com o espaço da Feira.

Perceber minha imagem enquanto mulher pesquisadora, foi um cuidado que tive ao ir a campo. Utilizei sempre trajés e calçados confortáveis, cabelo preso e uma postura que me possibilitasse circular sem ser notada. Pois como afirma Gouveia (1984, pg.61) pesquisador “é na realidade, o seu próprio instrumento de trabalho”.

Além das observações, utilizei entrevistas, optei por roteiros com perguntas semiestruturadas por esse modelo possuir uma formulação mais flexível de questões abertas. Elaborei o roteiro contendo temas gerais a serem abordados com todos os entrevistados, e algumas perguntas direcionadas de acordo com o setor que o interlocutor ocupa, possibilitando, assim, os discursos dos entrevistados fluírem naturalmente.

A partir da observação prévia, selecionei um grupo de seis (06) feirantes para a aplicação do questionário, algumas pessoas terão seus nomes alterados para proteger suas identidades pois não quiseram ser identificadas, enquanto outras terão seus nomes reais publicizados a pedido e permissão das próprias. Entendo que uma “amostra” dos discursos dos feirantes, somada às percepções das observações em campo, me permitiram articular os dados coletados com as teorias escolhidas que pautaram esse estudo, pois o campo está constantemente nos fornecendo informações.

Os critérios que me levaram a selecionar o grupo a ser entrevistado, também, foram articulados enquanto realizava observações no campo. A Feira Central é composta por diversas “feiras” menores e localizadas (que identifico nesse trabalho como “setores” e me utilizo das duas formas para fazer referência no texto), que se auto organizam e possuem questões coletivas e subjetivas de ordenamento por parte de seus sujeitos.

Assim, os principais comércios que ocorrem na grande Feira são divididos em setores (feiras menores), são elas: a Feira de carnes (que ocorre dentro do Mercado Central, onde também se comercializa peixes e cereais), a Feira de roupas e calçados, a Feira de frutas e verduras e a Feira de doces e queijos. Além dessas, ainda funcionam a Feira de Flores, a Feira de aves (pássaros e galinhas), a Feira de cereais e outras. Mas para esse estudo, selecionei apenas as quatro citadas inicialmente. Assim, realizei as entrevistas.

Selecionei um feirante da Feira frutas e verduras, porque é onde acontece um dos principais tipos de comércio do lugar. O setor está localizado na entrada principal da Feira, e seu corredor de barracas coloridas se apresenta como a porta de entrada, estimulando o convite visual da Feira, os feirantes estão constantemente rearranjando seus itens nos expositores, exibindo as melhores escolhas para o freguês.

Optei por duas feirantes da “Feira de roupas” que foram percebidas durante o período de observação. Busquei entrevistar uma jovem vendedora após ouvir nas conversas informais que havia feirantes mais novos desse setor contratando influenciadores digitais para divulgar suas lojas. E procurei entrevistar uma senhora que vendia roupas e morava na Feira há 17 anos para entender quais as diferenças nas abordagens de cada geração. A Feira de roupas e calçados se estende em dois imensos corredores de boxes, talvez o maior setor em questão de ocupação do território.

Realizei entrevista com uma dupla de feirantes do setor de “carnes”, com uma feirante do sexo feminino e um do sexo masculino, para entender quais as táticas e desafios cada grupo enfrente, pois esse setor é ocupado majoritariamente por feirantes do sexo masculino. Essa Feira funciona dentro do mercado central, ao entrar nesse espaço não encontramos muitas cores, nem sons no ambiente, que marcadamente concentra os “cheiros” das carnes mantidas em alguns refrigeradores (ou talvez pela ausência deles).

E por fim, obtive uma entrevista com uma feirante do setor de “doces e queijos”, por ser uma das feiras com uma característica bem específica, que é a oferta da “prova”, prática em que os vendedores ofertam uma amostra dos seus produtos para os fregueses constatarem a variedade e sua qualidade. Nesse setor encontramos os "sabores da feira".

Os passos que me orientaram na realização desse estudo, desde o referencial teórico até a finalização do trabalho de campo, me ajudaram a compreender como esse grupo significa a Feira, a entender os conflitos gestados pelos mais diversos fatores (que irei desenvolver no texto do ponto 3.2), e me guiaram a encontrar as respostas (e despertar mais questões) que meu objeto de estudo suscitou acerca de quais os sentidos do ser feirante na Feira Central de Campina Grande.

2.3 CARTOGRAFIA DA FEIRA

A Feira Central é um evento que acontece diariamente das primeiras horas do dia até o crepúsculo, exceto aos domingos, em que o movimento migra para a Feira da Prata. Os dias de maior atividade são as sextas e sábados. Recorri das caminhadas sistemáticas para circular e apreender o desenho espacial da Feira, entendendo sua distribuição pelas ruas e assim,

cada um, a placa trata de das regras de um ordenamento “oficial” da Feira, mas como veremos mais à frente, ela é construída nas práticas cotidianas (CERTEAU, 2014) dos seus personagens.

O primeiro setor que nos deparamos, se estende pela Rua Deputado José Tavares, é da “Feira de frutas e verduras”, os “bancos” (como denominam os feirantes) são construídos por tablados de madeira e toldos, a concentração maior nessa rua, é de venda de verduras, legumes, frutas e hortaliças.

Ao descermos pela Rua Antônio Sá, entramos no setor conhecido por “Feira de roupas e calçados”, que é caracterizado, por seus pontos, em sua maioria, serem boxes (estruturas de alvenaria ou alumínio), onde se encontram de grandes lojas de sapatos da cidade, a pequenos pontos que vendem vestiário, roupa de cama, redes e alguns poucos de venda de itens variados, tais como funil, candeeiro, arupemba, e “miudezas” na parte interna do “corredor”, no lado externo funcionam as barbearias, na década de 1970 eram apelidadas de “pêla-porco”, que atualmente possuem cadeira lavatório, e serviços de sobancelha para o público feminino.

Ao entrar na Rua Manoel Farias Leite, está localizada a “Feira de Flores”. Nesse setor se concentram as floriculturas, que disponibilizam serviço de entrega à domicílio e são muito frequentadas em datas comemorativas, possuem arranjos de flores personalizados, e vasos de plantas, que podem ser acompanhados por bichos de pelúcia. Há também na extensão da rua, várias lojas de artigos religiosos, e artesanais, itens que vão de cestos de vime, a barris de cachaça em forma de bode.

O largo do Pau do Meio é como é definido o espaço que se encontra na convergência entre a Rua Antônio de Sá e a Rua Cristóvão Colombo, possui antigas e pequenas edificações abandonadas e poucos ainda funcionam como ponto de comércio, algumas dessas construções são ocupadas por pessoas em situação de rua que habitam a Feira.

Percebi durante minhas idas a campo a presença de poucas mulheres, e algumas crianças que brincavam nas bacias de água onde as mulheres lavavam roupa, os homens se mantêm durante o dia (período que observei) entre os becos do largo, bebendo e assistindo o movimento. Há muitos becos no largo, mas não pude entrar para observar em todas as idas a Feira, porque durante os dias da semana o largo toma ares de completo ermo, e apenas em alguns sábados que alguns feirante remanescentes abrem seu comércio (não abrem todo fim de semana).

Figura 10: Edifício Pau do Meio, 1980



Fonte: Antônio Albuquerque da Costa²⁸

O largo conhecido como Pau do Meio leva esse nome em referência a esse antigo edifício (figuras 10 e 11) que se destacava em meio a Feira como única edificação naquele espaço nos anos 1980. Hoje, a aglomeração de diversas edificações, barracas e boxes, dificulta a visualização do edifício.

Figura 11: Edifício Pau do Meio, 2013

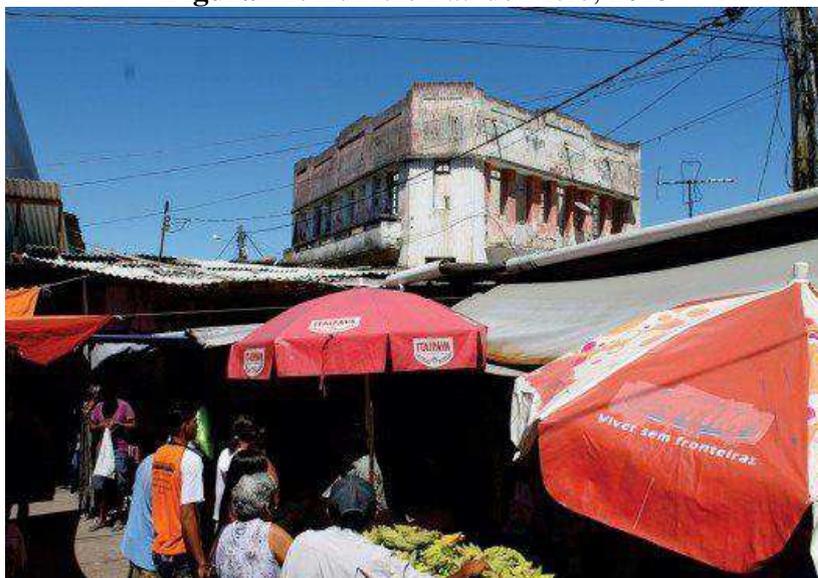


Foto: Pedro Carvalho²⁹

Subindo a Rua Cristóvão Colombo há stands de alimentação, muitas barracas que vendem lanches e almoços para os fregueses, porque muitos feirantes levam sua própria

²⁸ Link: <http://cgretalhos.blogspot.com/2010/10/?m=1>

²⁹ Link: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/14.165/5125>

marmita de casa. Ao cruzar a Rua Marçílio Dias, no final da rua Cristóvão Colombo, estão as granjas que funcionam em antigos galpões, há amontoados de galinhas vivas em caixotes de madeira que são transportados dali para frigoríficos, ou concentradas em uma espécie de tanque onde são alimentadas.

O Mercado Central é o espaço edificado mais antigo da Feira, foi construído no período da transferência da Feira para lá³⁰, dentro funcionam alguns boxes de vendas de cereais, e um em particular me chamou atenção, um senhor que costuma ler seu jornal, de pernas cruzadas, transmitindo uma imagem despreocupada contrastando da correria e atividade que os outros feirantes exerciam. Na parede de seu estabelecimento, várias fotografias de corridas de rua que ele participara. Muitas delas constando suas medalhas.

Dentro do mercado também está localizado a “Feira de Carnes”, “Feira de Peixes”, e alguns pontos que vendem queijos, ou funcionam como bares e restaurantes. Apesar da grande movimentação nas ruas do entorno do mercado, ao entrar a ambiência muda completamente. As conversas diminuem o tom, o espaço concentra cheiros mais fortes, e por alguns pontos serem refrigerados deixam o ar gélido.

Me pareceu que toda a vivacidade que ocorre lá fora, dá lugar a outro ritmo. Nas primeiras idas a campo percebi que os feirantes nesse espaço conversam pouco entre si. E não costumam abordar os fregueses com frases convidativas que escutamos nos outros setores, a exemplo do clássico “vai levar o que hoje?”. Porém, essas primeiras impressões que tive, mudaram à medida que a pesquisa transcorria, e tive a oportunidade de realizar entrevistas com feirantes desse setor. Que será exposto melhor no ponto 3.1.

Há uma maior presença de crianças e adolescentes no setor que funciona a Feira de Peixes, em comparação aos demais setores. É o lugar onde os pontos são ocupados em sua maioria por arranjos familiares, sempre há mais de uma pessoa auxiliando nas vendas, no trato do peixe a marteladas (que requer cuidado dos fregueses ao transitar por ali para desviar dos respingos), na higiene do balcão (que é realizada com baldes de água, o que deixa o piso encharcado). Muitas crianças brincam por ali, ou ajudam os pais/avós nas tarefas das bancas revestidas de cerâmica branca e entranhas.

Do mercado há vários acessos para as ruas em seu entorno, geralmente eu saía pelo que dava para “Feira de roupas”, passando várias vezes pelo mesmo corredor. Um senhor que vende numa loja de sandálias me reconheceu das idas anteriores e me perguntou “ainda não

³⁰ A mudança da Feira para o bairro onde está situada hoje, foi tratado no 1.2.

encontrou?”, sorri e respondi que estava passeando pela Feira. Ele percebeu a garrafa de água em minha mão e respondeu: “pois se hidrate, que a Feira é chão...”.

E quanto chão! Ao subir o corredor, saímos na Rua Marcílio Dias, em frente ao Mercado Central, onde funciona o setor de “queijos e doces”, e nesse setor que podemos sentir o “sabor” da Feira, que é ofertado “a prova” pelas vendedoras aos potenciais clientes para experimentarem (e aprovarem) seus itens.

Nos dias de semana podemos circular mais livremente nessa rua, pois apenas os bancos e os boxes de venda de doces e queijos funcionam, no dia de maior movimento, que é o sábado, a rua é ocupada pelos mais diversos ponto improvisados de comércio, camelôs, carrinhos de mão com caixas de isopor cheias de galinha tratada, novos bancos, toalhas no chão com inhames e toda sorte de produtos, além de motos de clientes realizando compras, ou moto-taxis realizando pagamentos, e carroceiros carregando as compras dos clientes.

Ao descer a Pedro Álvares Cabral há algumas barracas de frutas, e a rua é mais esvaziada durante a semana. O movimento é menor, e a distância entre as barracas em funcionamento é maior. Nos fins de semana nessa rua vários bancos são montados, e são ligadas muitas caixas de som, que se misturam a um intenso falatório de pessoas, no sábado também é mais fácil encontrar algum repentista percorrendo as ruas e brincando com os feirantes e atraindo os clientes.

A rua Dr. Carlos Agra, que fica por trás do Mercado Central, durante os dias de semana não há funcionamento, porém aos sábados é uma das ruas mais movimentadas, são comercializadas sacas de cereais, e é o acesso mais próximo de um pequeno estacionamento, que propicia aos clientes oriundos de outras cidades o carregamento dos seus pequenos caminhões. A falta de um estacionamento que comporte o público da Feira, é pauta constante de reclamações dos feirantes com box, que veem isso como desvantagem para eles, e uma utilidade ofertada pelos grandes supermercados.

Na rua Manoel Pereira de Araújo há alguns bares e bordéis remanescentes da Campina Grande de outrora. Ao passar por ali, tentei não observar muito, por causa dos olhares de estranheza e desconforto dos clientes do bar na presença de outsiders. Uma experiência vivida por uma colega do grupo de estudos SOCIATOS ilustra bem isso. Ao realizarmos uma caminhada etnográfica em grupo pela Feira, minha colega entrou em um desses bares para comprar água, e foi imediatamente advertida pela vendedora de que “ali não era lugar para ela”, deixando bem claro que a presença dos que não pertencem àquele lugar, é indesejada.

Na Rua Antônio Pereira Araújo, é onde ocorre a “Feira de aves” com a comercialização de galinhas e passarinhos que, em sua maioria, permanecem dentro de pequenos “viveiros” de

madeira. Também comercializam ali algumas barracas de raizeiras (que vendem lambedores e ervas para todo mal). Lá encontram-se as ruínas do antigo suntuoso Cassino Eldorado, que hoje sofre com constantes desabamentos e possui placas de madeira em seu todo entorno apoiando o que restou de paredes de concreto. Essa situação vulnerável do prédio não o impede de abrigar pessoas em situação de rua, que há anos habitam ali.

Por fim, a rua Cap. João de Sá é a rua mais afastada, e onde os caminhões aportam para carga e descarga dos produtos que irão abastecer os estabelecimentos da Feira. Há ainda alguns bancos distantes uns dos outros e do intenso movimento de clientes das ruas anteriores. Para compreender a extensão da Feira, circulei por todas as ruas várias vezes. Em algumas situações, me percebia distante do movimento, em outros lugares da cidade, ou me via na Av. Floriano Peixoto.

A Feira Central se desenha, então, no centro da cidade de Campina Grande como um espaço público, habitado, frequentado e praticado não apenas por estar em meio a um logradouro urbano, mas por ter sido socialmente construído por seus usuários, redefinindo e agregando os usos que primeiro aportaram naquele espaço. Ao “invadir” aquelas ruas, os personagens que constituem a Feira cotidianamente, levaram consigo os signos que conferem a identidade socioespacial daquele lugar.

Mensalmente nos dirigimos aos supermercados com a noção de “fazer a Feira” do mês. Vamos aos estabelecimentos delimitados fisicamente por concreto, com o intuito de comprar determinados produtos e nos utilizamos de serviços de autoatendimento. Nosso diálogo é interno, ao ler os rótulos, ou preços estabelecidos, pegamos os itens que precisamos, passamos no caixa, utilizamos o cartão de crédito e saímos. Sem maiores interações com as demais pessoas que ali se encontram.

Na Feira, a pluralidade de feirantes possibilita manifestações múltiplas de se “fazer a Feira”. Ao sair de casa todos os dias com seus produtos, chegarem à Feira e iniciarem a montagem de seus pontos, os feirantes também estão indo “fazer a Feira”, imbuídos de seus saberes e de suas práticas. O preço de seus produtos é “pré-estabelecido”, mas envolve negociação e a situacionalidade na hora da venda. Os seus produtos, geralmente, vão acompanhados de instruções de como fazer o melhor uso, seja na sopa, seja no chá. O freguês que se vê procurando o que comprar, mas ainda não tem certeza do que levar, encontra na Feira um universo de ofertas, são convidadas, recepcionadas e instruídas pelos feirantes nas mais variadas formas de sociabilidades.

Diante do exposto, o exercício de compreender o espaço da Feira me trouxe a clareza de perceber o “lugar” Feira (AUGÉ, 2012). Distante da vida impessoal, industrializada,

burocratizada que assinalava Simmel a respeito das consequências de viver nos grandes centros, ou da “solidão” que nos alerta Augé, a Feira representa um lugar onde os seus trabalhadores não estão motivados unicamente pelas recompensas pecuniárias, mas onde há construções sensíveis e outras formas de viver o mundo moderno, um lugar onde, talvez, não nos sintamos sozinhos.

2.4 DIA DE FEIRA

Após a decisão de desenvolver uma etnografia na Feira Central, narro aqui minha primeira incursão no campo sozinha, numa quarta-feira à tarde, para iniciar as observações. Cheguei à Feira por volta das 14h e peguei o acesso da Rua Afonso Campos, que leva direto à “entrada” principal, localizada na interseção da Rua Peregrino de Carvalho e da Rua Deputado Tavares (que é uma extensão da Rua Afonso Campos). Minha primeira impressão foi de perceber o esvaziamento nas ruas, o que indicava ter muita tranquilidade por se tratar de um dia de semana à tarde.

A rua da entrada se dá em um corredor repleto de “bancos” de frutas e verduras, e muitos feirantes aproveitavam o pouco movimento e encontraram “intervalo” para almoçar naquele momento. Alguns já recolhiam seus produtos e estavam armazenando em caixas de plástico vazadas. Outros estavam sentados, com o semblante de cansaço de quem estava ali havia muitas horas. Os “bancos” eram predominantemente constituídos de tablados de madeira e toldos coloridos. Alguns feirantes possuíam pontos maiores, que se dava pela junção de dois bancos ou mais, que dividiam com alguns familiares, ou tomavam conta sozinhos.

À medida que ia percorrendo a extensão do corredor, me deparei com a primeira entrada à direita, o setor da “Feira de Roupas” que está localizado na lateral do largo do “pau do meio”. Acontecia uma pequena movimentação naquele espaço, percebi ao me aproximar, que se tratava de uma equipe de reportagem da TV Itararé que se preparava para gravar uma matéria.

Busquei ficar pelas proximidades, olhando os artigos das barracas, a fim de descobrir do que se tratava a gravação, mas a equipe estava realizando apenas os “takes”, e logo saíram. As feirantes daquele setor pareciam totalmente desinteressados na presença da equipe, ou em saber do que se tratava, pois agiam indiferentes a eles, mas recepcionavam com animação os poucos fregueses que passavam.

Continuavam seus afazeres, dobrando peças de roupas, pendurando outras em cabides, ou trocando os manequins. Percebi uma predominância maior de feirantes mulheres naquele setor em comparação aos demais. Elas conversavam sobre roupas e eventos festivos, e davam

dicas umas às outras sobre roupas. A conversa predominante entre o grupo de homens naquele espaço era sobre futebol.

Ainda não era 15h da tarde, quando um feirante que comercializa artefatos de ferro, facas e itens artesanais no meio do setor de roupas dizia em tom jocoso aos colegas que ia guardar seus produtos que estavam expostos no chão em frente ao box para ir embora: “*vou ficar aqui mais nada, sou rico e não fico até às 18h. Todo dia é um tirar e botar de novo essas porra, trabalho da mulesta!*”, ao que os colegas caíam na risada, e eu também. Ele se divertiu ao perceber que tinha me feito rir com a espontaneidade e sinceridade e riu também.

Mais à frente um feirante de redes estava comentando com outras feirantes sobre a presença da equipe de reportagem, parecia um tanto exaltado, mas tentava falar baixo para os fregueses não ouvirem, ao passar alguém, ele diminuía a voz. Me aproximei para ver as redes e, então, tentar ouvir sobre o que se tratava a reportagem, mas logo as suas colegas perceberam minha aproximação e o avisaram para me atender.

Ele então começou a explicar a procedência daquelas redes, que eram feitas de algodão cru, que eram mais resistentes do que as redes que encontramos “por aí”, e enaltecendo toda sua beleza e qualidade. Eram, de fato, redes muito bonitas, mas me despedi sem comprar, e logo ele voltou a conversar com as colegas em tom baixo, mas visivelmente incomodado sobre o que estava acontecendo na Feira.

Eu já tinha ido à Feira muitas outras vezes, mas sempre em grupo, ou com conhecidos realizar compras pontuais. Sozinha ali eu me sentia “tateando no escuro” para descortinar o território, não sabia exatamente para onde estava indo, apenas seguia o curso que a fila de barracas ia desenhando.

Naquele imenso e estreito corredor da Feira de Roupas, os fregueses disputavam a passagem constantemente com carrinhos de mão lotados de caixas de plástico de transporte de produtos, carregados pelos chamados carroceiros, que anunciavam sua passagem aos gritos de “ó o mêi”. A “leitura” de como caminhar pela Feira se aprende naturalmente, apenas circulando. O pedestre tem sempre que dar prioridade à passagem aos carrinhos, os condutores dificilmente param, então os fregueses estão sempre se intermetendo nas lacunas entre os boxes.

Passei entre as barracas para trás dos boxes e me deparei com algumas pequenas e antigas edificações que pareciam vilas residenciais do largo do pau do meio. Tinham alguns homens sem camisa e sem sandália nas entradas dos estreitos becos, quando me viram, olharam com total estranheza, porque um *habitué* no espaço de Feira saberia não é comum pessoas irem por aquele percurso.

Apressei o passo, e logo voltei para o corredor, já me encontrava na rua aos fundos do mercado central, e havia um outro corredor de barracas na rua Cristóvão Colombo, decidi voltar no sentido oposto ao que eu tinha “descido” e me deparei com algumas estruturas esteticamente diferenciadas, que destoavam das do corredor anterior. Algumas eram lojas de alvenaria, com a disposição de produtos organizadas por categorias, muita luz no ambiente, prateleiras de vidro e pinturas de parede em tons sóbrios, não seguiam a organização das barracas anteriores. Por essa estética, uma loja de bebidas e uma loja de roupas de bebê me chamaram atenção.

Encontrei em um box de sandálias um senhor vendedor muito simpático, que apresentava as sandálias com entusiasmo e admiração pelo produto, sandálias de couro e bem trabalhadas. Perguntei se era ele quem fazia e ele se limitou a dizer que comprava em outra cidade, mas que conhecia muita gente que trabalhava com artefatos em couro.

Em todos os pontos que parei, os feirantes transmitiam bastante informações sobre os itens vendidos e detalhavam isso ao potencial freguês para gerar o interesse e a confiabilidade no produto. Continuei a subir a rua e observei que a maioria dos boxes estavam fechados, e havia pouco movimento. Decidi continuar nessa direção e cheguei novamente na rua Deputado Tavares, parei em uma barraca de lanches que fica na interseção da rua Cristóvão Colombo para tomar um café. Havia um senhor com o colete da Secretaria de Serviços Urbanos e Meio Ambiente (SESUMA) varrendo a rua nas proximidades.

Logo chegou um freguês vestido de camisa social e óculos escuros, com várias sacolas da Feira. Pediu um suco para ele e pediu que servisse também um copo ao servidor da SESUMA: “Coloque aqui um copo de suco para o trabalhador, o cabra mais importante do serviço público”. O servidor se sentou próximo a ele enquanto tomavam o suco, trocaram algumas palavras sobre o calor, o dia de trabalho de ambos, o senhor agradeceu e voltou ao serviço. O homem pagou a conta e foi embora. A Feira propicia interações instantâneas (às vezes duradoura) de um usuário de serviços e seu prestador, que desfrutam, em reciprocidade, de um momento de lazer.

Estar em um espaço público (LEITE, 2002) é condição para que haja mútuas relações, seja de aproximação, ou de tensão, de pessoas oriundas de grupos sociais distintos, as fronteiras simbólicas que os distingue são redefinidas. Na cena de interação entre um freguês notadamente pertencente a um segmento mais abastado e o servidor público que prestava serviços de limpeza, percebe-se a marca característica do “homem social” (SIMMEL, 1983), que é o “comportamento da cortesia”, no qual o indivíduo que se encontra em uma posição social acima do outro, se nivela e estabelece uma “interação entre iguais”.

Após o meu café com bolo também saí e continuei meu percurso. Subi até o final da Cristóvão Colombo e percebi que naquela rua eram predominantes as barracas de lanches e as granjas, que funcionam em antigos galpões. Uma imagem que chamou atenção foi a de um galpão com a porta aberta e que havia fileiras imensas de galinhas em um pequeno espaço, uma espécie de tanque.

Dali, certamente, é que elas iriam para o abatedouro e frigoríficos. Essas galinhas eram todas iguais em tamanho e cor branca, pareciam limpas, eram separadas em grupos e fileiras dentro do tanque. Esse formato de manutenção dos animais das granjas daquela Rua destoa do que ocorre na rua Manoel Pereira de Araújo, conhecida como “rua do antigo Cassino Eldorado”, ou “rua da Feira das galinhas”, que qualquer pessoa pode comercializar suas galinhas de qualquer tamanho e cor, que se misturam amontoadas dentro dos garajaus³¹, ou são amarradas pelos pés em uma espécie de “varal”.

Voltei para a rua Carlos de Sá e entrei no Mercado Central por uma escadaria dos vários acessos que o mercado possui para todas as ruas em seu entono. O espaço edificado é onde funciona a Feira de carnes, peixes, cereais e estabelecimentos de alimentação. De todos os espaços, esse era o mais esvaziado. Existiam bares, restaurantes e boxes fechados. Poucos comerciantes e nenhum freguês no local, o setor de peixes era o mais parado.

Entre os poucos boxes abertos, havia um com alguns itens de artesanato, de vime e madeira. O senhor que vendia estava com o semblante muito fechado, perguntei o valor das cestas de vime, e ele disse me respondeu que eu encontraria mais opções na “Feira de flores” e me ensinou como chegar lá, me dispensando imediatamente, parecia exausto. Passei novamente pelo vendedor de sandálias que me reconheceu. Ele estava conversando com outros dois feirantes, e interrompeu a conversa e veio sorridente me cumprimentar e apertar minha mão “já vai?”, ele perguntou, “estou indo à Feira de flores” respondi. Ele apontou o caminho, agradeceu e seguiu.

Cheguei ao setor de flores, que tal como os outros setores, estava tranquilo e com pouca atividade. Havia um casal de idosos sentados em cadeiras na porta de uma loja de artesanato, ouviam bossa nova, com o semblante contemplativo. Comecei a checar os cestos e balaios, mas eles permaneciam contemplativos e imersos em pensamentos, talvez, de outros tempos. Não se importaram com a minha presença ali até que eu perguntei sobre os cestos. A senhora levantou e veio me atender.

³¹ Espécie de cesto, oblongo e fechado, em que se conduzem galinhas no mercado.

Entre a checagem de uma cesta e outra, perguntei sobre o movimento da rua, e ela reclamou que estava “fraco”. –Está assim porque é quarta à tarde? –Não, é porque está fraco mesmo, desde... (pausa).

Ela não concluiu a fala, permaneceu em silêncio por um tempo, entristecida pelo que parecia estar rememorando a dinâmica da Feira nos últimos tempos. Comprei um cesto e uma bucha vegetal e ela ficou um pouco mais empolgada e começou a mostrar outros vários cestos. Até que me mostrou um muito grande, que custava R\$80. Perguntei a ela se eles passavam cartão, e o senhor que até aquele momento estava calado, respondeu “passa, mas quem passa é a menina, e ela não está aqui”. Perguntei quando ela voltaria e ele respondeu que não voltaria mais naquele dia.

“A menina” a que ele se referia era a jovem que levava para a comercialização de um casal de idosos as novas dinâmicas que o mundo moderno reclama. Hoje em dia dificilmente alguém sai de casa com R\$100 em dinheiro, pois tem a facilidade de portar apenas o cartão e se valer desse instrumento para realizar todas as compras, de forma prática para o dia a dia atarefado e corrido. Mas para aquele casal essa ainda era uma realidade que, visivelmente, ainda estava se integrando às práticas comerciais de outrora.

Muitos feirantes já fechavam seus boxes e recolhiam seus produtos. Se aproximava das 16h30 da tarde. Na rua Pedro Álvares Cabral já tinha alguns pontos fechados. Os que estavam abertos continuavam comercializando. “Quanto está o jiló HOJE?” perguntava um cliente. Nessa fala o cliente enfatizava o HOJE que reflete uma característica comum na dinâmica entre feirantes e fregueses, que é a da negociação dos preços, o de tratar o valor do produto com a maleabilidade que acarreta a situacionalidade (a relação temporal e espacial, onde o espaço ganha uma nova dinâmica a partir de determinado horário) da Feira.

Se a Feira está no início, com o frescor da manhã, se é um dia com muito movimento e há, então, muita gente, o preço pode ser mais alto, porque a demanda é maior diante da oferta. Ao passo que em uma quarta à tarde, com baixo movimento e no encerrar do dia, a flexibilidade de negociação está sempre presente para os vendedores não voltarem para casa com os produtos que restaram.

Havia ainda na rua alguns boxes que vendiam CDs. Mas por perceber um esvaziamento no final da rua, resolvi voltar para entrada da Feira. Na volta pela calçada me deparei com uma residência que funcionava como ponto de comercialização de frutas. Uma senhora estava sentada em sua varanda que fazia às vezes de estande e de espaço de lazer para ela que escutava música relaxada em uma cadeira.

Ao sair do corredor de verduras da entrada, notei que apareceram alguns vendedores com balaios bem pesados pendurados no pescoço carregados de verduras divididas em sacos, atraindo os fregueses que estavam saindo da Feira: “8 pacotes variados por R\$10. Tomate, cebola, batata... Vamos levar para fazer a sopa de hoje, minha senhora?” oferecia um jovem às freguesas que passavam.

Algumas pessoas paravam e compravam, outras já saíam dos corredores da Feira repletas de sacolas. Os mangaeiros são predominantemente homens mais jovens, são dinâmicos, e apesar do “dia de Feira” parecer estar finalizando para os feirantes dos bancos, eles possuíam muito o vigor para segurar o magaio e fazer brincadeiras uns com os outros e com o público.

A equipe da TV Itararé reapareceu, e enquanto se preparava para filmar, os jovens se divertiam, mandando um deles ir para frente da câmera, e outros diziam que dariam entrevista. Fiquei parada na calçada, ao lado de uma freguesa que estava segurando várias sacolas. Um feirante a conhecia, se aproximou e perguntou se ela já estava indo embora, ela respondeu que aguardava uma pessoa. Ele olhou para mim, em seguida perguntou a ela se eu era sua filha, e ela disse que não. Depois ele continuou conversando com ela e disse não saber do que se tratava aquela reportagem, mas não parecia se importar.

Eu também não sabia, e só fui tomar conhecimento ao chegar em casa, e assistir a reportagem exibida no dia seguinte, que se tratava de uma denúncia a respeito dos prédios abandonados do Centro da cidade de Campina Grande, em que sua maioria se concentrava no espaço da Feira. O fato da equipe de jornal estar realizando uma denúncia sobre graves riscos que os feirantes correm, e a respeito do comportamento deles (a exceção dos jovens que comercializam com balaios na entrada da Feira) em agir entre indiferença e incômodo, irei desenvolver melhor no ponto 3.2.

Ali, a equipe rapidamente fez um take e foi embora. A pessoa que a senhora aguardava também chegou e elas foram embora. Percebi a movimentação diminuir, e muitos feirantes já encaixotavam seus produtos. Decidi, então, encerrar a tarde de observação, as pernas já davam sinal de cansaço, a cabeça às voltas cheia com os novos registros na minha memória e no caderno de campo das experiências daquele dia, das imagens, dos cheiros e dos sons que percebi com um novo olhar. Iniciava, assim, minha entrada no campo.

3. A FEIRA CENTRAL

3.1 O CHÃO DOS FEIRANTES, ESPAÇO TOMADO

Nunca as histórias individuais (pelo fato de sua necessária relação com o espaço, a imagem e o consumo) foram também tomadas dentro da história geral, da história simplesmente. Baseando-se nisso, todas as atitudes individuais são concebíveis: a fuga (para casa, para longe, o medo (de si, dos outros), mas também a intensidade da experiência (o desempenho) ou a revolta (contra os valores estabelecidos). Não Há mais análise social que possa fazer economia dos indivíduos, nem análise dos indivíduos que possa ignorar os espaços por onde eles transitam (AUGÉ, 2012, pg. 110).

Das informalidades

Me dirijo para a “entrada” da Feira, onde escuto os chamados dos vendedores com balaios atraindo a freguesia. Paro na calçada, em frente a uma loja, e fico observando. Eles permanecem na entrada, chamando os clientes que “entram e saem” dos corredores da Feira. Alguns mantinham os balaios no chão, mas esses não abordavam a clientela, apenas descansavam.

Percebi uma única mulher ali, sentada ao lado de um homem no meio dos balaieiros, e fui falar com ela. Me apresentei, e perguntei se ela trabalhava com balaio também. Ela disse que não, nem ela, nem o esposo dela, que os dois eram carroceiros. O esposo pergunta o motivo, e explico que estou fazendo uma pesquisa sobre o trabalho dos feirantes. Ele se empolga e pede: “pode fazer comigo, só serve se for balaieiro?”, eu digo que posso fazer a entrevista com ele.

Peço que ele me fale sobre o trabalho que ele faz ali, ele diz que é carroceiro. Que está há 20 anos na Feira trabalhando como carroceiro, ele carrega e descarrega os caminhões junto com a esposa. Me relata que antigamente havia um mercadinho que empregava vários carroceiros naquele setor, depois que o mercadinho acabou, eles passaram a trabalhar na Feira.

Davi chega na Feira às 06h, três vezes na semana pra ajudar a descarregar produtos que vêm da Ceasa para a Feira, e nos outros dias trabalha na própria Ceasa. A esposa dele (também do Pedregal) frequenta a Feira desde os 7 anos de idade buscando trabalho. Sempre trabalhou nos trabalhos informais, e com o tempo levou Davi para trabalhar também, os dois estão hoje

fazendo o trabalho de carroceiros. Quando não está trabalhando na Feira, Davi prepara goma para vender.

Enquanto converso com Davi, um rapaz interrompe, se apresentava diferente dos demais, na vestimenta e na fala, vestindo bermuda limpa, tênis da Nike, com uma tatuagem na perna, e uma pochete. Um grosso cordão acima da camisa. Ele se coloca na minha frente perguntando “e o que é isso aí?”, antes que eu responda, Davi diz que é um trabalho da faculdade, que estou fazendo sobre os feirantes. Pergunto se ele é feirante, e ele responde “eu sou o segurança da Feira”, alguém diz que ele é um “maloqueiro”, ele sai de onde estou e vai falar com essa pessoa “quer dizer que eu sou maloqueiro?”. Eu agradeço a conversa com Davi e ele aponta para um rapaz sentado que observa e diz: “você devia falar com Carlos, é o mais antigo que vende no balaio aqui”. Carlos escuta da calçada, ri e diz que não sabe falar. Davi, então, brinca “tu trabalha aqui há quantos anos? E não sabe falar o que você faz?”. Carlos ri tímido e concorda com a cabeça. Um homem que observava, aparentando ser realmente um segurança da loja ali em frente, coloca uma cadeira (que permanece sempre ali na calçada) ao lado de Carlos que está sentado em um banco, e diz que eu posso sentar lá pra conversar com ele.

Pergunto a ele se posso gravar nossa conversa, e ela responde que sim. E início. Carlos, assim como Davi, também é oriundo de um bairro pobre de Campina Grande. E há 10 anos foi levado para a Feira pela esposa que trabalhava à época vendendo verduras. Ele me fala sobre a estratégia dos balaieiros de permanecerem na entrada da Feira para comercializar, e sobre suas maiores dificuldades:

É melhor, né? Do que lá pra dentro. Aqui é o melhor canto de se vender. Olhe, desde que eu comecei aqui, tem o quê? Têm uns dez anos que eu vendo verdura, sempre num balaio, antigamente era nas caixas, no chão, aí mudou de prefeito, governador, aí mudou tudo, aí nós está trabalhando assim, o meio de ganhar o dinheiro agora é no balaio, no corpo. E é difícil, né? Tem vez que você fica duas, três com o balaio no corpo, e é cansativo. Pega de 7 da manhã, para de meio dia. Pega de uma, vai até às quatro e meia, cinco horas. De vez em quando bota no chão pra descansar (Carlos).

Ao desligar o gravador, o Carlos, então, aponta umas caixas de papelão embaixo de um banco, e diz: "Daquelas ali, ó, antes gente colocava aqui na frente e colocava as verduras em cima".

Eu digo a Carlos que em outra visita a Feira, eu percebi que em os balaieiros em um certo momento pegaram um tablado de madeira. Ele responde que aos sábados, a partir de meio dia, é permitido eles colocarem os produtos expostos em cima de tablados e caixas. “É o único momento que a gente tira do corpo e pode vender aqui no chão.”. Eu pergunto se eles ainda

apuram naquele dia, e ele responde que sim, eles trabalham até às 17h, ainda apurando no sábado.

O balaio de Carlos está na ponta da calçada, e pergunto se posso fazer uma fotografia. Ele diz que pode, e prontamente prepara o balaio pra foto, rearranjando as verduras. Ele diz que arranja o balaio todos os dias com até 25 sacos de verduras, e é muito pesado. Eu pergunto o que é feito com as verduras que eles não conseguirem vender, se eles podem ficar. Ele responde que todos os dias eles devolvem para o depósito, aquelas que duram mais, como batatas, podem ficar do sábado pra vender na segunda. As outras que estragam, se não vender, no depósito eles “dão fim”.

Carlos se afasta enquanto fotografo o balaio. E um colega começa a brincar “homi, coloque no pescoço, pra ela tirar uma foto sua.”. Pergunto a Carlos se ele permite que eu faça uma foto dele, e ele diz muito alegre “pode, sim.”, e coloca o balaio no pescoço. Enquanto fotografo Carlos, o rapaz que se disse “segurança da Feira” volta e pergunta o que estou fazendo. Carlos responde “ela está registrando nosso trabalho, nosso sofrimento diário aqui.”.

Figura 12: Balaio de verduras



Fonte: Pesquisa de Campo, 2019

Figura 13: Carlos em sua prática cotidiana



Fonte: Pesquisa de Campo, 2019

Concluo as fotos e agradeço a Carlos, e ele me agradece de volta. Volto a sentar na cadeira que havia conversado com Carlos, e o homem que aparentava ser realmente o segurança da loja está ao lado. O rapaz que questionava o que eu estava fazendo vai ao lado dele e começa a falar “eu sou, rapá, sou o segurança aqui da Feira. Só não tenho farda que nem tu, mas a Feira aqui só tem paz por causa de mim, senão não tinha, não.”.

Enquanto isso, se aproxima um rapaz muito jovem e educado, e pergunta “ei, eu ouvi que você é estudante, você estuda aonde?”, respondo na UFCG. Ele me diz empolgado que também estuda, faz um curso na UEPB, e de dia trabalha ali. Mas antes que eu engatasse uma conversa, ele se despede correndo, e vai oferecer os produtos do seu balaio na janela de um carro que está parado numa fila que se forma na da interseção rua Afonso Campos com a Peregrino de Carvalho.

É o horário de fim de expediente, e a fila aumenta. A Feira está vazia, os feirantes dos bancos começam a encaixotar os produtos, mas os feirantes de balaio passam a se movimentar nesse momento. Vejo Carlos indo ao encontro dos outros vendedores para vender nas janelas dos carros, e ele se despede “ei, obrigada mesmo, viu.”. Respondo “eu quem agradeço, Carlos”. Agradeço também aos demais, e me despeço.

Das hierarquias

Bem cedo, por volta das 7h, já há grande movimento de pessoas em trânsito (algumas com suas compras já realizadas, outras chegando) na entrada, o que gera um certo desafio percorrer e disputar o estreito corredor. Alguns feirantes já estão com suas bancas a postos, outros ainda organizam algumas caixas de plástico vazadas, das quais retiram os produtos do dia.

Um senhor recebia “ajuda” de uma criança que devia ter por volta de 3 ou 4 anos de idade. Ela tentava insistentemente pegar uma caixa de plástico e ele a perguntava se ela conseguia colocar do outro lado da barraca, a menina por sua vez ergueu três caixas vazias empilhadas e levou colocando em cima de outras. O senhor muito orgulhoso “caiu na risada” dizendo “essa neguinha tem o sangue trabalhador da família mesmo, mulher macho, sim, senhor.”.

As crianças de pouca idade são presença constante no cenário da Feira. Muitas brincam dentro das caixas, embaixo das bancas, em cima dos tablados de madeira, há também crianças que brincam empinando pipa em cima de calçadas e interagindo com gatos que habitam ali. Outras, quando são um pouco maiores, já realizam tarefas nos bancos e ajudam os familiares

no atendimento ou preparo do produto (tratando peixe, embalando para viagem, pesando), mas essas só vão a Feira aos sábados, possivelmente por frequentarem a escola durante a semana. Não me dediquei a investigar o tema do trabalho infantil na Feira, mas é um fenômeno corriqueiro, principalmente no âmbito familiar.

Em uma banca de ervas, uma freguesa recebia instruções de uma feirante do que poderia preparar com o item que acabara de comprar: “Deixe de molho à noite, coe no dia seguinte...” instruía a feirante. A vendedora transmitia junto àquele produto que estava vendendo, o seu conhecimento. Os saberes dos feirantes estão intrínsecos aos produtos que oferecem, eles transmitem a história do produto, a origem dele, onde foi plantado, onde foi colhido, de onde foi comprado, quais os detalhes envolvem a produção de determinado item.

Ou pelo menos, os feirantes se esforçam para oferecer aos fregueses a origem que os clientes procuram e querem comprar, com o entendimento de que vendedores ou associações independentes possuem o cuidado personalizado e uma certa “pureza” que as grandes empresas não podem fornecer, porém, há nesse “contrato imediato”, ou fidelizado a cláusula da confiabilidade na palavra do vendedor.

Esse aspecto relacional feirante x produto x freguês, é uma característica própria do contexto de Feira, que ao ser comparado com outros formatos de comércio, percebemos o distanciamento social (AUGÉ, 2012). Tomando shoppings e supermercados como exemplo, notamos essa impessoalidade na compra de um produto, por mais “artesanal” que se apresente, ou as verduras sinalizadas como “orgânicas”, estamos sempre a sós com os rótulos e são as descrições dos produtos nos rótulos a maior proximidade que temos da origem daquele item que levamos para nosso lar e ingerimos.

Antes de percorrer as ruas, decidi ir à barraca dos lanches que fui no dia anterior para tomar o café da manhã. Naquela manhã o homem que havia me atendido estava acompanhando de outro. Os dois estavam atendendo, e todos os bancos estavam cheios. Percebi a diferença da tarde anterior, em que um atendente sozinho “dava conta” dos pedidos, e todos os bancos estavam vazios. Subi a rua Cristóvão Colombo onde se encontram várias barracas em busca de uma desocupada, mas estavam cheias de homens tomando café.

Aquela manhã, realmente, estava movimentada. Nenhum banco vazio, e a maioria ocupados por grupos de homens. Como uma estratégia de segurança, toda mulher sempre busca um local onde tenha, pelo menos, uma outra mulher ocupando o espaço (ou perto) para se sentir mais à vontade. Sem sucesso, voltei para a barraca de início e decidi esperar.

Aquela barraca, apesar de não ter mulher, era a mais próxima das barracas com vendedoras. Logo, um grupo saiu e permaneceram apenas os dois atendentes e um homem

conversando. Sentei e pedi bolo e café, mas a conversa estava interessante e o atendente do dia anterior não me ouviu. O outro me percebeu e falou para ele me atender. Enquanto eu tomava café, os homens seguiam conversando:

- “O jeito vai ser a gente criar uma empresa de certificados para certificar todo mundo.” (risos)
- “Eles não querem. Nem todos os feirantes aqui querem o certificado PAE porque pra eles é indiferente ter ou não. Não possui box então não se preocupam com certificado.”

O fato de haver constantes apelos dos feirantes juntos aos órgãos públicos e nada ser resolvido, explicita a falta de credibilidade que alguns feirantes têm de continuar buscando a atenção para a Feira. Como demonstra o comportamento dos feirantes na tarde que a TV Itararé realizou a matéria sobre o risco de incêndio, onde eles agiram com indiferença à presença da equipe, como se não acreditassem que mais uma vez estavam realizando o pedido, mais uma vez estavam ali sendo entrevistados pela equipe que tentava denunciar a negligência dos órgãos públicos, mas que não iriam resolver.

A conversa dos atendentes da barraca de lanches e outro homem sobre o certificado PAE, se referia então, a esse Plano de Atendimento a Emergência, que cobriria riscos de vazamentos, explosões, incêndios, etc. Mas que na fala, é perceptível que apesar dos riscos alcançarem a todos os feirantes, a resposta a esses riscos não é a prioridade de todos. Há feirantes ambulantes, “sazonais” (pois nem todos os dias estão presentes no dia a dia da Feira) e de maior ou menor poder aquisitivo e hierárquico.

À medida que a conversa continuava, eu entendia mais essa diferenciação:

- Quantas barracas e boxes têm aqui?
- Entre 2 ou 3 mil.
- Tem gente aqui com dinheiro, paga até blogueira para divulgar o box. Paga R\$300 a hora pra blogueira divulgar na internet. Tem uma moça aqui que disse que numa quarta à tarde ela apura mil e cem. Outro dia veio uma pessoa, parou aqui na barraca e perguntou “ei, onde é o shopping do bebê?” e eu fiquei “shopping? Do bebê? Aqui na Feira?”, deixa que era um box ali embaixo. Quem tem dinheiro pra divulgar fatura mais porque atrai mais gente. Tem gente que já abriu outro box, e o aluguel de um box pequeno é R\$2mil.”.

Nessa fala, o vendedor de lanches evidencia a pluralidade de personagens no cenário da Feira. Não só em relação no quesito de poder aquisitivo, mas de gerações que estão se adaptando às demandas da vida moderna e dos novos formatos de comércio que estão surgindo. Uma “Feira de raiz” como é considerada, onde se encontra da tradição de itens ainda artesanais e de produtos oriundos de agricultura familiar às novas tecnologias.

As práticas e saberes dos feirantes estão em constante provações, à medida que o mundo moderno se complexifica, as sociabilidades sofrem também a necessidade de atualização. Seja na forma de abordar o freguês, trazendo as facilidades da maquineta de cartão de crédito, ou acionando as “blogueiras” para divulgar seus produtos.

A conversa entre eles encerrava, pedi uma garrafa de água, e segui para realizar o meu percurso. A Lei Orgânica do Município de Campina Grande estabelece em seu artigo 269, III, que a Feira Central de Campina Grande é considerada área de preservação permanente. Essa Lei funciona como medida de proteção, preservação para impedir a “descaracterização” ou prejuízo de espaços da cidade, incluindo a Feira.

Com vistas a essa Lei, o vereador Olímpio Oliveira protocolou no fim do ano de 2017 um projeto que visa delimitar em lei todo o território considerado pertencente à “Feira Central”. Nesse projeto inclui o nome das ruas, e prédios que estão nesse espaço. A proposta demonstra preocupação e interesse do vereador no quesito de “descaracterização” da Feira, após o reconhecimento da Feira Central de Campina Grande como Patrimônio Cultural do Brasil, por parte do Iphan no ano de 2017.

Os interesses do vereador, dos demais órgãos e dos feirantes, então, estão em constante conflitos, pelo que percebi percorrendo a Feira. Pois, como falei anteriormente, são diversos sujeitos, e conseqüentemente, diversos interesses e preocupações. Enquanto alguns aprovam essas medidas de revitalização da Feira, outros estão buscando apenas a manutenção do seu meio de vida, a duras custas do desafio que é, hoje, atrair e manter clientela assídua.

Das práticas inventivas

Nessa sexta-feira chego na Feira às 7h30min da manhã, e inicio meu percurso de observações pela Feira de flores que imediatamente já apresenta novos atores que não estão ali durante a semana, feirantes com bancos montados para preparar e vender alimentação aos demais, os bancos que durante a semana estão fechados abriam, há mais movimentação de fornecedores que param os caminhões na rua Vila Nova Rainha que faz interseção com a rua da Feira de flores.

À medida que transcorro o corredor, mais e mais “rostos da Feira do fim de semana” surgem. Entro no mercado central, o setor de carnes, e é outro cenário diferente dos dias de semana que visitei, cheio de vozes, mais boxes abertos, mais circulação de clientes. Muitos feirantes que antes encontrei sozinhos nos boxes, estão acompanhados de suas famílias. Diante dos inúmeros estabelecimentos, haviam apenas três feirantes mulher à frente do boxes

comercializando, os demais eram homens que estavam com suas companheiras ou filhos auxiliando.

A manhã transcorre com muita movimentação em todos os setores, ao passar por alguns bancos, enquanto observo o mar de gente subindo e descendo, também sou observada. Um feirante ao perceber minhas andanças, então questiona: “não vai comprar nada, vai ficar só passeando e mostrando a beleza?”, o que demonstra a percepção acurada do vendedor, que apesar de muita gente percorrendo aquele lugar, acaba percebendo quem é outsider.

Um “código” de abordagem utilizado pelos feirantes é a percepção do olhar/interesse do freguês. Se ao passar por uma banca o freguês encarar a banca, o feirante logo o convida a ver seus produtos. Se ao passar, o freguês mantiver o olhar para frente, o feirante, em geral, não o convida a parar em sua banca.

Fiz esse “teste” ao perceber que ao passar observando as bancas, para o feirante, estava emitindo o “código” de que estava interessada e buscando algum produto, e então, ele se propõe a saber o que é e pergunta “vai levar o que hoje?” para saber se pode me atender. Em algumas bancas passei olhei para frente e não fui abordada ou convidada pelos feirantes a checar seus produtos. Estava querendo comprar caju, então, passei olhando para as bancas e fui abordada por todos, em sequência.

No final da Pedro Álvares, quase por trás do mercado central, havia uma banca de frutas com um casal de idosos. O senhor cochilava em uma cadeira com um jornal no rosto, e a senhorinha organizava sua banca. Eu olhei para as frutas e ela logo me convidou: – “vai querer o que hoje, minha filha? – “estou à procura de caju. A senhora tem?” – “você encontra na banca de carrim. O melhor caju daqui é o caju de carrim”.

E passou a gritar por “carrim” para que me atendesse. Ele estava cuidando de duas bancas que se encontram na interseção da Pedro Álvares com a Rua Dr Carlos Agra, levando frutas de um lado para o outro. E a escutou chamar e pedir que me atendesse.

- “vai levar quantos?”
- “Dez”
- “10 reais de caju?”
- “Não, dez cajus”
- “Pois pegue, leve um de brinde”

Esse “brinde” faz parte do inventário de estratégias para cativar o cliente, que é utilizado muitas vezes pelos feirantes. Paro no mesmo banco de lanches das outras vezes, e nesse dia tomou outra caracterização. Havia quatro pessoas dentro de um pequeno banco de madeira,

uma senhora, um senhor, e dois rapazes. Um deles sempre está ali durante a semana atendendo sozinho e consegue, de fato, atender a todos por não existir tanto movimento.

Mas nessa sexta, todas as mãos são necessárias dentro do banco, um serve o lanche, outro troca dinheiro, um conversa com um cliente, o outro atende um novo cliente. Os banquinhos de sentar estão ocupados, e isso se repete em todos os outros bancos de lanches. Decido esperar um pouco, e em poucos minutos desocupa um banquinho e sento ao lado de uma moça que conversa entrosada com o rapaz dos lanches.

Logo em seguida vou percorrer a “Feira de roupas e calçados” com o intuito de entrevistar uma vendedora desse setor. Sabendo da grande circulação de pessoas, e da ocupação dos feirantes que se intensifica na sexta-feira, fico atenta àquelas que demonstram mais disponibilidade, pois ao passar em alguns boxes, percebemos a interação de algumas com mais receptividade “vamos chegar, meu amor”, “venha conferir as peças”, essas demonstrando maior abertura para uma conversa. Já outras com mais objetividade, às vezes alheia ao corredor e os passantes, apenas observando o celular, e erguendo rapidamente a cabeça em um sonoro “diga!”, logo retornando os olhos à tela, o que demonstra que não teriam muita disponibilidade.

A maioria dos boxes são compostos por mercadorias mistas. Vendem roupas de adultos, crianças, fantasias, e até roupas de cama em um mesmo lugar. Então, observo um box que possui apenas artigos para bebês. E penso ser a loja que ouvi dois feirantes conversando sobre, em uma ida anterior à Feira, de como eles admiravam a dona conseguir “apurar” até em dia de semana. Havia uma moça atendendo, e outra sentada no celular, e abordo então a que está disponível. Me apresento, e apresento o meu trabalho e pergunto se ela tem interesse em participar. Ela responde que sim, e me leva pra sentar em um banco de três lugares que há na loja. Um espaço bastante amplo, em meio a tantos outros boxes compactos.

O box comporta clientes que estão em atendimento, mas também há espaço e lugar para o cliente aguardar dentro do box, há o banco pra sentar, ventilação e uma TV para distrair enquanto aguarda atendimento. É bem diferente dos demais boxes, que todo o espaço está ocupado pela mercadoria, manequins e araras, e para que o cliente possa comprar, tem que disputar o corredor com os demais passantes.

Tudo pronto para a entrevista, mas quando pergunto a ela se posso gravar, ela responde então que tem vergonha e prefere que não grave. Quando a asseguro que ela não precisa se identificar, é apenas para facilitar meu acesso aos dados recolhidos, ela percebe uma pessoa que está chegando na loja e me diz “vou buscar uma moça que vai adorar falar com você, espere”, e vai de encontro a moça que eu havia sentado ao lado anteriormente na barraca de lanches. É

a dona da loja. Ela chega e explico a realização da pesquisa, ela prontamente se dispõe a dar a entrevista e permite que grave.

Pesquisadora: você conhece mais alguém aqui que tenha esse trabalho com blogueiras?

Paula: hoje, aqui, tem a bodega central, que ela trabalha com aquele rapaz Rafafá (digital influencer), que a questão de mídia dela é com ele. Acredito que aqui (no setor de calçados e roupas) a gente. E tem Emanuel de seu Laury dos temperos, que ele em si já é um blogueiro já, ele em si já faz a própria linha dele. Porque assim, a gente tem essa dificuldade da Feira ser vista. Infelizmente a gente queria que tivesse um retorno maior. Mas as autoridade, infelizmente, zero vírgula zero. Então, a gente faz a função da gente, a nossa parte, buscar mostrar que a Feira não é só uma Feira normal, tem muita coisa boa aqui dentro. Que algumas pessoas, infelizmente, muitos jovens não sabem nem o que é uma Feira. Até gente adulta mesmo, mulher, tem gente que faz mais de 20 anos que veio numa Feira, tem a Feira como antigamente, e muita coisa melhorou, muita coisa mudou.

Após a entrevista, que se pautou numa percepção de movimento do antigo e do moderno, em que a Feira está recebendo com práticas novas da geração de filhos e netos, como a inserção de mídias que a feirante relata na entrevista, e práticas “tradicionais”, ela percebe ainda uma relutância de um grupo de feirantes para integrar as novas práticas.

Paula: Tivemos uma reunião com representantes do Iphan sobre a Feira, e uma das questões que a gente percebe é a falta de um estacionamento. As pessoas vêm de outras cidades e precisam de um lugar pra poder deixar o carro. As pessoas ainda têm a visão que a Feira como a ideia que se tinha antigamente, de só encontrar determinadas coisas. Mas aqui as pessoas encontram de um tudo, porque vai passando de pai pra filho e pra neto, e vai se renovando. Tem gente aqui com mais de 60 anos de Feira, o caso de Laury dos temperos, eles já estão na terceira geração, e estão sempre divulgando nas mídias sociais a questão de temperos, ervas pra emagrecimento, sempre procurando divulgar e por isso eles têm muita visibilidade. Porque aqui tem muita tradição, mas pode juntar isso com o novo. Seu Laury teve vários filhos, todos estudados e quiserem ficar na Feira. Por quê? Porque eles ficam aqui por amor, poderiam abrir uma loja em qualquer lugar, mas por que abrem aqui? Eu poderia abrir minha loja no centro, mas eu cresci aqui e quis voltar. Eu preferi abrir minha loja na Feira porque eu sondei antes, vi que a questão de roupas de bebês não tem muito por aqui, além de eu me sentir em casa aqui, conheço todo mundo aqui, e não preciso pagar o que eu pagaria numa loja no centro, que haveria a necessidade de mais funcionários. As pessoas estão na Feira por amor, mesmo que não vendam como antigamente, elas estão aqui todos os dias. Mas há a necessidade de se renovar, senão fica pra trás.

A questão da visibilidade na Feira, assim como sua estrutura, são preocupações recorrentes nas falas dos feirantes. Principalmente na geração ligada às tecnologias, que utilizam as mídias sociais para divulgar seus produtos, como a feirante de roupas, e para cooptar e atender mais clientes, como os feirantes que trabalham realizando entregas de suas mercadorias.

A questão do estacionamento também esteve recorrente na fala dos feirantes, e é uma necessidade que é perceptível. Há, de fato, um pequeno estacionamento nas ruas por trás do mercado central, mas que não dá conta do público que frequenta a Feira nos dias de sexta e sábado. Os dias mais intensos, e são os dias que os feirantes que não estão cotidianamente, como os feirantes de carnes e queijos e doces, vão fazer a Feira.

Ao observar o cotidiano da Feira, percebi alguns clientes que entram de moto nos corredores para realizar suas compras, e compram sentados, e vão pendurando as sacolas no guidom da moto, ou enchendo o antebraço com os pesos das sacolas. Também fazem uso dessa modalidade os mototáxis contratados para fazer compras para alguns clientes, ou realizar pagamentos.

As facilidades para uns causa incômodo a outros, não rara as vezes percebi muitas pessoas reclamando do fluxo entre pedestres, carros de mão e motos que disputavam o espaço como uma dança ritmada, em que cada precisava saber o momento de parar para o outro passar, voltar a ocupar o corredor, andar mais rápido, ou mais lentamente.

Figura 14: Cliente realizando compras em sua moto



Fonte: Pesquisa de Campo, 2019

Após a entrevista, volto a percorrer os espaços da Feira, já é próximo de meio dia, mas muitos feirantes tomam café reforçado cedo e não possuem hora pra almoçar, almoçam apenas quando a Feira começa a esvaziar, que dependendo do dia, pode ser por volta das 14h. Vou ao estabelecimento que almocei na última visita à Feira porque fica na esquina entre a “Feira de

roupas e calçados” e a “Feira de frutas e verduras”, e posso fazer observação dos dois corredores enquanto almoço. Há barracas que o feirante mesmo comercializando verduras, prepara seu almoço. Outros feirantes, encomendam quentinhas de estabelecimentos para almoçar.

O mesmo rapaz maltrapilho e com o pé no chão que havia me abordado na última visita à Feira em que também almocei nesse restaurante, pede que eu pague seu almoço novamente. Eu tinha acabado de almoçar, mas tinha uma fatia de queijo que eu não havia tocado, então a ofereci. “Não como queijo, obrigado! Prefiro frango”. Nessa recusa, me veio a reflexão sobre como acabamos reproduzindo ações de engessamento de quem é o sujeito em situação de rua.

Ao oferecer qualquer coisa que sobrou, muito automaticamente se espera de alguém em situação de rua que ele não tenha preferência, não tenha paladar, apenas aceite. E a essa cristalização de um sujeito despossuído de vontades é necessário uma desconstrução e um policiamento constante. Me proponho a pagar por seu almoço. Dessa vez ele senta e aguarda no balcão, diferente da última vez que ficou acuado na porta. Mas novamente a atendente prepara sua marmitta e o manda embora. E ele sai do estabelecimento “self service” onde ele não se serviu e não é desejado.

Ter um restaurante no meio das barracas da Feira central apresenta uma grande facilidade não só para os vendedores, que podem encomendar o almoço, mas para os clientes que podem ir ao estabelecimento para recarregar as energias durante as compras, ou ao fim delas. Durante o almoço, os clientes me chamaram muita atenção pela variedade de práticas que eles utilizam para realizar as compras.

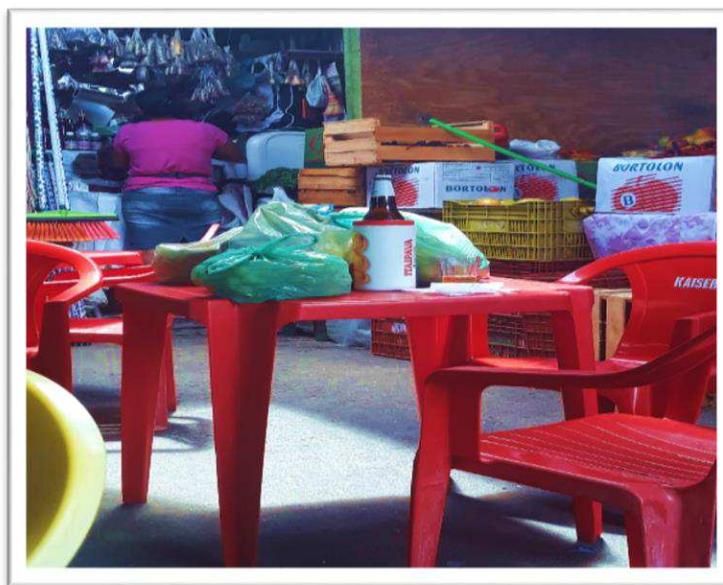
Um em especial ocupava uma das mesas desse restaurante que ficam nas calçadas distribuídas entre a interseção das duas vias, o cliente em questão estava tomando cerveja e espaipecendo, imaginei então que ele estaria ali apenas para tomar sua cerveja, mas ele estava “fazendo a Feira” enquanto degustava a bebida e ouvia os Cds do vendedor do banco que se encontra na entrada da Feira de roupas.

Em um cena completamente inusitada, esse freguês com ares de paulista que se apresentava pelo sotaque, meias no meio da perna (apesar do calor que fazia), e ao vestir camisa do Corinthians, parecia contemplar a paisagem da Feira, os passantes, os feirantes, não parecia totalmente turista, nem totalmente um cliente, pois vez por outra levantava, ia em direção a algum banco, comprava uma sacola de frutas/verduras e voltava para degustar sua cerveja.

Surge, então, um vendedor ambulante pedindo um copo de cerveja ao freguês “só pra...”, e demonstrava com as mãos que era para dar o gás do dia de trabalho. A garrafa tinha acabado e o cliente foi comprar outra para encher o copo do vendedor, que ao tomar de um só gole,

agradeceu e saiu. O cliente pede, então, para eu observar suas compras que se amontoavam na mesa a cada volta dos corredores que ele fazia, enquanto ele saía para comprar um cigarro.

Figura 15: Mesa do cliente



Fonte: Pesquisa de Campo, 2019

Outra cliente me chamou atenção, essa estava levando sua filha de 3 anos pela primeira vez na Feira. Freguesa: "conheça sua nova cliente!" Feirante: "opa, minha cliente nova! Quando tiver maior, já vem sozinha a Feira". Começaram a conversar, e ao se despedirem o feirante presenteou a nova cliente com uma sacola de romãs.

Duas práticas que se encontram comumente na Feira, uma é a dos pais levarem as novas gerações, e estes últimos darem seguimento a fidelidade conquistada pelos seus pais na interação com os feirantes. A outra é a de essa fidelidade ser conquistada pelo trato dos feirantes com os clientes, com as brincadeiras feitas pelos feirantes que descontraem o ambiente, ao presentear o freguês com pequenos agrados, dar o voto de confiança ao vender fiado, há sempre um jogo de interações que vai se estabelecendo entre feirante e freguês na construção desses laços.

Percebo que um casal de idosos feirantes que desde cedo quando cheguei à Feira, estavam e continuavam debulhando feijão verde durante todo o tempo. Eles se dividiam entre debulhar o feijão, preparar o almoço deles, e realizar as suas vendas, enquanto um jovem, muito provavelmente o filho, dormia em cima dos papelões dentro da barraca.

A Feira é um lugar onde ocorrem frequentemente interações de confiança e solidariedade. Durante a observação, eram constantes as cenas onde alguém pedia a um

completo desconhecido para observar suas compras enquanto se deslocava a outro lugar, ou em alguém retirar a cadeira do caminho por puro reflexo, sem que haja um pedido, quando percebe a dificuldade de outra pessoa que se aproxima empilhado de sacolas, ou carro de mão; ao oferecer uma dose de bebida a um trabalhador ambulante, ou mesmo dar algo aos vários “pedintes” que aparecem, um feirante dá alguns produtos de sua mercadoria, os donos de restaurante dão um copo de açúcar, um copo de leite.

Percebo que após o almoço, alguns boxes já começam a fechar, e retomo as caminhadas sistemáticas nos corredores da Feira para realizar a segunda entrevista. Passo, então pelo mercado central, onde o movimento já estava bem menor e alguns boxes já se encontram fechados, porque só abrem pela manhã, e à tarde os vendedores só voltam à Feira se for para realizar entregas de encomendas, ou receber algum pagamento. Encontro e tenho uma breve conversa com uma vendedora de artigos religiosos que no meio de tantos boxes de vendas de alimentos pra carne, dizia vender alimento pro espírito.

Me direciono para o corredor de doces e queijos, nesse setor não há muito movimento nesse horário, e todos os feirantes estão bem relaxados, alguns vendo TV, ou conversando. Abordo então, uma feirante e apresento a pesquisa, pergunto se ela tem interesse em participar, ela, então, aponta outra feirante dizendo “fale ali com Renata, ela gosta de dar entrevista”. Vou de encontro a Renata, que me recebe de forma animada e imediatamente concorda com a entrevista.

Pesquisadora: nesse setor a maioria dos vendedores oferecem seus produtos aos clientes para provar, por quê?

Renata: eu creio assim, que foi uma coisa que veio de muito antes, tipo um costume. Né, da “prova...”, “quer provar?”, “quer um pedacinho?”, “veja, é bom!”, “quer com mais sal, quer com menos sal?”, então assim, na época que eu entrei na Feira isso já existia. Agora eu vou ser, eu vou ser um pouco, assim... E vou ser um pouco realista porque na época que eu entrei na Feira eu pude observar isso também. Plástico filme, bobina, pra você utilizar pra colocar mercadoria, mercadoria coberta, chamar o cliente de “amor”, isso aqui não existia não. Agora eu comecei a fazer isso, aí depois você vê que o que é bom todo mundo copia, né? Aí hoje em dia é “diga, meu amor”, “diga, querida”, mas assim, quando eu entrei eu lembro muito bem disso, era o povo tudo bruto, assim, sem muito jeito “leva se quiser”, entendeu? E assim, o segredo disso tudinho é você gostar do que você faz. Então, eu gosto do que eu faço, eu gosto de tratar bem as pessoas.

Figura 16: Banco de Renata

Fonte: Pesquisa de Campo, 2019

A entrevista com Renata reforça o poder das “práticas antigas”, como o trato convidativo do feirante para atrair o cliente, uma marca diferenciada dos personagens da Feira de doces e queijos. Como os vocativos intimistas que o feirante trata o freguês: “meu amor”, “amiga”, “meu bem”. E também com a troca simbólica que envolve “a prova”, que consiste na oferta de amostras dos produtos que os feirantes desse setor sempre dão ao potencial comprador, para que ele saboreie as opções dos doces e dos queijos, e sintam no paladar o “sabor da Feira”.

Na Feira, os serviços terceirizados são compartilhados, seja uma pessoa que é contratada pra montar os bancos, pois se antes cada feirante montava seu próprio banco, hoje esse serviço já é oferecido por terceiros. Ou mesmo a internet, onde uma pessoa instala e outras 10 pessoas utilizam. Renata diz que é a que mais utiliza, por causa da maquineta de cartão. Uma facilidade que ela, diferente de outros feirantes, já introduziu como uma forma de se renovar para as novas demandas.

Já está entardecendo, muitos feirantes já fecharam seus boxes e alguns começam a desmontar seus bancos. Estou na barraca de lanches, e nesse horário está apenas o rapaz que permanece durante a semana, sua família já foi embora pois o fluxo de pessoas na Feira diminuiu e não há mais a necessidade da força tarefa em família. Enquanto estou nessa barraca, chega um casal de fregueses que dá início a uma cena que não presenciamos muito nos dias de hoje, mas que eram práticas comuns em um passado recente e que, assim como esse exemplo, ainda há reflexos nos dias de hoje.

Esse casal de meia idade, moradores de uma cidadezinha da região, se aproxima, a mulher de cabeça baixa e curvada o tempo inteiro. Chegam à barraca, o vendedor então pergunta

aos dois o que eles vão querer, e o esposo se vira e pergunta a mulher o que ela quer comer. Ela responde ao marido que quer um pão com queijo e o marido fala ao vendedor que ela quer o pão com queijo. O vendedor prepara o lanche e vai entrega-lo a mulher, que não levanta a cabeça, nem estende a mão para receber o lanche. O esposo, então, recebe por ela e a entrega. O vendedor fica confuso, mas pergunta à mulher se ela quer tomar alguma coisa. Ela olha pro esposo e diz qual suco quer tomar. O vendedor ao se virar para pegar o suco, escuta do marido o que ela acabou de dizer que quer tomar e todos ouvimos.

Ao finalizar o lanche, o vendedor pergunta se ela quer mais alguma coisa e ela não responde, o esposo, então, pergunta à mulher se ela ainda quer algo, e oferece bolo. Ela diz que está satisfeita, conversam sobre “a hora de pegar o carro” para voltar para sua cidade, e os dois se preparam para ir embora. Ela, então, pega uma sacola e se direciona para um sentido, ela o chama “melhor por aqui, não?”. E ele virando o rosto e a ignorando, a lidera por outro caminho.

Essa cena retratou uma reprodução de papéis que há muito não se presencia de forma tão escancarada, onde a mulher numa situação de submissão ao esposo, expressa em sua forma de falar em voz baixa, de se portar sempre curvada e de sempre se reportar a ele como o seu porta voz. O marido por sua vez, interagia por ela com o vendedor, com a cabeça sempre erguida e com a voz sempre em alto tom. Uma clara demonstração de dominação, enquanto ela sugeriu um caminho, e ele sem dar resposta, seguiu por outro, o qual ela acompanhou.

Na Feira, há uma presença nítida de maior público feminino entre a freguesia, muitas mulheres jovens e muitas idosas estão lá desde cedo enchendo sacolas e mais sacolas. Não raras as vezes em que encontramos senhoras com muita dificuldade em andar, que não aceitam ajuda dos carroceiros, nem de outros mais jovens, elas mesmas portam suas sacolas, e com seus passos de quem não tem mais pressa nessa vida, pois já tiveram pressa demais, elas caminham lentamente entre a multidão realizando suas compras.

Nesses dois exemplos, percebemos uma dissonância do casal ao que é mais observado nas feiras, que é a presença e o protagonismo das mulheres na freguesia da Feira. Onde as mesmas, sejam donas de casa, estudantes, ou que trabalhem fora de casa, tomam essa responsabilidade de comprar os alimentos para a família, e que se desdobra na responsabilidade das economias da casa. Pois elas buscam os melhores alimentos, e os menores valores, sempre com o zelo pela família, e com a consciência das economias que precisam fazer.

A Feira toma várias formas e é chão de muitas práticas e usos, em um mesmo corredor onde um casal de idosos turistas de Florianópolis passam fotografando e se admirando com os doces, em uma mistura de estranheza e empolgação, uma criança dorme em cima de caixotes dentro de um banco de sua mãe. O banco de uma família se torna a extensão de suas casas, onde

os feirantes imprimem um pouco de suas características, seja adornando com objetos regionais, ou preparando um espaço pra descanso, colocando uma TV para os momentos de distração, zelando conforme suas possibilidades.

Figura 17: Feira de Flores



Fonte: Pesquisa de Campo, 2019

Enquanto entro em outra loja de artigos religiosos, percebo uma grande movimentação na rua. E um feirante entra agitado na loja gritando “acabaram de prender Gilberto”. E o que me atendia, assustado “mentira, por quê?”, entram outros feirantes e o espaço que já era estreito fica ainda menor. O feirante que me atendia dá um jeito de me encaminhar para porta enquanto escuta o amigo dizendo que era pela mercadoria que esse feirante vendia, “por causas coisas que ele vendia, chumbinho e acharam uma arma, a polícia vai apreender a mercadoria”.

Está acontecendo uma operação da polícia civil, chamada “operação mercador”, que investiga o comércio ilegal de armas em Campina Grande. E naquele momento estavam prendendo um feirante, e apreendendo milhares de munições de vários calibres, revólver, e vários artefatos relacionados ao comércio ilegal. A polícia descobriu que o feirante, que comercializava ali rações, transportava as munições em sacos de ração de animais para burlar a fiscalização. Já entardecia, e com a operação, havia pouca circulação, e os outros feirantes agitados começavam a fechar as lojas. Me encaminho para saída da Feira, refletindo sobre todos os cenários, tantas interações e uma infinidade de atores que uma Feira pode comportar. Digase de passagem, em único dia.

3.2 NEM TUDO É “FEIRA DE FLORES”

A Feira foi e permanece ao longo dos anos palco de múltiplas interações e objeto de disputa de interesses diversos, seja entre o Estado e o interesse do grupo, ou a competição entre os feirantes por clientela e para a ocupação do espaço. Para Simmel, o conflito age como uma força integradora dentro de um grupo, e nos ajuda a refletir sobre esse processo que se constrói nessas relações divergentes.

Se toda interação entre os homens é uma sociação, o conflito – afinal, uma das mais vívidas interações e que, além disso, não pode ser exercida por um indivíduo apenas – deve certamente ser considerado uma sociação. E de fato, os fatores de dissociação – ódio, inveja, necessidade, desejo – são as *causas* do conflito; este irrompe devido a essas causas. O conflito está assim destinado a resolver dualismos divergentes; é um modo de conseguir algum tipo de unidade [...]. O próprio conflito resolve a tensão entre contrastes (SIMMEL, 1983, p122).

Jacobs (2011) nos ajuda a entender a noção de diversidade, fenômeno natural das grandes cidades. Segundo a autora as grandes cidades são geradoras de diversidade por possuírem uma grande população, o que conseqüentemente é fonte geradora de grande diversificação de usos e interesses no espaço público.

Assim, a atuação maciça de vários grupos e sujeitos diversos, os seus usos em diferentes horários de um determinado espaço público contribui para uma vigilância constante, gerando a sensação de segurança aos seus ocupantes ou frequentadores, estimulando assim, o uso contínuo, onde em determinado horário um grupo ocupa, mas ao sair, entra outro que irá praticar o mesmo espaço.

[...] O sentido de lugar é condicionado estreitamente pela existência de uma troca simbólica e social da qual é o seu suporte. Nesse quadro, a questão sobre o espaço físico está bem presente, mas *secunda* ou, para usar a expressão clássica e mais precisa, a simbólica do espaço “é determinada” pela simbólica das relações sociais que aí se localizam (AGIER, 2011, pg 114).

A condição de vigilância da qual a autora nos alerta estabelece a eleição de “personalidades públicas vocacionais” que teriam a função de representar aquele grupo/espaço, o que pode beneficiar o grupo, ao contribuir com os olhares de segurança.

Quando as ações atribuem sentidos de lugar e pertencimento a certos espaços urbanos, e, de outro modo, essas espacialidades incidem igualmente na construção de sentidos para as ações, os espaços urbanos podem se constituir como espaço públicos: locais onde as diferenças se publicizam e se confrontam politicamente (LEITE, 2002, pg, 116).

A autora ainda indica um processo de declínio nos espaços públicos, e atribui esse fenômeno às políticas de planejamento urbano ordenado, que estão “assassinando os grandes centros” que estão em constante processo de gentrificação.

[...] há também que se atentar para o modo como a noção de diversidade vem sendo ressignificada pelas recentes políticas de revitalização ou requalificação de áreas centrais, em curso em várias metrópoles brasileiras. As mesmas se inspiram parcialmente em casos norte-americanos e europeus, nos quais grupos de moradores de classes média e alta conseguiram, com distintos graus de intervenção do poder público, se apropriar de quarteirões de bairros centrais antes marcadamente populares e imprimir novos usos, instituindo formas particulares de interação nas ruas com base na representação de uma diversidade limitada [...] (FRUGÓLI, 2007, pg. 28).

Existir um projeto de requalificação da Feira é pauta constante nas falas dos entrevistados, e nesse sentido há divergências, alguns aprovam e acreditam que essa é a forma da Feira continuar existindo e voltar a atrair gente para o lugar, que acaba se afastando por não ter vantagens que um supermercado tem, e há aqueles que aprovam a Feira como está, porque uma lógica com mais flexibilidade para os trabalhos informais.

Na tarde em que a TV Itararé esteve na Feira Central, estava realizando uma reportagem que noticiava a preocupação de representantes da defesa civil em relação às edificações do centro da cidade de Campina Grande que estão em estado de atenção, prédios “abandonados” pelo poder público, mas ocupados por pessoas em situação de rua e usuários de drogas, e marquises com risco de desabamentos.

De todos os prédios, 23 deles se encontram na Feira Central. Na matéria traz as falas dos feirantes denunciando alguns desabamentos que já aconteceram. Um senhor relata que uma marquise desabou, e para ele a sorte dos feirantes foi que ocorreu em um dia que era feriado, e por esse motivo alguns feirantes da cidade de Itabaiana, que costumavam sentar ali, tiveram a sorte de escapar. Eles denunciam o risco constante que é para eles, os fregueses e passantes.

Outro receio dos feirantes é do risco de incêndio, e pedem a intervenção da defesa civil para atender essa reclamação deles. Na reportagem, o coordenador da defesa civil conta que desde o ano de 2017 a prefeitura de Campina Grande possui um pacto com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, e realiza ações de preservação na Feira. Ele relata ainda que a fiação elétrica da Feira está comprometida, porque não suporta a sobrecarga em todo sistema elétrico, que são ligados, entre outras sobrecargas, muitos eletrodomésticos. E que os próximos passos seria elaborar um Plano de Atendimento de Emergências – PAE.

Ao pesquisar sobre os riscos de desabamentos dos prédios e de incêndio na Feira, encontrei diversas reportagens de pedidos e denúncias dos anos anteriores realizadas por Cícero Rodrigues, então, presidente da Associação dos Feirantes de Campina Grande, que faz o apelo constante em programas de rádio e TV, chamando atenção para o risco que os feirantes correm cotidianamente.

O que consta é que até agora não foi colocado nada de investimento para a Feira Central e acho muito pouco provável que neste ano tenha alguma obra para ser feita no local. Esperamos que haja diálogo entre nós feirantes e a prefeitura, pois não existe – disse Cícero em janeiro de 2018 na Rádio Campina FM.³²

Essa reportagem foi esclarecedora para o meu entendimento de alguns comportamentos dos feirantes na minha primeira visita à Feira, e no decorrer do andamento da pesquisa, pois a falta de confiança dos feirantes nos órgãos públicos gerava a insatisfação e a resistência ao diálogo com qualquer um que eles julguem ser seu representante.

Durante o período de observação na Feira Central, e ao entrevistar alguns comerciantes que estão ali cotidianamente exercendo a liberdade e a flexibilidade de comércio que o espaço da Feira possibilita, encontrei em diversas falas um descontentamento em relação à própria comunidade de feirantes, aos feirantes concorrentes, à administração do lugar e aos órgãos públicos, gerando até em alguns momentos, uma resistência por parte dos comerciantes a participar da pesquisa por me confundirem como agente pública.

Nas minhas incursões, ao percorrer a “entrada” principal da Feira na rua Deputado José Tavares, repleta de bancos de verduras e frutas que estão no meio da rua ou ocupando as calçadas, e onde ocorre o maior movimento de pessoas na maior parte do dia, sempre observava uma senhora sentada sozinha, diferente dos ocupantes dos bancos e boxes que gritavam a plenos pulmões, ela estava sempre com um semblante pensativo e distante, ouvindo algum hino religioso, na extensa varanda de uma casa, com vascas repletas de bananas e cocos, em uma área lhe serve como uma transição entre a sua casa e o espaço da Feira.

Decidi naquele dia entrar e iniciei uma conversa, me apresentei como estudante e informei sobre a pesquisa que estava realizando. Perguntei se ela tinha interesse em participar, ela então me convidou para sentar-me junto a ela. Esclareço a ela sobre a pesquisa, e que faria um registro sobre o trabalho dos feirantes. Ao ir a campo, já aguardava algumas indagações sobre a pesquisa por parte dos sujeitos, como é suscetível e se apresenta os “desafios do campo”.

³² Link da matéria: <https://paraibaonline.com.br/2018/01/revitalizacao-da-feira-central-de-cg-nao-esta-sendo-realizada-reclamam-feirantes/>

Ela me questiona por que eu tinha ido falar com ela, e não com qualquer outro feirante. Respondo que a pesquisa será realizada com outros feirantes também, e decidi ir falar com ela por ela morar e comercializar na Feira, então poderia ter uma história de maior relação com aquele lugar. Ela responde que morou muitos anos na Feira, mas que após a morte do esposo, ela se mudou para outro bairro e usa aquela casa como ponto de comércio. E que de fato ela tinha muita história para me contar, mas não estava disposta a participar da pesquisa, nem que eu gravasse a fala dela, como propus, pois ela tinha receio por existir alguns conflitos ali.

Ela passa a me contar sobre a relação dos feirantes, como ‘todo mundo até que se dá bem’ ali, que é muito triste andar pela Feira e não poder dar um “bom dia” aos colegas, mas acha que falta mais respeito e organização na “comunidade” (como ela define o grupo de feirantes). Que ali poderia até alguém pedir para investigarem a vida dela, pois existia muita competição. Então, ela se vira e me diz que não está desconfiada que eu seria essa pessoa, mas que estava me explicando por que ela se resguardava tanto. Que até gostaria de me “ajudar” com minha pesquisa, pois ela tinha “muita coisa” para falar, e ninguém os escuta.

“Se um colega vende verdura, eu não vou colocar na minha banca verdura pra vender, né, mesmo? Eu vou respeitar. Por isso eu passei a vender frutas. Aí quando passei a vender frutas, vieram, e colocaram pra vender frutas aqui também. Eu acho isso um desrespeito.” (Dona Gerússia)

Ela me diz que há vantagem em vender num banco na rua, porque é lá que passa o fluxo de pessoas. E que ela não pode colocar as frutas na calçada, pois tem gente que acha ruim. E outros colocam o banco onde querem, até na frente da casa dela, e nem a prefeitura, nem administração da Feira faz nada para organizar e não permitir isso. Então, ela acha que isso gera “desunião e desrespeito na comunidade” e que não deveria ser assim, deveria ser “uma família”.

Pergunto se ela conhece alguém que poderia ter interesse em participar. O filho dela diz que logo ao lado há uma senhora com mais 100 anos que mora ali, e que ela, “com certeza, sabe tudo sobre a Feira e quem tá aqui, ou já passou por aqui”. A mãe dele então, diz que ela não escuta mais nada, e que a pessoa que cuida também não saberia me responder. O filho sugere então, outro nome, mas a mãe dele responde “fulano não sabe responder esse tipo de perguntas, não. Não sabe participar dessas coisas, não”.

A fala da vendedora de frutas era de uma “confiança desconfiada”, o trato dessa senhora comigo, apesar de uma resistência por pensar que eu representava órgãos oficiais, foi de convite, ela conversou comigo mesmo ao dizer que não conversaria, e me aconselhou de quais pessoas procurar (ou não) para continuar minha pesquisa. Essa característica é muito latente no

comportamento dos feirantes, estão retraídos de certa forma, cautelosos, mas sempre dispostos a ajudar.

Eu respondo que não se preocupem, que eu continuaria percorrendo por ali. Agradeço o tempo que ela disponibilizou me explicando por que não poderia falar, e ela agradece o tempo que fiquei lá conversando com ela. Os dois me desejam boa sorte, me despeço e saio. Pensando naquela “conversa”, que ao “não falar”, falava tanto.

Continuo descendo a rua “principal” até o final, onde está a casa de uma senhora que comercializa roupas na “garagem”. Várias araras e varais de roupas cobrem todo o espaço, e há apenas um estreito corredor, e lá no final a visualizo comendo uma fruta e brincando com um gato. Chamo por alguém na entrada, ela responde que posso entrar. Ao me encontrar com ela, me apresento e digo o meu intuito ali. Ela pede que eu me sente na cadeira que ela estava, enquanto ela vai lavar as mãos. Ali tem uma porta que dá para sala dela, a TV estava ligada no jornal. A casa muito limpa e organizada, com alguns detalhes de crochê nos sofás. Era uma senhora muito caprichosa.

Ao voltar, ela senta em um banco, pega no meu braço e me diz com toda eloquência: “Minha filha, isso é uma furada! A Feira morreu!!!” (Dona Lourdes).

Lembro imediatamente do “controle de impressões” de Berreman, que aprendi na aula de antropologia. Eu teria conseguido disfarçar o susto que tomei com essa fala dela?

Ela, então, me explica. Ela mora naquela casa alugada há 17 anos, vive com um sobrinho, que é um filho adotado. E todos os anos há uma pesquisa, um projeto pra melhorar a vida dos comerciantes ali, e nunca muda. Todo ano tem uma reunião proposta pela prefeitura, ou pela administração da Feira, ela sempre vai e assina o nome dela. Todo ano tem eles vão melhorar o espaço da Feira, vão organizar aqueles bancos, dar melhores condições pra esse “povo que sofre”. Dizem isso, mas não fazem nada.

Tento explicar a ela, novamente, que minha pesquisa não está relacionada com a prefeitura, mas é um trabalho da faculdade. E nele ela poderia relatar esse fato. Ela diz, contundentemente, que não adianta. “Tenho dois livros sobre a Feira, têm fotos, mostram a beleza da Feira, mas não mostram a dificuldade.”.

Pergunto por que ela decidiu morar na Feira. Ela responde que antes tinha um banco na Feira, que ficava naquela rua, e que era muito transtorno. Porque pra montar o banco, têm que chegar na Feira às 2h da madrugada. “Pode vir, minha filha, esse horário. É gente desbulhando feijão, carregando caixa, madeira, montar um banco todo dia é um sofrimento.”.

Pesquisadora: “Então, é uma vantagem para senhora morar aqui, porque não tem que se deslocar...”.

Dona Lourdes: muita vantagem. Mas já foi mais vantagem, no tempo que a Feira era viva. A Feira morreu, está morta. Ninguém vende mais nada. Eu levanto 11 vezes pra ir ali na frente atender, e não vendo nada. Mas pra mim não tem tanta desvantagem quanto para esses pobres trabalhadores, porque eu vendo, mas não sou igual a eles. Deu a hora de abrir, eu abro, deu a hora de fechar, eu baixo ali a porta da garagem, entro pra dentro e vou tomar banho, ver minha novela, esses pobre vão até não sei que horas desmontando, guardando, é sofrimento!”.

Em sua fala sobre uma Feira morta, dona Lourdes expõe a “ausência” que aflige aqueles que buscam o “mito perdido” que Lefebvre define como o “horizonte inatingível” que criamos sobre cidade e modo de viver. Dona Lourdes, uma senhora que viveu tantos anos na Feira e presenciou experiências de transformações, não conseguiu acompanhar o movimento que as vidas aceleradas da supermodernidade nos impõe, ela ainda permanece em sua casa, possui os mesmos fornecedores (aqueles que ainda continuam, pois perdeu alguns após fábricas terem encerrado por causa de incêndios).

Dona Lourdes roupas continua relatando o descaso que ela sente da prefeitura em relação aos feirantes. Disse que com o prefeito atual, o espaço da Feira ficou, “pelo menos” mais limpo, porque antes o lixo se acumulava atrás dos bancos dos feirantes e isso afastava até os clientes. E podia até causar doenças a eles. Ela relatou o mesmo “conflito” que a feirante anterior, a forma “livre” como a Feira se organiza não agrada a todos. Há liberdade para os vendedores colocarem um banco em qualquer lugar, na calçada, na rua, em frente à casa dela, ou de qualquer outra pessoa, e não adianta recorrer a administração.

Uma senhora chama e ela se levanta para ir atender. É uma cliente de uma cidade vizinha, diz que está passando só para cumprimentar. Elas passam a conversar e essa senhora pergunta sobre uma peça de roupas a dona Lourdes. Ela diz que está em falta. A mulher se despede e vai embora, e dona Lourdes comenta “*tá vendo, é assim*”. Pergunto onde ela compra a mercadoria, e ela diz que é de fábricas da região, mas que diminuiu muito depois que uma delas pegou fogo.

Estamos em frente à sua casa e ela então, me diz “me tira dessa, minha filha, que é furada.”. Eu agradeço a ela por ter me recebido, e ela me abraça me abençoando. Dizendo que deseja que eu realize um bom trabalho. Que sente por não poder me ajudar, mas que ela não tinha mais gosto ali, que ali o que motivava o trabalho daqueles homens e mulheres era a barriga do filho chorando com fome, que ao sair dali, eu podia ir ver, alguém deveria até filmar, que há crianças que dormem atrás dos bancos aguardando pelos pais tirarem o apurado do dia, e aquilo era um judiação. Isso motiva os feirantes enfrentarem o que enfrentam cotidianamente na Feira. Eu dou o abraço de volta e agradeço. Ela diz “tchau, minha filha, obrigada pela conversa.”.

A Feira, como em todo espaço plural ocupado por múltiplos sujeitos desperta as diferenças, as tensões, os conflitos. E em um local tão heterogêneo, a sociabilidade conflituosa haveria de existir, e tal como prevê Simmel (1983), as interações pulsantes buscam pela superação do problema ao se unirem pelo mesmo propósito.

O próprio conflito resolve a tensão entre contrastes. [...]. Essa natureza aparece de modo mais claro quando se compreende que ambas as formas de relação – a antitética e a convergente – são fundamentalmente diferentes da mera indiferença entre dois ou mais indivíduos ou grupos. (...) o conflito contém algo de positivo (SIMMEL 1983, p. 123).

As reivindicações dos feirantes a respeito da estrutura do lugar que são negligenciadas historicamente, se fortalecem à medida que os próprios feirantes se apropriam do espaço para reconfigurá-lo. Não havendo determinações políticas dos órgãos oficiais para sanar as questões de saneamento básico, estacionamento, limpeza efetiva, segurança e as demandas pontuais de concorrência entre eles, são eles mesmos que estabelecem nova ordem.

“A tática é a arte do fraco” nos diz Certeau (2014). Nessa passagem, o autor nos leva a perceber como os indivíduos comuns utilizam de sua astúcia para manipular e mediar seus interesses. Existente, e não eficiente, o discurso oficial (uma lei, projetos, ou regras que definam o funcionamento da Feira), é partindo das mil formas de reverter essa ordem que as astúcias dos indivíduos propiciam a dinâmica do lugar. Assim, os feirantes estão cotidianamente buscando suas próprias resoluções, e entre as suas tensões, acabam se fortalecendo como grupo contra o “inimigo” que está no poder.

3.3 O “CONCRETO VIVIDO”

As ruas que durante a semana estão menos movimentadas (as que se localizam por trás do mercado central), nesse sábado parece ter ainda mais movimento que as ruas principais, mais circulação do que “a entrada” da Feira. Uma “Feira de cereais” se ergue aos fins de semana, no mesmo espaço que durante a semana está vazio. Nesse dia também funciona a tradicional “Feira da galinha”, onde se negociam galinhas vivas e “abatidas”. Há muitas caixas de som chamando atenção, e tornando “vivo e barulhento” um espaço que nos dias de semana aparenta estar totalmente abandonado.

Há grande movimento no pequeno estacionamento localizado nas ruas por trás do mercado central, em que há uma circulação maior de pequenas caminhonetes e carros de outras cidadezinhas da região. Sábado, segundo os feirantes, é um dos três dias principais de Feira, que contam com a quarta e a sexta. O dia em que as pessoas têm mais tempo livre para poder ir

à Feira, e os filhos que estão de folga da escola, acompanham seus pais, tanto para ir fazer as compras, quanto os filhos de feirantes que vão para auxiliar nos bancos.

Às 6h da manhã os bancos de verduras já estão montados e já há muita gente circulando nos corredores. Outro setor que já está “pronto” para o dia de Feira, é o setor de carnes, que é o setor que inicia mais cedo os preparativos para “abrir” pros clientes, desde às 3h os feirantes já começam a chegar, alguns ainda vão desossar as carnes para vender, cortar, limpar os boxes, e todo o chão do mercado fica encharcado de água e sangue, que vai secando nas próximas horas do dia. Às 7h, muitos fregueses já realizaram grandes feiras e estão se encaminhando pra ir embora, geralmente são pessoas de mais idade, que preferem fazer suas compras nas primeiras horas do dia.

Os feirantes que montam os bancos para preparar comida só abrem nos dias de mais movimento, levam grandes panelas, fogão, vários utensílios começam a preparar bem cedo, e às 8h já têm almoço pronto. Muitos feirantes já tomam café da manhã reforçado em casa para economizar, outros o café é um “prato feito” de almoço, com muita carne e macaxeira. Enquanto saem para fazer a refeição, outro familiar cuida do banco. E muitos fregueses advindos de sítios e cidades vizinhas também realizam suas refeições após fazer as compras, e entre 8h e 9h já estão “livres” para voltar para casa.

Há uma figura muito peculiar que pode ser vista nos dias de mais movimentos, ele percorre a Feira com a bíblia aberta. Às vezes calado, às vezes murmurando passagens bíblicas. Já o vi algumas vezes, e nunca o vi parar, nem abordar alguém, apenas caminha praticando sua fé. Há mais vendedores ambulantes nesse dia, e mais diversificação de comércio. Há muitas pessoas com cartelas de jogo do bicho, pessoas vendendo pôsteres, dindins, meias, alguns carregam sua mercadoria na mochila nas costas e exibem alguns exemplares nas mãos, alguns passam vendendo pirulitos, algodão doce e balões.

Qualquer item é mercadoria, qualquer interação é negociação e há lucro, por menor que seja, há muitas potencialidades de vendas. Os vendedores inventam e se reinventam de múltiplas formas para o comércio, há muita oferta, e muita desenvoltura do ser humano na luta diária para sua sobrevivência. E a Feira é um lugar expansivo e acolhedor dessas múltiplas práticas e usos de um mesmo espaço.

O ato de caminhar do ambulante, do pedestre, nos remete ao que Certeau (2014) define como “arte de moldar percursos”. “A gesta ambulatória joga com as organizações espaciais, por mais panópticas que sejam: ela não lhes é nem estranha [...], nem conforme [...]. Aí ela mesma é o efeito de encontros de ocasiões sucessivas que cessam de alterá-la e de usá-la como

o brasão de outra, ou seja, o que carrega aquilo que surpreende, atravessa ou seduz seus percursos” (pg. 167).

Estar em movimento constante permite a essas figuras imbuídas de gestos de significados bordar novos sentidos em qualquer trecho espacial que ocupe, levando e trazendo consigo suas subjetividades que ao aportar em novos espaços acabam por alterar a ordem espacial que permeia ali, ressignificando em novas interações o uso daquele espaço.

Os boxes de roupas e calçados são os que abrem mais tarde. Por volta de 8h ainda há boxes abrindo. Os feirantes não precisam “madrugar” para debulhar o feijão para vender, ou desossar carne, ou embalar as verduras em pequenos saquinhos como os outros feirantes. Os vendedores desse setor, normalmente, apenas abrem e está pronto para o comércio do dia, não há a necessidade de grande preparação.

Paro na barraquinha para fazer um lanche, e um feirante está muito alterado tomando um suco. “É tudo errado aqui!”, ele reclama pro atendente das lonas que cobrem os bancos, inclusive o banco dele, reclama do imenso calor que está fazendo e que a temperatura dentro do banco aumenta por causa da lona, e que ele suou muito e ficou tonto, achava que podia ser sua pressão, por isso se retirou um pouco. Os dois feirantes começam a falar o que acham sobre as barracas de lona, e entram em acordo que elas precisam acabar. O feirante mais alterado repercute a prisão de um outro feirante na semana anterior, diz que falta mais fiscalização da defesa civil na Feira, reclama dos prédios abandonados, dos riscos de incêndio que é tão temido pelos feirantes.

No momento em que ele reclama, um carroceiro bate o carro de mão na perna de um cliente, e ele se volta pro atendente relatando “esse tipo de coisa também tem que acabar”. Há muita reclamação dos feirantes a respeito do trabalho dos carroceiros. Como as ruas da Feira são estreitas, há uma disputa constante pelo espaço. Alguns feirantes denunciam sempre em suas falas que os carroceiros colocam em risco os fregueses, pois não importa a quantidade de gente ocupando o corredor, ou o que ele está realizando, se vier um carroceiro, todos precisam desviar, se apertar em algum lugar para dar passagem, caso não dê tempo, eles seguem com seu carro de mão, não havendo um cuidado se vai acertar a perna de alguém, ou não.

As práticas de convites, vocativos e apresentação dos produtos feitos pelos feirantes se dão como uma negociação leve, descontraída. O que sempre gera brincadeiras entre os próprios feirantes e a freguesia que se diverte. Além de demonstrar a camaradagem entre os feirantes, que incentivam uns aos outros. Feirante 1-“Cará a R\$2,50, bora levar que tá barato!” Feirante 2- “Cará a R\$,250? É pra comer de canudinho, gente.”

Uma feirante que está na mesma barraca que eu estou sentada descansando comenta comigo as dificuldades que ela percebe no contexto atual da Feira: "tem que gritar senão não vende, não. A pessoa tem que inventar de tudo pra se virar hoje, porque tá difícil. Antigamente a gente vendia. Cedo tudo já tinha se acabado. Hoje a gente não tira nem pra pagar pela mercadoria."

A reinvenção dos feirantes é uma construção criativa e mexe com o imaginário do freguês. Um vendedor de frangos se instala apenas em um tablado de madeira no chão, é tudo que ele precisa para vender, ele a reveste na sua criatividade em um formato que ele percebe que chama a atenção do freguês, e demonstra como ele reconhece o seu próprio espaço no meio de todos os outros: "chega pra lojinha bom sabor, chega pra lojinha bom sabor. A galinha daqui tem gosto de mel". Outra feirante almoçando brinca: "galinha gosto de mel não presta, não", e todos riem. Não há a necessidade de fachada, ou de placa, a "Lojinha bom sabor" existe no anúncio narrativo do feirante, na construção inventiva que ele produz do seu lugar.

O turismo na Feira é outra prática constante nos dias de maior movimento. Novamente há um casal fotografando o espaço, sempre pedindo autorização dos feirantes, que orgulhosos, dão aquela "caprichada" nos seus produtos. Se for verduras, sempre estão regando, se são frutas, organizam as melhores para ficar em evidência, se é doce, sempre colocam os contrastes de coloridos de doces e queijos na apresentação.

Os turistas estão sempre buscando as barracas com mais itens que remetem à cultura popular regional, onde tenha artesanatos pendurados, tonéis de cachaça em forma e bode, mel engarrafado e bonecos trajados de roupas juninas. "O que parece mais evidente é a tentativa de identificar o Estado a partir de certos conteúdos tradicionais de cultura brasileira autêntica. [...] na apologia das "raízes" culturais, da suposta autenticidade das tradições e manifestações da cultura. (LEITE, 2002, pg. 126)

A ideia de uma Feira "raiz" permeia o imaginário da população diante uma invenção social que pode comercializar e alimentar o lugar. Em uma tentativa de ordenar aquele espaço mediante seus próprios projetos e idealizações (tais como o projeto de requalificar e patrimonializar a Feira), os órgãos responsáveis buscam resgatar elementos e perpetuar práticas que aludem a Feira em seus primórdios.

Por sua capilaridade entre ruas mais amplas, mais estreitas, subindo e descendo, o ato de "entrar" na Feira requer um senso de espacialidade que pode levar os visitantes de primeira viagem a caminhos novos a todo instante, a Feira vai se apresentando como um circuito desafiante da própria noção de direção, ligando o ponto A ao ponto B, leva os turistas a conhecer

toda sua tessitura. É comum escutar pequenos grupos perguntando entre si: "a gente está indo, ou está voltando? A gente não já passou por aqui?".

Encontro novamente dona Lourdes em frente a sua loja/casa, a feirante de roupas que havia conversado em outra ida a campo, e ela me reconhece e nos cumprimentamos. Nos falamos por um instante, e pergunto a ela onde os feirantes e clientes costumam usar o banheiro por ali, que é mais distante do prédio com os “banheiros da Feira”. Ela diz que alguns clientes dela podem usar o banheiro da casa dela, mas havia uma semana que o encanamento daquela rua estava com problemas, e ela aproveita para reclamar de irregularidades, que não há saneamento básico, nem fiscalização nenhuma, pois há diversas fossas ilegais ali e isso pode estar sobrecarregando a estrutura dos encanamentos. Mas diz que os clientes da Feira costumam usar os banheiros do supermercado que se encontra na rua abaixo. E que as clientes dela estavam usando lá.

Por ser praticamente “dentro” do território da Feira, o supermercado acaba sendo incorporado como uma extensão de algumas práticas dos fregueses. Além de usar a estrutura dos banheiros, vi diversos clientes que acabavam suas compras na Feira, e iam esperar o seu “carro”, o transporte pra sua cidade, no supermercado que fica em frente a parada de ônibus, ou aguardam na sombra da calçada do supermercado, ou ficam dentro para arrefecer do calor no ar condicionado.

Após algumas voltas, entro no mercado central para realizar a entrevista com algum feirante daquele setor. O intuito é entrevistar um homem e uma mulher. Após uma breve circulação, percebo que há muitos homens dividindo o box com algumas mulheres. Mas poucas mulheres à frente sozinhas de um box. Percebo isso também pela fachada de cada box, que leva sempre o nome do dono, apesar de ter alguma mulher auxiliando, o nome do box é atribuído ao homem. E encontro, então, um box que tem o nome da proprietária.

Figura 18: Box da Ziza



Fonte: Pesquisa de Campo, 2019

Ao me aproximar e explicar o intuito da minha presença ali, Ziza já me recebe com muita hospitalidade e me convida pra sentar dentro do seu box enquanto realizo a entrevista. Muito extrovertida e falante, Ziza é muito clara em suas respostas, e demonstra muita compreensão pelo trabalho que estou realizando.

Pesquisadora: no setor de carnes a maioria dos vendedores são homens, como é trabalhar aqui sendo uma das poucas mulheres nesse setor? Por que a senhora acha que tem pouca participação das mulheres?

Ziza: não, têm poucas. Nesse setor aqui tem menos, mas ali atrás têm mais (no corredor atrás do banco dela há mulheres que preparam buchadas na Feira de sábado). Mas eu acho que não tem diferença, não. É porque eu acredito quem tava ou não tinha filha, não quis seguir, né? Porque esse aqui aí mesmo ele têm três ou é quatro filhas, abandonou o banco, oh. (ela aponta para um banco fechado), o dono ele não tinha condições de vir porque ele está doente, mas as filhas podiam tomar conta, né? Mas elas não quiseram.

A entrevista com Ziza faz coro aos demais feirantes que tenho observado e conversado nas idas a campo, e volta sempre a respeito da estrutura da Feira, ou a pequenos conflitos em relação a concorrência. Muitos se queixam da falta de uma articulação maior da administração da Feira para as melhorias. Em todos os setores, em todas as falas a maior queixa dos feirantes é a diminuição do fluxo de pessoas que frequentam a Feira. E as motivações para essa diminuição são denunciadas em várias observações dos próprios feirantes. A estrutura da Feira não comporta as novas demandas, e a inclusão de tantos personagens. Porque a liberdade que

o espaço da Feira propõe para a invenção das práticas dos personagens é ilimitada, e acaba afetando uns aos outros.

Quando alguém ocupa a calçada em frente à casa que um feirante comercializa, ele impede que aquele feirante estenda sua quitanda para calçada. Se um feirante preza pela higiene, mas compartilha o espaço com outro que joga o lixo no chão, eles discordam, mas não entram em conflito para que isso não afete na sua prática diária, afinal, não há o que se possa fazer ou a quem recorrer, resta apenas aceitar.

Se um feirante trata bem seu freguês, mas um carroceiro atropela suas pernas, o freguês já não se sente confortável para ficar ali fazendo compras, e o feirante que preza pelo bom trato ao cliente já entra em conflito com os carroceiros. Qualquer pessoa pode ocupar qualquer espaço do chão da Feira, e isso pode causar uma disputa, entre os que estão há mais tempo, e os feirantes sazonais que buscam comercializar nos dias de maior fluxo. Esses conflitos e disputas constantes fazem parte das sociabilidades da Feira.

O que predomina nos discursos é a relação ainda conflituosa com o poder público, pois desde o processo de patrimonialização e a proposta de requalificar o espaço da Feira, que muitos feirantes nutrem a esperança de que uma mudança na estrutura e um diálogo intermediado com a concorrência, trará de volta os fregueses que estão deixando o espaço da Feira para realizar suas compras em supermercados e mercadinhos de bairro.

De dentro do box da Ziza

Após a entrevista com Ziza realizo uma volta dentro do mercado central, quando passo novamente pelo box dela, ela me chama e pergunta como estou indo, se estou conseguindo realizar o meu trabalho. E ao ouvir que meu trabalho consiste também na observação do trabalho deles, Ziza, então, me convida para ficar com ela e para observar de dentro do box. De forma muito hospitaleira, ela me oferece uma cadeira, uvas, lanche.

Figura 19: Visão de dentro do box de Ziza



Fonte: Pesquisa de Campo, 2019

Aceito o convite de Ziza, porque a visão privilegiada de estar dentro do box, me propicia observar as práticas dos feirantes daquele setor, e estender a naturalização da minha presença ali. Ziza conversa com uma amiga sobre o público da Feira, diz que há pouco movimento naquele dia. É uma fala muito recorrente entre os feirantes essa de se queixar do baixo público, mesmo nos dias da “maior Feira”, que é o sábado.

Os feirantes nos boxes vizinhos se dividem em várias tarefas, alguns, muito ocupados, cortam alguma carne, fazem linguiça, a produção não para. Outros utilizam o menor movimento para descansar, e deitam em seus próprios balcões. Há algumas mulheres nos boxes vizinhos, mas se concentram em conversar entre elas, ou ficar no celular. Os homens, geralmente, interagem entre si, visitam os boxes uns dos outros, fazem alguma brincadeira e voltam.

Quando se aproxima algum cliente, o vendedor já reconhece se é o seu freguês, ou não. Se estiver sentado, o feirante levanta para atender antes do freguês chegar no balcão, porque sabe que ele está vindo pro seu banco, já se cumprimentam à distância, os outros continuam sentados. Essa previsão do feirante demonstra o vínculo que alguns fregueses possuem com determinados vendedores, apesar de ainda ir em outros bancos, o feirante sempre sabe que ele vem primeiro ao seu. E muitos já possuem encomendas, ou compras costumeiras, que ao chegar, não é raro diálogos como: Feirante: “o de sempre?” Freguês: “o de sempre!”

Vender “fiado” é outra questão conflituosa entre os feirantes, pois eles sabem que é um voto de confiança que ele dá ao cliente para a partir disso, fortalecer a interação entre os dois e estreitar os laços de fidelidade. Mas há sempre o risco de muitos não pagarem, e o feirante acabar saindo no prejuízo, então, essa é uma prática utilizada para aumentar a freguesia, mas que envolve o aprendizado do feirante de qual perfil de cliente ele pode confiar, pois alguns apesar de se dizerem bons pagadores, demonstram no prazo que quitam suas dívidas em que perfil ele se identifica.

Já passa de meio dia e para muitos é o horário de almoço, mas muitos feirantes levam o próprio lanche para os bancos. Alguns restaurantes dentro do mercado central enchem de fregueses em compras, mas os feirantes não almoçam lá. Além da questão da economia, alguns feirantes reclamam da falta de higiene em alguns estabelecimentos. “Está sentindo cheiro de comida?”, uma feirante pergunta.

Respondo que não, que estou sentindo o cheiro das carnes do ambiente, e pergunto se pode ser por isso que os feirantes não sentem fome, por estarem lidando com o cheiro forte da carne crua, ou das vísceras dos animais. Ela responde que eles estão acostumados com esse cheiro, e ele não atrapalha no apetite, que o problema é que não há boas cozinheiras naqueles restaurantes, porque comida boa precisa exalar o tempero.

O movimento continua diminuindo e os feirantes do setor de carnes estão muito calados. O ambiente começa a tomar ares totalmente diferentes das primeiras horas do dia. Os feirantes do setor de carnes são os primeiros a chegar na Feira para preparar a mercadoria, por chegarem entre 3h e 4h da manhã, na metade do dia eles já somam 8h de trabalho, e por isso se torna mais cansativo e monótono.

A impressão que eu tive na minha primeira ida a campo, numa tarde de um sábado, quando visitei o setor de carnes, foi notar a diferença de comportamento entre os feirantes dos outros setores, que geralmente estavam animados, e falantes, enquanto os ares no setor de carnes eram mais calados e fechados. Na experiência que pude partilhar o ambiente do setor de carnes no box de Ziza, entendi que aquele setor funcionava em horários diferentes dos demais setores. Nas primeiras horas do dia, eles também estavam falantes e animados, mas como estendiam uma prática muito cansativa, ao lidar com pesados facões, e desmembrar animais inteiros, era de se esperar uma maior exaustão.

“A Feira tinha mais vida há três anos...”, conta Ziza. Ela relembra que no período de São João a cidade de Campina Grande inteira tomava vida, e que até recentemente os feirantes conseguiam vender muito no período de festas, principalmente os vendedores de carne, frango e buchadas. Chegavam a vender até R\$ 3 mil por semana para diversos restaurantes da cidade. Mas alguns passaram a possuir próprias granjas e criadouros, não encomendavam mais como antes.

Ziza se relaciona muito bem com muitos feirantes, e seu box é visitado por eles, às vezes o ponto que eles param pra conversar, quando procuram uns aos outros apenas para “jogar conversa fora”. Os feirantes estendem os vínculos construídos ali para fora do ambiente da Feira. Combinam de se falar em casa por telefone. Constroem os laços que ultrapassam relações comerciais. Galego é um feirante jovem colega de Ziza que a trata como uma “mãezona”, com muito respeito e a escuta bastante, ele está no box dela comentando sobre seu cansaço do dia e diz que já pretende ir embora. Ziza, então, me apresenta e fala sobre o meu trabalho. Pede que ele conceda uma entrevista.

Ele concorda em participar, e pergunto se posso gravar. Ele responde que “pode”, muito sucinto, Ziza dá uma bronca estilo mãezona “responda direito a menina”, e todos riem.

Apesar da advertência de Ziza, a entrevista com galego é mais sucinta, ao questionar a ele sobre a pouca participação das mulheres no setor, ele diz que acredita que o motivo é pela lida mais pesada para as mulheres e que a maioria das mulheres do setor são filhas, ou esposas dos donos dos boxes. Mas as falas e ações de Ziza e as outras poucas mulheres que se encontravam ali, demonstravam que havia um entendimento diferente feito pelos homens e

pelas mulheres do trabalho ali, pois elas se entendiam com a mesma capacidade de lidar com o trabalho pesado.

Galego trabalha fazendo entregas de suas mercadorias a restaurantes, ele é de família de feirantes, e acredita que o problema da estrutura também é um impasse pra atrair o público que havia antes. Ele também utiliza as facilidades das redes digitais para o seu trabalho, e algumas vezes não abre o seu box, apenas fazendo entregas encomendadas, ou vai à Feira para receber pagamentos.

Outra feirante vem ao box de Ziza conversar, e passam a falar sobre os fornecedores. Muitos feirantes utilizam um mesmo fornecedor, fazem a encomenda de quantos e quais animais querem, e esse fornecedor entrega nos dias combinados. Pela qualidade da criação dos bichos, não há muita opção de fornecedor para o feirante, então quando não há uma boa negociação, eles precisam se contentar e fechar acordos, mesmo que não seja tão bom pra si.

Na fala da maioria dos feirantes, a higiene é sempre o primeiro critério a ser considerado no seu ambiente de trabalho. Ziza constantemente passa um paninho sobre os balcões e espanta as moscas do ambiente. Há uma bacia com água a disposição para lavar as mãos quando manusear as carnes, mas não há água encanada, ou freezer. Ela disse que utilizava antigamente quando vendia mais. A feirante que conversa com ela também faz suas queixas sobre a higiene, e diz que gosta muito de buchada, mas há lugares na própria Feira que ela não tem coragem de encomendar, "*nam, buchada com mosca*", se limita a dizer.

Ziza convida essa feirante para realizar a entrevista comigo, apesar de já ter concluído as amostras que eu pretendia, tenho uma breve conversa com a feirante que também é moderada na sua fala, mas reforça as falas dos demais a respeito da diminuição das vendas e sobre a estrutura da Feira estar negligenciada.

"13h30min, essa hora era a hora que mais vendia nesse setor. Tínhamos que comprar o resto dos outros pra vender. Agora é hora de fechar." relata Ziza em tom um pouco emocionado. O setor de carnes abre cedo, mas começa a fechar antes dos demais setores, antes os fregueses deixavam pra comprar as carnes já na saída da Feira, por isso eram comprados mais tarde, mas hoje em dia as mercadorias são encomendadas pelo aplicativo de mensagens do telefone, e o feirante já tem uma certa previsão do que irá vender.

Ziza continua seu relato, ainda emocionado: "hoje o trabalho é muito e o lucro é pouco. Já foi bom, hoje não é mais. A Feira da Prata ainda é melhor, mas só funciona nos domingos. Alguns trabalham aqui e ainda abrem lá.". Alguns feirantes, além de se dividirem entre as duas feiras, expandem suas vendas para clientes de vários lugares, separam para encomendas até para visitantes de outros países. Ziza relata que os japoneses que possuem estabelecimentos em

Campina Grande, ou mesmo se forem viajar de volta para sua cidade natal, compram muito “bucha e sangue de porco” para preparar ou levar, o que Ziza julga ser um gosto “estranho” deles.

Ela começa os preparativos pra fechar sua banca, um amigo vem ajudar com caixas para colocar as carnes que não foram vendidas, serão levadas pro freezer da casa de Ziza, e voltarão na quarta para a Feira.

Ziza se mostrou durante as poucas horas que estive com ela em seu box uma mulher que entende com as dificuldades do trabalho da Feira, e com os relatos pessoais familiares, aquele ofício de ser feirante vai muito além do que ela lucra, de como ela vive. Ela não tem família, apenas duas cadelinhas que ela cria, o convívio com outras pessoas, ela encontra diariamente na Feira.

Ela não tem filhos, mas demonstra uma preocupação de mãe com galego e com outros amigos, em que ela ajuda como pode. Ela costuma dar porções de carnes a pessoas que passam por sua banca pedindo, e não vê isso como solidariedade, ela acredita que esse é o dever dela, e de quem tem mais do que os outros. Sempre compartilhar.

No momento que ela me convidou pro seu banco, ela me tratou como se já me conhecesse há muito tempo, teve toda a preocupação em me oferecer o que comer, onde sentar e finalizou nosso encontro me oferecendo uma porção de carne pra levar pra casa, e oferecendo a própria casa dela para me hospedar quando eu precisasse voltar a Campina Grande. Nessa experiência, eu pude recolher muitas respostas que me inquietavam a respeito dos feirantes. Por que alguns comerciantes, como a própria Ziza, que possui meios de viver sem precisar trabalhar na Feira, estão ali todos os dias com um compromisso com suas necessidades, mas também com um sentimento de pertença, em que se identificam com o seu lugar no mundo.

E isso se exemplifica nas ações diárias, em que eles, mesmo reclamando dos poucos clientes, mesmo enfrentando os desafios que a estrutura os expõem, mesmo precisando se reinventar todos os dias para encarar a concorrência, não só entre eles mesmos, mas com os supermercados e mercadinhos, fazem tudo da melhor forma que podem. Insistem diariamente. E é uma construção própria deles o tratamento com os outros, em que até uma estudante completamente estranha, que não é do lugar, é recebida e acolhida por eles com a hospitalidade que não se encontra no maior hipermercado.

Feirante por algumas horas

Após fechar o box, me despeço de Ziza, e caminho para fora do mercado, já se escuta e vê em todos os lados da Feira portões dos boxes fechando, mercadoria sendo guardada, e feirantes nas suas últimas apostas de vendas. Feirante 01: "Tou a fim de trocar esse mói de carne... por dinheiro" Feirante 02: "Pensei que era por um mói de mato"

Os vendedores estão no ápice de suas performances, chamando mais e mais atenção pro seu banco, oferecendo sua mercadoria, e suas táticas de negociação começam a adotar a diminuição dos preços, ou aumento dos itens nas sacolas dos clientes. Para não voltarem com a mercadoria, eles até “presenteiam” com produtos a mais os fregueses.

Um feirante que não aguenta mais o calor, compra uma garrafa de água, que começa bebendo, passa a molhar a própria cabeça e termina regando o inhame que ele está vendendo. Numa relação direta entre vendedor e mercadoria, ele sabe que ela está ficando tão ressecada quanto ele, o cuidado então, é para ambos se restaurarem à vista dos fregueses.

Se é verdade que por toda a parte se estende e se precisa a rede de vigilância, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também “minúsculos” e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los [...] (CERTEAU, 2014, pg. 40).

Ignorando completamente as orientações sanitárias de como proceder com alimentos, a contrapartida do feirante que regava o inhame com sua água de beber, assim como os dos feirantes que carregam pela Feira as galinhas abatidas em isopor sem refrigeração, são burlas do dia a dia que reafirmam comportamentos irreverentes de autogestão daqueles que não se enquadram em processos organizacionais dominantes, mas imprimem seu próprio ordenamento. Feirante 01: "Cadê os fregueses da gente, mulher, chama" Feirante 02: "Hoje está fraco".

Paro ao lado de uma vendedora de frangos, que comercializa próximo ao seu filho, mas cada um possui seu próprio isopor/banco. Ela se vê na necessidade de sair, e me vê encostada observando, pede, então que eu fique no seu banco enquanto ela precisa sair para resolver algo. Eu aceito, pensando que seria algo rápido, e que só precisaria olhar a mercadoria. Então, ela diz “olhe, o maior é R\$18, o menor é R\$117”, sem mais orientações, ela me deixa encarregada de sua mercadoria.

Figura 20: “O maior é R\$18, o menor é R\$17”



Fonte: Pesquisa de Campo, 2019

Eu não consigo acreditar na confiança que rapidamente a feirante deposita em mim, e fico rindo sozinha sentada no banco ao lado da caixa de frangos. Procuo identificar qual o maior, ou menor, porque na minha visão destreinada, todos os frangos possuem o mesmo tamanho. “Não posso vender errado”, penso. E começo a observar em volta, como os demais estão comercializando.

E começo timidamente a chamar pelos clientes, como vejo os demais fazendo “olha a galinha!”, “galinha, moça? Bora levar!”. Alguns passam e não olham, outros respondem agradecendo a oferta, mas recusam. Duas pessoas pararam para avaliar, e disseram que “na volta”, passariam por ali. E à medida que vai passando o tempo, já faz uns 20 minutos que me encontro sozinha, vou ficando mais à vontade para abordar os fregueses.

Com o passar do horário, vejo gente vendendo a galinha, que antes era R\$18, R\$17, por R\$15, R\$14. Mas eu não podia mudar o valor que a feirante me passou, afinal, não era minha a mercadoria. Mas nisso, eu via as chances de venda diminuir, porque os clientes iriam procurar nos outros bancos o mesmo produto, mais barato. E passei a abordar dizendo que a galinha era grande, na intenção de que isso justificasse o meu valor mais alto.

Mas finalmente a feirante retorna, e diz que hoje está muito fraco o movimento. Então, eu digo a ela animada que duas pessoas passaram e disseram que iriam voltar. Ela diz “mas nem sempre voltam”. E essa é uma dura lição para quem vende abordando as pessoas, elas dizem coisas, mas não cumprem, porque os fregueses também têm suas estratégias para

frequentar a Feira, assim como os feirantes, eles sabem o que dizer para pechinchar os valores, e para que possam transitar sem que precisem comprar tudo o que lhe oferecem pela frente.

Mas logo a pessoa que havia me dito que iria voltar, aparece e compra a galinha. A feirante volta a pedir minha ajuda, e passo então, a abrir as sacolas, segurar as galinhas, ajudando a passar o troco, e chamando os clientes, e acabo me estabelecendo ali com ela naturalmente. Ao fazer companhia, percebo que ela já está completamente exausta do dia.

Alguns feirantes que estavam comercializando galinha ali na entrada do setor de doces e queijos, na porta do mercado central, estavam com seus bancos já montados, os que possuem a caixa de isopor dentro de um carro de mão, tem a facilidade de deslocamento para outros pontos. No início da manhã, a “Feira da galinha” acontece na rua do antigo cassino, e muitas pessoas comercializam lá galinhas vivas dentro de um viveiro, ou galinhas abatidas. Há clientes que escolhem a galinha na hora da compra e pedem para abater ali mesmo. Essa feirante iniciou o dia dela naquela Feira, e à tarde levava seu carro de mão para outros pontos.

Uma pessoa passa e acha caro o valor da galinha, dizendo que a de granja é mais barato e sai. A feirante, então, comenta comigo “a pessoa deixar de comprar uma galinha saudável dessas, pra comprar uma galinha de granja.”. Pergunto se ela mesma é quem cria as galinhas, para serem saudáveis, e ela responde “não, compro no frigorífico”. As galinhas estão todas embaladas em sacos transparentes, não tem como dizer de onde elas são, mas há vários sacos da marca perdigão que a feirante me mostra no lixo no chão, e ela diz, então, que tira daqueles sacos.

Talvez por pensar que são inspecionadas em algum frigorífico, a feirante cria a ideia de que a galinha de frigorífico é mais saudável que a galinha de granja, mas o que o freguês procura na Feira é o aspecto do “rural”, do “tradicional” nos produtos, compram além da mercadoria, o simbolismo que ela representa. Quando eles compram uma galinha na Feira, possuem o imaginário que é uma galinha criada em um belo sítio, e tratada por vendedor rural. E ao tirar a embalagem da marca, e deixar apenas o papel transparente, a feirante não nega esse imaginário, pelo contrário, o fomenta.

As negociações de vendas fazem parte do jogo do lugar, onde a criatividade (CERTEAU, 2014) impressa na fala, nos gestos e na capacidade de atrair o cliente com desconto, com irreverência, ou fabricando a procedência do objeto do desejo do freguês (que o leva a buscar em uma Feira um item que encontraria no frigorífico da esquina) soma os pontos para as pequenas vitórias dos sujeitos comuns. É um jogo de imprevisibilidades, que o jogador da casa (feirante) domina com maestria.

Apesar de passar de ver uma vez ou outra um funcionário da secretária de urbanidade limpando a Feira, o lixo acumula com muita facilidade, pelas práticas de alguns feirantes que não possuem depósito de lixo, e de alguns clientes que passam e jogam qualquer coisa no chão. Esse é um aspecto que gera pequenos conflitos entre os feirantes.

O tempo vai passando os feirantes continuam fechando seus bancos. A feirante de galinha começa a dormir no banco de tão exausta, e acorda com uma movimentação que percebemos ali perto. Um rapaz muito franzino chora compulsivamente, ele está sem camisa e com as costas e o pescoço ardendo em chamas de tão vermelho. Ele se queixa de que acabou de ser espancado.

Antes que qualquer feirante se agitasse, começaram a comentar entre si normalmente, como se fosse algo comum “deve ter sido Andrade.”, “ah, isso é coisa de Andrade...”, “foi bem Andrade que fez isso...”. O rapaz continua chorando e um feirante conhecido dele tenta acalmá-lo. Ele tenta falar alto algo sobre Andrade, mas o feirante tenta fazê-lo não falar, e faz sinal de silêncio para ele. Aquele era um assunto delicado, ele não poderia expor ali. E pede que ele vá embora, o rapaz revoltado diz que não fez nada, e que foi agredido por todos eles. E sai indignado, chorando e dizendo que não ficaria assim.

Sargento Andrade é um dos “seguranças” da Feira, nos dias de folga da polícia ele anda com um grupo de mais 4 seguranças, e recebem informalmente dinheiro de alguns feirantes pra circular pela Feira garantindo a “proteção” do local. Mas nada o impede caso ele não vá com a cara de alguém, pois ele mesmo avalia a situação, julga o sujeito e impõe o castigo que achar melhor. Que pode ser uma observação, ou tomar uma surra de cordas grossas com vários nós. Que foi o caso do rapaz.

A feirante se prepara para ir embora, e me despeço dela. Ela agradece minha ajuda nas poucas horas que fiquei com ela. A experiência de estar do outro lado do banco, suscita um entendimento maior do que os feirantes cotidianamente precisam acionar para realizar seus dias de Feira. Entre outras posturas, há de ser muito corajoso e paciente, tem que estar preparado pra receber o “não” dos clientes, ou simplesmente ser ignorado por quem passa, não importa a forma mais brincalhona, ou entusiasta que se aborde alguém, tem que entender que o cliente pode não estar aberto a brincadeiras, e às vezes será ríspido nas repostas.

O dia na Feira não começa às 6h, ou às 7h quando os fregueses começam a chegar, começa às 3h, às 4h nos preparativos para comercializar. Da preparação da mercadoria para o deslocamento, quando o feirante não é das proximidades, e muitas vezes é de outras cidadezinhas da região. No preparo do banco, em que hoje alguns feirantes se puderem gastar

mais, podem contratar gente para montar por ele, mas se não faturarem nem o que gastam com a mercadoria, esse tipo de serviço acaba sendo um luxo para poucos.

O espaço da Feira se transforma a cada hora, como um grande espetáculo, ela é preparada, montada, exibida, desmontada e encaixotada no fim do dia. A disposição dos feirantes inicia na madrugada. O que, muitas vezes, pra alguns clientes pode ser falta de interesse em vender, quando chega num banco e não é prontamente atendido, é simplesmente o cansaço do dia de quem está ali há muitas horas, e muitas vezes no esforço diário de tratar bem, manter o ânimo, as brincadeiras, e a atratividade do lugar.

Estar na Feira me mostrou nas observações das práticas de quem está ali cotidianamente, o porquê, diante de tantos desafios, o lugar ainda resiste, o que é feito com essa “liberdade” de uma Feira realmente “livre”. São seus personagens, as sociabilidades, a confiança que é oferecida pelos feirantes, o bom trato nas relações, o esforço dos sujeitos, dos feirantes em todo seu trabalho, dos fregueses fiéis que faça sol, faça chuva (ou venha carro de mão), em estar ali e mudar seu próprio dia, mas mais importante ainda, mudar a vida do próximo que vai encontrar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que é ser feirante? O que mobiliza tantas pessoas a acordarem todas as madrugadas e se encaminharem para os seus pontos de comércio, faça chuva, ou sol, cientes de todas as dificuldades que irão encontrar durante o dia? O que motiva personalizar o modo de tratar o cliente, ou o seu espaço de comércio?

Dos relatos o que mais ouvi da percepção dos feirantes a respeito do seu trabalho ali, foi que não estava havendo muitas vendas, de que o dia de comércio não estava bom, das dificuldades financeiras de todos. O que vem à mente de imediato é a situação econômica que o país enfrenta, e isso também me fazia questionar o que essas pessoas faziam para lidar com tantos desafios.

Sabemos que a Feira é um lugar que vai além do negócio mercantil. Que ela não é uma experiência paralela ao monetarismo, porque as negociações estão ali presentes, porém as interações vão além do espaço de trocas comerciais, além da motivação pecuniária. Não obstante, ela se destaca pelos sentidos construídos pelos personagens através de suas sociabilidades e práticas. A Feira, se constitui como ponto de conexão e de sentidos, entre cidades e pessoas, de quem vai vender e quem vai comprar, das novas gerações e das antigas.

Há um provérbio Chinês, datado do século X, que enuncia “é como olhar no espelho precioso onde forma e reflexo se encontram. Você não é ele, mas ele é tudo de você.”. Fazer uma reflexão sobre essa pesquisa, mais precisamente, sobre o lugar onde ela foi realizada, evocou em mim enquanto pesquisadora um “estranhamento familiarizado”.

Em “não lugares”, Augé nos adverte sobre os novos espaços inscritos na contemporaneidade, tais como os supermercados, os shoppings, os aeroportos, o novo estilo de vida que nos bombardeia de informações, textos e sons que visam nos orientar como circular no mundo moderno. Como realizar uma compra, qual protocolo seguir, quanto tempo aguardar, para onde temos que nos direcionar e com quem falar para receber instruções. Se pararmos para pensar como chegamos a esse modelo, de certo não encontraremos respostas.

É a forma e o reflexo no espelho, onde não nos reconhecemos em um modelo tão burocratizado de vida, mas fomos nós os inventores e reprodutores desse modelo. Somos hoje habitantes de lugares e não lugares, percorremos ruas, e corredores, nos estabelecemos em novos condomínios e estamos cercados de gente o tempo todo, espaços e pessoas que nos contam as histórias que carregam consigo.

Muito pude observar, ouvir, também perceber nos “silêncios falantes” durante a realização da pesquisa, experiências que me demonstraram o que significa viver a feira,

enquanto novata ali, fui aceita, acolhida quase que instantaneamente pelos estabelecidos do lugar que criaram uma relação de confiança, e com alguns, em menos de um dia de convivência, se tornou amizade.

Um evento que me tocou, tanto quanto me causou estranheza, foi convite feito pela feirante Ziza para conhecer sua casa, seus animais de estimação, a visitar Campina Grande no período do maior São João do mundo, pois segundo ela, a casa dela não tinha luxo, era um espaço bem pequeno que ela dividia com os bichinhos de estimação, mas que se eu não tivesse “besteira” tinha o chão da casa dela para pernoitar. E percebo esse convite para ocupar o chão da casa dela, como uma extensão do convite feito pelo feirante a descortinar o chão da feira.

Em uma passagem na história do “Auto da Compadecida” do escritor paraibano Ariano Suassuna, o personagem “João Grilo” frente ao juízo final, vê-se diante do destino inevitável da condenação eterna por ter passado sua vida enganando as pessoas. A personagem de nossa senhora, então, advoga em sua causa dizendo que a “a esperteza é a coragem do pobre.”, que a “esperteza” é a única arma que o pobre tem contra os maus patrões.

E o que são, então, as astúcias do homem comum, essa “arte do fraco” contra o forte da qual nos explica Certeau, senão a “esperteza” dos sujeitos para lidar cotidianamente com as tentativas de dominação dos poderosos? A Feira não é qualquer espaço ocupado, a história nos conta que ela enquanto fenômeno urbano foi rejeitada pelas classes dominantes e retirada do meio em que essa classe vivia.

Ela é, então, resultado das espertezas do dia a dia dos seus personagens. Daquele que resistiu às intervenções urbanísticas quando não cabia seu pano estendido no chão, daquele que arremessou a rapadura quando sistemas de pesos europeus quiseram ditar a medida de suas vendas, daquele que “atrepou” o balaio na cabeça para não pagar o imposto do chão, ela é o lugar daqueles que não seguem o “código de posturas” da prefeitura, porque sabem que para concorrer com os grandes supermercados precisam burlar, criar e reinventar a forma de comercializar.

Não sei se durante essa trajetória que percorri enquanto realizava essa pesquisa encontrei, de fato, as respostas para os questionamentos que levaram ao espaço da Feira. Mas pude perceber de perto e de dentro que a Feira representa muito mais do que o “ganha pão” para cada homem, mulher, famílias comuns que estão ali diariamente. Existem as dificuldades, e não há romantização na vida de pessoas batalhadoras, mas há uma força simbólica ressoando naquele espaço que o ser humano mais indiferente não seria capaz de negar.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE DA COSTA, A. **Sucessões e coexistências do espaço campinense na sua inserção ao meio técnico-científico-informacional: a feira de Campina Grande na interface desse processo.** Dissertação (Mestrado em Geografia) Departamento de Geografia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2003.
- AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **Revista Mana**, 2015.
- AQUINO, Paula Pontes de ; MENDES, B. B. ; MACEDO, F. G. ; TAVARES, M. S. C. ; FERNANDES, H. T. R. ; COSTA, P. H. S. . Os Espaços Públicos do Núcleo Central da Cidade de Campina Grande na Percepção dos seus Usuários. TEMA: **Revista Eletrônica de Ciências**, 2018.
- AUGÉ, M. **Não lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. 3ª. ed. São Paulo: Papirus, 2011.
- ARAUJO, J. A. S. **Centralidade Urbano-Regional de Campina Grande/PB:** Os serviços de Saúde e de Educação Superior. João Pessoa/PB. Dissertação (Mestrado em Geografia), CCEN/UFPB, 2012.
- BOURDIEU, P. **A Miséria do mundo.** 9. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BOURDIEU, P. **A Distinção:** crítica social do julgamento. Trad. Daniela Kern: Guilherme J. F. Teixeira. - 2. ed. rev. 2. reimpr. - Porto Alegre, RS: Zouk, 2015.
- CAMPINA GRANDE. Código de posturas. **Lei 4.129/03**, Campina Grande, PB, 2003.
- CERTEAU, M. D. **A Invenção do Cotidiano – 1:** Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua.** 5ª ed. - Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FONSECA, G. D. A. **O global e o local nas feiras contemporâneas:** um estudo dos impactos gerados pela globalização em feiras de Portugal e do Brasil. Campina Grande: EDUFPG, 2014.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2017.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOFFMAN, Erving. Representações In Representação do eu na vida cotidiana, Petrópolis: Vozes, 1996.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades.** Trad. Carlos S. Mendes Rosa. – 3 ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2011. – (Coleção cidades)

JOLY GOUVEIA, A. **Notas a respeito das diferentes propostas metodológicas apresentadas.** Cadernos de Pesquisa, 1984 (49): 67-70.

LEITE, Rogério P. **CONTRA-USOS E ESPAÇO PÚBLICO: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown.** RBCS, Vol. 17, 2002.

LIMA, E. C. A. **A Festa de São João e a invenção da Cultura Popular.** Revista Internacional de Folkcomunicação, v. 11, p. 01-29, 2013.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências.** Petrópolis: Vozes, 1996.

MAGNANI, J. G. C. **Na metrópole: Textos de Antropologia Urbana.** 3ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw. “Objeto, método e alcance desta pesquisa”, in: Os Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Editora Abril, 1978.

MASCARENHAS, G.; DOLZANI, M. C. S. Feira Livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 2, Agosto 2008.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia: Marcel Mauss.** 2ª. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

MONTEIRO, M. **A estória de et - um homem de outro mundo. In:** Campina dos meus amores. Campina Grande: Gráfica Martins, 19---. (Cordel).

MONTEIRO, M. **Campina dos meus amores: Ode a Rainha da Borborema.** Campina Grande: Gráfica Martins, 20---. (Cordel).

MONTEIRO, M. **Grande Marco de Campina Grande.** 1ª. ed. Campina Grande, PB: [s.n.], 2009. (Cordel).

OLIVEIRA, S. S. **Olha o rapa: os feirantes e as artes do saber fazer o cotidiano na feira central de Campina Grande (1970-1983).** Dissertação (Mestrado em História), Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande. 2012.

PIZZIGNACCO, M. M. P. **Histórias que vós me nordestes: discursos sobre “o popular” em Campina Grande (PB).** TCC (Trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais), Instituto de Artes da UNESP. São Paulo. 2016.

QUEIROZ, M. V. D. D. **Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930-1950).** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. São Carlos, SP. 2008.

SANTOS, M.; SILVA, V. F. **Feirantes e fregueses: negociações e sociabilidades na feira central de Campina Grande**. Iniciação científica. Universidade Federal de Campina Grande, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Relatório de Pesquisa. Campina Grande, PB. 2018.

SATO, L. **Feira Livre: Organização, Trabalho e Sociabilidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SECRETO, M. V. **Sem medida: revoltas no Nordeste contra as medições imperiais**, 2004. Disponível em: <<http://herzog.economia.unam.mx/amhe/memoria/simposio15/Maria%20Veronica%20SECRETO.pdf>>. Acesso em: Novembro 2018.

SILVA, V. F. D. **Crepúsculo antropológico**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-un Rosado, 2009.

SIMMEL, G. **Simmel: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-591, Outubro 2005.

SIMMEL, G. **O conflito da cultura moderna e outros escritos**. Tradução de Laura Rivas Gagliardi. São Paulo: Editora Senac, 2013.

SOUSA, F. G. R. B. D. **Cartografias e imagens da cidade: Campina Grande – 1920-1945**. Tese (Doutorado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo. 2001.

SOUTO MAIOR, A. **Quebra-quilos - Lutas Sociais no Outono do Império**. São Paulo: Companhia Nacional / Mec, 1978.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

VEDANA, V. **“Fazer a Feira”: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre**. Dissertação (mestrado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. 2004.

VEDANA, V. **No mercado tem tudo que a boca come. Estudo Antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo**. Tese (doutorado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. 2008.

VELHO, Gilberto C. Observando o familiar in NUNES, Edson de Oliveira (org.), **A Aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método de pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

DOCUMENTÁRIOS

FEIRA Central de Campina Grande - Patrimônio Imaterial e Cultural do Brasil. Direção: Paulo Henrique Braga. Produção: Giovanna Aquino. Intérpretes: Geraldo Maia. [S.l.]: [s.n.], 2007.

A Feira de Campina Grande. Direção: Elyseu C. Visconti. Intérpretes: Jorge Ramos. [S.l.]: Líder Cinematográfica Rio. 1979.